

VALÉRIA LÚCIA DE CAMARGO

**MATAR-SE EM NOME DE DEUS?
UMA ANÁLISE DO SUICÍDIO PRATICADO PELOS
HOMENS E MULHERES BOMBAS NO ISLAMISMO**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**PUC / SP
2007**

VALÉRIA LÚCIA DE CAMARGO

**MATAR-SE EM NOME DE DEUS?
UMA ANÁLISE DO SUICÍDIO PRATICADO PELOS
HOMENS E MULHERES BOMBAS NO ISLAMISMO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor José J. Queiroz.

**PUC / SP
2007**

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a meu pai, que já se foi, mas que vive no meu coração, aos meus queridos Victória, Nereston, Ricardo e Mariene, tão bons companheiros. A minha mãe, que sempre está ao meu lado, ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. J. J. Queiroz, pelo apoio irrestrito ao longo dos anos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido concluído sem a ajuda de algumas pessoas.

Em primeiro lugar, agradeço a oportunidade que me foi concedida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Agradeço o entusiasmo e a sabedoria de meu orientador, Prof. Dr. José J. Queiroz, sua atenção, carinho, paciência, compreensão e principalmente por não deixar-me desistir quando enfrentei uma das fases mais difíceis da minha vida, a morte de meu pai. Tê-lo como orientador foi suprir uma falta que para mim era insubstituível

A delicadeza, profissionalismo e sabedoria do Professor Paulo Daniel Elias Farah pelos importantes esclarecimentos e colaboração nos rumos do trabalho.

Ao professor Ênio José da Costa Brito pelo carinho que me foi dispensado, característica habitual no seu tratamento com os alunos e, principalmente, pelas orientações durante meu exame de qualificação. A professora Maria José Fontelas Rosado Nunes pelas grandes lições que aprendi em suas aulas e nos trabalhos apresentados, fazendo com que a troca de experiências, além de teóricas, fosse uma realidade vivida a cada explanação.

A todos os professores e aos alunos, principalmente àqueles que ingressaram comigo no Programa de Ciências da Religião e contribuíram para a realização deste trabalho. Ao coordenador do Programa de Ciências da Religião, professor Eduardo Cruz, pela atenção e pelo brilhantismo em desenvolver suas funções na gestão do curso.

À amiga e secretária do Programa, Andréia Bisuli, pelo ânimo transmitido diariamente ao acolher os alunos. Aos amigos, pelas inúmeras horas de estudo conjunto e pelo apoio profissional.

A Vera, minha mãe, pelo amor, carinho, dedicação, apoio, e transmissão de entusiasmo nas horas mais complicadas da minha vida.

À CAPES, pelo amparo.

Por fim, agradeço a Deus pela chance de poder usufruir de tanta sabedoria e conhecimento e a meu Ricardo, por incentivar meu crescimento pessoal e ser compreensivo desdobrando todo o seu companheirismo nos momentos mais delicados de nosso relacionamento.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar o suicídio praticado por homens e mulheres bombas no âmbito do Islã, um fenômeno com características peculiares, aparentemente vinculado à religião, que vem se expandindo e levanta grandes sobressaltos no mundo inteiro, por ser considerado uma das armas mais cruéis e espetaculares do terrorismo atual. O foco principal do trabalho é a resenha e a análise de leituras desse tipo de suicídio realizadas por autores que não pertencem à realidade cultural do Islamismo. A pesquisa buscou apontar o estado atual desse fenômeno, apresentar as principais posições que sobre ele manifestam os autores estudados e indicar questões para o cientista da religião decorrentes das leituras. O estudo revelou tratar-se de um fenômeno extremamente complexo, sobre o qual os autores estabelecem múltiplas e divergentes caracterizações. A maior incidência é a de classificá-lo como “terrorismo” com preponderância da motivação religiosa, ou como expressão do fundamentalismo muçulmano. Várias leituras apontam outras motivações, além da religiosa, atribuídas a fatores sociais, culturais, políticos e psicológicos. Um olhar crítico sobre as leituras questionou a generalização da índole violenta do fenômeno como sendo um apanágio da religião e da cultura muçulmana, em choque contra a democracia e a civilização ocidental, apontou leituras enviesadas das fontes islâmicas, em especial no que tange à qualificação dessa prática como jihad, a sua caracterização simplista como terrorismo ou fundamentalismo, sem levar em conta os fatores culturais que a circundam. Embora admitindo a presença marcante do fator religioso, descartou-se ser este a principal motivação. Salientou-se o seu aspecto de dádiva e entrega da vida, como também o profundo dilema ético que essa prática violenta suscita, cuja superação só poderá acontecer com o diálogo, a solidariedade e a luta contra todas as formas de barbárie que contaminam a sociedade.

Palavras-chave: suicídio, bombas humanas, islamismo, pós-modernidade, religião.

ABSTRACT

This work aims to research the suicides that are committed by muslim human bombers, a particular phenomenon usually referred to religious purposes and whose destruction is terrifying the world for its cruel and spectacular forms of destruction. The main purpose of this research is to report and to analyze some works of non muslim writers in order to point out the actual situation of suicide attackers and their positions about it. Afterwards, several questions are arisen to further studies for scientists of religion. This theme was pointed as being very complex and the authors' positions are multiple and diverse. Most of the writers describe these actions as a suicide terrorism motivated by religious beliefs. But also, many other motivations are indicated as having social, cultural, politic and psychological roots. A critical view of the works brings to censure the tendency to consider the violent suicide as the result of muslim religion and culture in its fight against the western democracy and civilization. Some incorrect readings of this kind of suicide as jihad or simply as terrorism or Islamic fundamentalism were criticized because they do not consider their cultural factors. The religious belief was admitted as a relevant factor but not as the chief motivation. The action of the suicide attacker was point out as a gift of life and as a religious experience but it rises a deep ethical dilemma for killing himself and innocent people. Dialogue, solidarity, love and struggle against all forms of barbarism are required to overcome suicide attackers.

Key-words: suicide attackers, non muslim readings, Islam, religion, post-modernity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - O SUICÍDIO ONTEM E HOJE	19
1.1 – MORTE E SUICÍDIO.....	19
1.2 – O SUICÍDIO SOB A PERSPECTIVA FILOSÓFICA, RELIGIOSA E SOCIOLÓGICA.	22
1.2.1 – <i>O suicídio no campo filosófico.....</i>	<i>22</i>
1.2.2 – <i>Suicídio e religião.....</i>	<i>23</i>
1.2.3 – <i>Suicídio e sociedade – A leitura de Durkheim.....</i>	<i>25</i>
CAPÍTULO II - A SITUAÇÃO ATUAL DO SUICÍDIO. INTRODUZINDO A PROBLEMÁTICA NO ISLAMISMO.....	28
2.1 – SUICÍDIO E O HOMEM CONTEMPORÂNEO. OS HOMENS E MULHERES BOMBAS: SITUAÇÃO ATUAL.....	28
2.2 – SUICÍDIO SOB INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS.....	29
2.2.1 – <i>Homem e mulher bomba: como era antes.....</i>	<i>31</i>
2.2.2 – <i>Na atualidade</i>	<i>32</i>
2.3 – REDE, GRUPOS E MOVIMENTOS MILITANTES QUE ABRIGAM OS HOMENS E MULHERES BOMBAS.....	33
2.3.1 – <i>A rede Al Qaeda.....</i>	<i>34</i>
2.3.2 – <i>Hezbollah.....</i>	<i>34</i>
2.3.3 – <i>Organização para Libertação da Palestina (OLP).....</i>	<i>35</i>
2.3.4 – <i>Hamas (Movimento da Resistência Islâmica).....</i>	<i>36</i>
2.3.5 – <i>Intifada.....</i>	<i>37</i>
2.3.6 – <i>Jihad Islâmica.....</i>	<i>38</i>
2.3.7 – <i>Taleban.....</i>	<i>39</i>
2.4 – NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE O ISLAMISMO	40
2.4.1 – <i>Islamismo</i>	<i>41</i>
2.4.2 – <i>Religião e religiosidade no Islamismo</i>	<i>43</i>
2.4.3 – <i>Morte e suicídio no Islã.....</i>	<i>47</i>
CAPÍTULO III - O SUICÍDIO COMETIDO POR HOMENS E MULHERES BOMBAS NA LEITURA DE AUTORES NÃO MUÇULMANOS.	50
3.1 – AUTORES TRABALHADOS	50
3.1.1 – <i>Pastore.....</i>	<i>50</i>
3.1.2. – <i>Cardoso e Sabbatini.....</i>	<i>53</i>

3.1.3 – Kamel	55
3.1.4 – Stern.....	58
3.1.5 – Demant.....	61
3.1.6 – Armstrong.....	64
3.1.7 – Antes	70
3.1.8 – Pape	71
3.1.9 – Atran.....	72
3.1.10 – Dalacoura	77
3.1.11 – Bendle	79
3.1.12 – Euben.....	82
3.1.13 – Kitschelt.....	85
3.1.14 – Cook.....	88
3.1.15 – Sedgwich.....	92
3.1.16 – Pedazhur	96
3.1.17 – Dishman	98
3.1.18 – Strenski.....	100
3.1.19 – Hetch	101
3.1.20 – Bloom	103
3.1.21 – Kimhi e Even	104
3.1.22 – Dolnik.....	105
3.1.23 – Dale	105
3.2 – QUADRO SINÓTICO	107
CAPÍTULO IV - PARA ONDE APONTAM AS LEITURAS. UM ESBOÇO DE HERMENÊUTICA E ANÁLISE CRÍTICA.	124
4.1 – A CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA	124
4.1.1 – <i>A prática do homem e mulher bomba como ato de terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista.....</i>	124
4.1.2 – <i>A prática do homem e da mulher bomba como ato religioso.....</i>	125
4.1.3 – <i>O homem e mulher bomba vistos como neuróticos e fanáticos</i>	127
4.1.4 – <i>A prática do homem e mulher bomba como expressão do fundamentalismo</i>	127
4.2 – AS MOTIVAÇÕES DA PRÁTICA	128
4.3 – PARA ALÉM DA RESENHA. ANÁLISES E CRÍTICAS.	129
4.3.1 – <i>Seria o ato um suicídio?</i>	129
4.3.2 – <i>Seria um ato terrorista?</i>	130
4.3.3 – <i>Seria mero fundamentalismo?.....</i>	133
4.3.4 – <i>A relevância e os limites do fator religião</i>	137
4.3.5 – <i>A prática como experiência religiosa radical e extrema. A dádiva. ...</i>	138
4.3.6 – <i>O dilema ético.....</i>	140
CONCLUSÃO	143
BIBLIOGRAFIA.....	149

INTRODUÇÃO

O mundo tem visto, através da mídia, espetáculos horrendos, de que são protagonistas homens e mulheres que se transformam em bombas vivas e se explodem em locais públicos ou privados, ocasionando, além de sua morte, a de inúmeras pessoas.

Vários são os métodos utilizados por esses indivíduos, ora envolvendo seu próprio corpo com explosivos, ora portando objetos de destruição, ora dirigindo veículos com explosivos de grande poder de destruição, ora transformando aeronaves em armas arrasadoras, como no episódio que alvejou o World Trade Center de Nova Iorque.

Este ato tem recebido denominações variadas como: suicídio, homicídio, martírio, shahid¹, jihad, guerra santa, e outros. São estratégias utilizadas na atualidade com frequência por adeptos do Islamismo e o assunto tornou-se atual, com grande ressonância mundial, devido ao alargamento desta prática e o impacto que provoca no mundo ocidental.

O fenômeno suscita múltiplas indagações e perplexidade. Através do presente estudo, tentaremos entender o que leva pessoas a cometerem a autodestruição e a destruição de várias outras, legitimando seu ato em nome de Deus e, também, investigar o motivo de tal ato possuir interpretações variadas, o que consideramos uma busca com grande relevância social.

O interesse pelo tema decorreu de minha formação jurídica ao longo da qual percebi uma aproximação muito intensa entre o direito e a religião.

A idéia inicial era compreender o suicídio como um fenômeno ligado tanto ao direito quanto a ciências da religião. Depois, resolvemos focalizar o suicídio na prática dos homens e mulheres bombas no âmbito do Islã buscando entender

¹ Segundo indicação do professor Paulo Daniel Elias Farah, no Exame de Qualificação, as palavras shahid e jihad querem dizer mártir e esforço, respectivamente.

como um fenômeno tão individual, que parece vinculado à religião, pode assumir conseqüências sociais de grandes proporções.

É um fenômeno que toca a vida e a liberdade de viver, e a espinhosa questão da relação entre religião e violência.

Este assunto tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores que buscam entendê-lo em si mesmo e caracterizá-lo pelos efeitos causados na sociedade. A morte natural e a que decorre de homicídio ou suicídio, sempre se apresentaram como um mistério entre os seres humanos e objeto de estudo e interpretação. Mais intrigante ainda é esse tipo de suicídio, por suas características peculiares.

Autores como Bowker (1995), Bayard (1996), Dias (1991), Durkheim (2000), Alvarez (1999) e Kalina & Kovadloff (1983), apresentam, em seus estudos, a morte e seus diferentes aspectos, conceituação e interpretação.

A morte como suicídio ou autodestruição da pessoa, no contexto do Islamismo, tem sido trabalhada por autores renomados, como Kamel (2003), Pape (2005), Cardoso e Sabbatini (2001), Stern (2004), Armstrong (2001), Antes (2003), Demant (2004) e outros que veremos no capítulo terceiro. Esses estudos tendem a se ampliar devido ao aumento e a espetacularização dessa prática pela intervenção da mídia e a sua utilização como forma de arma para a destruição do inimigo.

Os psicólogos Cardoso e Sabbatini (2001) que têm estudado o terrorismo por mais de 30 anos, identificaram quinze organizações terroristas diferentes em doze países que têm abrigado táticas suicidas nos últimos 20 anos.

Estes autores abordam o tema suicídio, no artigo A mente do Terrorista Suicida, na qual falam das “mentes sombrias dos terroristas suicidas que têm como objetivo provocar medo, ansiedade, dor, desespero e muitas mortes, ao se explodirem juntamente com o alvo escolhido”.

Alegam, ainda, no mesmo artigo, que quem pratica esse tipo de suicídio é “impulsionado pela crença de que a vitória da causa deve ser alcançada, a

qualquer custo; é motivado por razões políticas, religiosas ou étnicas e costuma justificar a violência em nome da religião”.

Kamel (2003) discute a questão da prática do suicídio religioso ao longo da história; afirma ser uma prática existente desde o século IX, que tomou proporções avançadas na contemporaneidade.

Já a autora Stern (2004) enfoca sua pesquisa nos líderes religiosos. Durante quatro anos, pesquisou mais de cem ativistas religiosos, originando o livro *Terror em Nome de Deus: Porque os Militantes Religiosos Matam*, no qual explica a formação e a utilização da religião, pelos líderes, como motivação e justificação de seus atos.

A autora Armstrong (2001) afirma, em seu livro *O Islã*, que nenhuma outra religião do mundo é tão temida e tão mal compreendida quanto o Islamismo e que, mesmo assim, é a fé que mais cresce no mundo. Armstrong tenta corrigir essa visão limitada, oferecendo um instigante retrato do mundo islâmico.

Antes (2003) procura, através de sua obra, mostrar o Islã e a sua política situando-o no panorama mundial, tendo em vista a expansão do Islamismo e de suas diferentes correntes. Aborda, ainda, a ética no Islã e alerta quanto à questão do Islã abranger o ser humano, em todos os seus aspectos, diferentemente de outras religiões.

Demant (2004) rastreia, em seus estudos, as origens do mundo muçulmano, discute seus impasses contemporâneos e aponta as ações que precisam ser desencadeadas para se evitar uma ameaçadora guerra de civilizações.

Como se vê deste breve estado da arte, há uma grande heterogeneidade de enfoques e diferentes visões desta entrega da vida que parece motivada pelo fator religioso.

Nas obras citadas, com freqüência, a experiência de religiosidade e a motivação religiosa são apontadas como razões para justificar o suicídio fazendo amiúde referência às fontes islâmicas desse fenômeno para enquadrá-lo como um ato religioso.

Ao mesmo tempo, o auto-sacrifício dos homens e mulheres bombas no Islamismo é considerado como uma das armas mais trágicas utilizadas pelos terroristas na atualidade.

Lida muitas vezes no bojo do desenvolvimento alarmante do terrorismo internacional, esta prática quase sempre é objeto de interpretação equivocada e de julgamento preconceituoso pela sociedade.

Estudar esse fenômeno é uma busca relevante por ser um tema que levanta muitas indagações e problemas que precisam ser desvendados. Tratar-se-ia de uma prática amparada pela fé islâmica, apesar do Islamismo condenar o suicídio?².

O assunto possui pertinência social; como já foi dito, toca uma das temáticas mais polêmicas e discutidas, que é a relação entre religião e violência. Embora tendo como pano de fundo esse horizonte amplo, nossa pesquisa tem balizas mais restritas.

O objeto desse estudo é o suicídio – que Durkheim define como todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado (DURKHEIM, 2000).

Limitaremos nosso estudo ao suicídio praticado por adeptos da religião islâmica, perpetrado na atualidade por indivíduos que costumam ser denominados de “homens e mulheres bombas”.

O foco principal do trabalho é a resenha e a análise de leituras desse tipo de suicídio realizadas por autores que não pertencem à realidade cultural do Islamismo. A intenção original era também fazer uma leitura desse fenômeno a partir das fontes da doutrina islâmica (Alcorão, Hadith, Sunnah) e das interpretações de autores islâmicos.

Infelizmente, essa proposta foi provisoriamente abandonada. Primeiro, pelo fator tempo, pois esta dissertação deverá ser depositada até 30 de março de

² Mais à frente, no capítulo segundo, será discutida a posição do Islã diante do suicídio.

2007, o que impossibilita um trabalho consistente. Segundo, porque essa proposta vai requerer um estudo aprofundado da cultura islâmica em geral. Talvez esse objetivo poderá ser realizado em um possível trabalho de doutorado, acompanhado de estágio no Centro de Estudos Árabes da USP.

As leituras de autores não muçulmanos serão apontadas especialmente no capítulo terceiro, buscando respostas às seguintes indagações: qual é o estado atual do suicídio praticado pelos homens e mulheres bombas no Islamismo? como autores não muçulmanos interpretam essa prática? O que essas leituras suscitam como objeto de análise para as Ciências da Religião?

Diante da expansão dessas imolações de homens e mulheres no âmbito do Islamismo, cujo resultado provoca a morte de inúmeras pessoas, além da vítima, os autores não muçulmanos são unânimes em condenar essa prática. Entretanto, como já aparece do breve estado da arte, as interpretações e justificativas são heterogêneas. O que pensar dessas leituras? Não temos hipóteses propriamente ditas; apenas algumas suposições preliminares podem ser adiantadas, a serem averiguadas na análise das mesmas.

Talvez revelariam, para usar expressões de Farah “generalizações indevidas que o Ocidente tem de Islamismo; e vice-versa” (FARAH, 2001, p.10); talvez “interpretações enviesadas dos vários mundos muçulmanos”; (*Ibid.*, p. 10); quiçá também, resquícios “da confusa e frágil teoria de ‘choque de civilizações’ [...] como se fosse possível reduzir conceitos complexos – e, por isso, temas de divergências – a dois campos excludentes” (*Ibid.*, p. 8-9).

Como objetivos ou resultados concretos deste trabalho, pretendemos realizar um levantamento dos dados e análises contidos em obras de autores não muçulmanos que focalizam a prática de homens e mulheres que, no âmbito do Islamismo, cometem autodestruição e a destruição violenta de pessoas muitas vezes inocentes, de bens, de edifícios, de lugares, de meios de transporte, etc.

Em se tratando de uma investigação no âmbito das ciências da religião nosso intento é verificar, nessas leituras, como a religião e o islamismo são trabalhados e

que questões poderiam cair sob o olhar do cientista da religião pensando em temas para futuras pesquisas.

Enfim, almejamos descobrir possíveis convergências, divergências, limitações, lacunas, pontos positivos e negativos nessas leituras.

Para analisar o nosso objeto, será necessário recorrer à fontes teóricas que focalizam conceitos centrais como a morte, o suicídio, em geral, e aqueles cometidos por motivos altruístas ou por motivos religiosos.

Os autores Bowker (1995), Bayard (1996), Dias (1991), Durkheim (2000), Alvarez (1999), Kalina & Kovadloff (1983), Palhares & Bahls (2003) e Lima (2005) apresentam uma vasta conceituação e interpretação do fenômeno morte ao longo da história da humanidade e focalizam seus aspectos culturais, religiosos e sociais.

Embora nosso enfoque seja a morte do indivíduo provocada por ele mesmo (suicídio) no âmbito da religião islâmica, essas conceituações são úteis como pano de fundo mais amplo para entendermos o nosso objeto de pesquisa.

Também será necessário conceituar o Islamismo sob o prisma histórico, cultural e religioso. O suporte antropológico cultural será buscado nas interpretações e análises de Geertz e Mauss. Não nos estenderemos sobre essas exposições teóricas, nesse item do projeto, porque elas aparecerão em detalhe ao longo dos capítulos.

A metodologia adotada é a revisão bibliográfica mediante a coleta de bibliografia, seleção de material; leitura, análise, interpretação dos textos; e organização e discussão do material na elaboração dos capítulos.

O corpo da dissertação será organizado em quatro capítulos:

No primeiro capítulo intitulado “*O suicídio ontem e hoje*”, será abordado o suicídio na história e no contexto atual: inicialmente, serão conceituados e diferenciados os aspectos de morte e suicídio; em seguida, será discutida sua conceituação e interpretação ao longo da história sob o enfoque filosófico, religioso e sociológico.

No segundo capítulo denominado “*A situação atual do suicídio. Introduzindo a problemática no Islamismo*”, primeiramente, abordaremos a questão deste tipo de suicídio na realidade atual. Em seguida, faremos uma retrospectiva sobre os atentados suicidas ao longo da história. Voltando para a atualidade, apresentaremos os principais grupos militantes islâmicos que se utilizam dessa prática em nome de Deus, focalizaremos religião e a religiosidade do Islamismo, a questão da morte e suicídio no Islã.

No terceiro capítulo intitulado “*O suicídio cometido por homens e mulheres bombas na leitura de autores não muçulmanos*”, faremos uma resenha das leituras que colhemos na bibliografia, finalizando com um quadro sinótico do material, a fim de possibilitar um estudo comparativo e analítico que será objeto do capítulo quarto.

No capítulo quarto nomeado, “*Para onde apontam as leituras. Um esboço de hermenêutica e análise crítica*”, faremos uma análise destas leituras buscando responder às questões, discutir as suposições preliminares apontadas anteriormente, e realizar os objetivos propostos. Será preocupação do capítulo estabelecer um olhar analítico para as leituras expostas no capítulo terceiro, apontando possíveis convergências, divergências, limitações, lacunas, pontos positivos e negativos.

Capítulo I - O suicídio ontem e hoje

Neste capítulo, abordamos a morte como evento universal com significados e interpretações variadas de acordo com o grupo social. Em seguida, tratamos da morte, especificadamente, do suicídio na história e no contexto atual. Primeiramente, falaremos de morte e suicídio diferenciando seus aspectos particulares. Em seguida, discutiremos a conceituação e interpretação do suicídio ao longo da história, dando realce à influência dos aspectos religiosos na questão.

1.1 – Morte e suicídio

Diversos estudos têm apresentado a morte como elemento essencial da cultura dos povos (BOWKER, 1995; BAYARD, 1996; DIAS, 1991; DURKHEIM, 2000; ALVAREZ, 1999).

O que não podemos ignorar é que a morte faz parte da vida de todos os seres humanos independentemente de qual seja seu grupo social e de como interpretam o ato de morrer, já que a interpretação está relacionada à cultura de um povo.

Bowker em seu livro, *Os sentidos da morte*, apresenta claramente esta questão com o pensamento de Huntington & Metcalf sobre a universalidade da morte³:

O que poderia haver de mais universal do que a morte? No entanto, que variedade incrível de respostas ela evoca. Cadáveres são queimados ou sepultados, com ou sem sacrifício animal ou humano; são preservados por defumação, embalsamamento ou salmoura; são comidos – crus, cozidos, ou assados; são ritualmente expostos como carniça ou simplesmente abandonados; ou são desmembrados e tratados nessa variedade de sistemas.

³ HUNTINGTON & METCALL, *Celebrações da morte*, 1979, p. 1, *apud* BOWKER, 1995, p.32.

Os funerais são a ocasião para evitar pessoas ou promover cerimônias, para lutar ou fazer orgias sexuais, para chorar ou rir, em milhares de combinações diferentes. A diversidade da reação cultural é a medida do impacto universal da morte. Mas, não é uma reação ocasional, é sempre significativa e expressiva (HUNTINGTON & METCALL *apud* BOWKER, 1995, p.32).

Vários são os significados e as explicações para o fenômeno “morte”, criando maneiras diversas de lidar com ela, dependendo, porém das crenças, costumes, fatores culturais e religiosos. Para o autor, essa diversidade provem das religiões, uma vez que “a morte tem recebido todo tipo de interpretações, desde derrota e castigo até libertação e oportunidade” (BOWKER, 1995, p. 237).

Segundo o autor, é possível oferecer através da religião “paraísos compensadores para aqueles que não conseguem encarar as realidades da morte e do esquecimento” (*Ibid.*, 1995, p. 16) e cita o antropólogo Malinowski ⁴ que proclamava que a morte, como crise suprema e final da vida, de todas as fontes da religião, é da maior importância.

A morte é o portão de entrada para o outro mundo mais do que no sentido literal. De acordo com quase todas as teorias sobre a religião primitiva, a inspiração religiosa decorreu, em grande parte, senão totalmente, da morte – e nisso os pontos de vista ortodoxos no seu conjunto estão corretos... A morte e sua negação – a imortalidade – sempre constituíram, como constituem hoje, o tema mais pungente dos pressentimentos humanos (MALINOWSKI *apud* BOWKER, 1995, p. 18).

⁴ É o fundador da corrente antropológica conhecida como “Funcionalismo”, baseada na idéia de que cada um dos componentes das instituições sociais se relacionam entre si dentro de um sistema em que cada um tem uma função. Extraído da Wikipédia Enciclopédia livre, disponibilizado no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Bronislaw_Malinowski acesso 03/10/2005.

Bowker acredita que a exploração do tema morte foi e tem sido objeto para atrair crentes e, portanto, continuar exercendo poder, controle e manipulação sobre os homens e mulheres oprimidas e indefesas (*Ibid.*, 1995).

Autores como Dias retornam às sociedades primitivas para entender o significado da “morte”. Em seus estudos, Dias contemplou que o grupo social encara a morte como parte integrante do viver, sem excluí-la da vida social (DIAS, 1991).

A morte pode ser produzida pelo homicídio, suicídio ou causa natural. Neste trabalho, particularmente, o enfoque será no suicídio por homens e mulheres bombas que também possui interpretação variada de acordo com fatores sociais, culturais, religiosos, e outros. Enquanto para uns o suicídio é encarado como término da vida, Dias apresenta outro enfoque:

O suicídio representado no imaginário simbólico do suicida não tem a ver com a idéia de morte como um fim, como extinção da vida, como término da existência. O processo de elaboração do luto e da morte envolve o reconhecimento da perda, do desaparecimento da vida e das relações interpessoais. Paradoxalmente, para o indivíduo suicida, a morte representa uma passagem, uma entrada para um outro estado também vivo, certamente mais prazeroso que este aqui. Então, também a imagem que os outros têm sobre a experiência do indivíduo suicida não corresponde à imagem fornecida por ele sobre sua morte (*Ibid.*, 1991, p. 87).

Nessa linha, os autores Kalina & Kovadloff apontam que o suicídio, que antes era encarado como uma proibição, passa a ser uma condição para uma vida melhor, devendo ser encarado como um problema de saúde da sociedade por ser “uma patologia social”. O suicida com sua morte demonstra a intolerância com seu grupo social (KALINA & KOVADLOFF, 1983, p.15). A seguir, trabalhamos o suicídio sob a perspectiva filosófica, religiosa e sociológica.

1.2 – O suicídio sob a perspectiva filosófica, religiosa e sociológica.

O suicídio, em si, já traz consigo aspectos particulares e individualizados que não podem ser generalizados. Ao longo de anos, várias problemáticas surgiram em torno da definição e interpretação, pois o que, para muitos, era algo abominável, para outros era a válvula de escape de uma vida sofrida rumo à eternidade.

Desde os primórdios, o suicídio já era praticado entre povos primitivos como forma de coesão social, sendo impossível precisar seu início. O suicídio existe há muito tempo e adquire significados e funções diferentes de acordo com a época e com a civilização (SILVA, 1992). Apresentamos a seguir o suicídio no campo filosófico, religioso e sociológico.

1.2.1 – O suicídio no campo filosófico⁵.

Desde a antiguidade até a atualidade os filósofos se preocuparam com o suicídio. Já Pitágoras o considerava como um ato de insubordinação contra a divindade. Na mesma linha se colocava Platão. Aristóteles julgava severamente o suicídio por ser contrário ao bem social.

Os epicuristas e estóicos pregavam a indiferença generalizada frente à vida e à morte. Para eles, o suicídio é admissível e até necessário como último recurso para preservar a própria dignidade moral.

Entre os neo-platônicos, a condenação ao suicídio se respalda em motivos morais, religiosos, sociais e éticos. Suicidar-se é sacrificar a possibilidade de uma realização moral da própria vida depois da morte. O cristianismo aponta a perversidade moral do suicídio e recorre ao fundamento teológico para condená-lo. O ser humano participa da vida divina, por isso ele não tem domínio sobre o seu existir.

⁵ Estas considerações foram gentilmente sugeridas pelo professor Ênio J. da Costa Brito, no Exame de Qualificação.

O cristianismo encara a vida como um tempo de prova e de merecimentos para a eternidade. Assim, o suicídio seria uma evasão, movida pela intenção de livrar-se do corpo, das tentações e do sofrimento. O mal, a dor e as adversidades são ocasiões de purificação e de solidariedade. Sofrer é um caminho ascético e ao mesmo tempo místico de elevação da alma a Deus.

Na Idade Média, Tomás de Aquino, na *Summa Theologiae II – II, q. 64, a.5 e q. 69, a.3*, afirma que o suicídio “é contra a caridade, pela qual cada um deve amar-se”; além disso, ele constitui uma “injúria contra a comunidade” e se torna também um “pecado contra Deus, pois o suicida usurpa para si o julgamento de algo que não lhe pertence” .

O pensamento moderno, de Descartes a Kant, reprova o suicídio. Para Kant, trata-se de uma ofensa ao princípio da dignidade pessoal do homem, que é o ser portador da moralidade. No ato do suicídio, a pessoa dispõe de si como um instrumento para um fim arbitrário e assim rebaixa a humanidade da própria pessoa. E como pessoa, lhe é confiada a conservação da própria vida.

Schopenhauer não vê argumentos válidos contra o suicídio além daquele que o condena por impedir a realização do fim moral.

O pensamento contemporâneo, na linha do existencialismo, que surgiu e evoluiu das tragédias da humanidade nas duas últimas guerras mundiais, e recusa a transcendência e a esperança cristã encara o suicídio como um ato de liberdade, uma escolha suprema e decisiva, que qualifica a existência e liberta a pessoa da eterna condenação, como a de Sisifo, que a faz rolar a pedra da vida, montanha acima, retornando sempre a subida, indefinidamente (Camus). O suicídio pode ser a saída de uma situação que aniquila o homem (Jaspers).

Estes breves acenos (infelizmente o tempo e o espaço não nos permitem ir mais a fundo) indicam que o olhar filosófico, salvo raras exceções, é de condenação ao suicídio.

1.2.2 – Suicídio e religião.

Para muitos, o suicídio sempre esteve ligado à religião. Dias comenta que, nas sociedades primitivas, a religião impunha o suicídio como parte da vida dos indivíduos. Pessoas eram obrigadas, seja por regras do grupo ou regras internas, a se matar, cujos motivos variavam de acordo com a sociedade à qual pertencia o suicida (DIAS, 1991).

A autora comenta que os antigos citas⁶ são exemplos de grupo social que consideravam um ato de suprema honra matar-se quando ficavam velhos demais para o seu modo de vida nômade, poupando, assim, os membros mais jovens da tribo do trabalho e da culpa de matá-los. Já entre os vikings, os esquimós, os astecas, os hindus, os wajagga, o suicídio coletivo era cometido para fugir da violência de outras civilizações (*Ibid.*, 1991).

Nos costumes dos hindus, o suicídio também era cometido por homens no início da velhice, ou acometido por enfermidades. Já as mulheres cometiam o suicídio por ocasião da morte do marido. Havia, ainda, outras razões como os suicídios de clientes ou servidores por ocasião da morte de seus chefes (DURKHEIM, 2000).

Em todos esses grupos, há a ligação entre os membros que, por estarem “intensamente coesos”, são capazes de sacrificarem “a própria vida em prol de suas crenças” (ALVAREZ, 1999, p. 102). Para Durkheim, esse sacrifício é possível porque os indivíduos reconhecem esse dever perante o seu grupo social (DURKHEIM, 2000).

Para os autores Kalina & Kovadloff, além da ligação entre os membros do grupo social, existe o estímulo e a legitimidade religiosa (KALINA & KOVADLOFF, 1983). Nos primeiros séculos da era cristã, a posição da Igreja era, muitas vezes, contraditória, ora encarava o suicídio como uma atitude benéfica, ora como uma atitude maléfica.

⁶ “[...] povos nômades de origem indo-européia que emigraram para o Ocidente na antiguidade, as tribos citas, belicosas e adoradoras do deus da guerra, absorveram importantes aspectos das culturas com que tiveram contato, como a persa e a grega.” Extraído da *Nova Enciclopédia Barsa*, Editora Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., Macropédia, Volume 4, p. 230 e 231, São Paulo: 1998.

A interpretação positiva do suicídio pela Igreja fez com que um número expressivo de fiéis cometesse o ato para alcançar a redenção, gerando preocupação tanto para Igreja quanto para o Estado. As mortes dos fiéis/cidadãos produziam enfraquecimento econômico, situação que colocava em risco a existência da religião e do Estado (ALVAREZ, 1999).

Para evitar o extermínio da Igreja e do Estado, o suicídio passou a ser interpretado negativamente. A vítima (suicida) não tinha direito aos rituais religiosos, seus bens materiais não eram transmitidos aos herdeiros e seus cadáveres eram expostos e castigados publicamente, tratamento idêntico aos ladrões e assassinos. O autor comenta que, com a Revolução Francesa, o Estado e a Igreja aboliram as medidas repressivas, passando a tolerar o suicídio e interpretá-lo como um problema social (SILVA, 1992).

1.2.3 – Suicídio e sociedade – A leitura de Durkheim.

O suicida, em tempos atrás, era tratado como um indivíduo excluído da sociedade. O ato era encarado como individual e com motivações pessoais, razões que levavam o suicida a ser tratado como um indivíduo não pertencente a um grupo social. Suicidar-se era simplesmente considerado um ato isolado, íntimo e particular do ser humano.

Durkheim introduziu visões inovadoras a respeito do suicídio e somente após o seu estudo foi que ocorreu mudança no ponto de vista apregoado até então: o que antes era considerado um ato isolado, individual e sobretudo anti-social, passou a fazer parte do contexto da sociedade. Com essa nova interpretação, Durkheim trouxe mudanças e inovações nas interpretações dadas até então ao suicídio.

Palhares e Bahls relatam, ainda, que a discussão do suicídio tomou outras proporções através das pesquisas realizadas por Durkheim que, em seus estudos, remetia o suicídio às condições sociais e não mais à discussão a respeito da moralidade do ato.

Os estudos científicos se iniciaram no século XIX e o marco histórico na discussão científica sobre suicídio é o livro de Emile Durkheim, intitulado O Suicídio e subtítulo Um estudo sociológico (publicado pela primeira vez em 1897), que deixava clara a perspectiva deste autor. Sua questão remetia às condições sociais que produziam tamanho desespero e não mais à moralidade do ato. (PALHARES E BAHLS, 2003, p.01).

A visão durkheimiana permite compreender o suicídio como um fenômeno social, uma manifestação pública de interesses da coletividade à qual o suicida pertence, podendo haver sobre ele uma determinação social, externa ao indivíduo.

Para Durkheim, o suicídio é “antes de tudo, o ato de desespero de um homem que não faz mais questão de viver” e desta maneira propõe que o ato de suicidar-se é o reflexo de um problema social e assim afirma que a quantidade de suicídios em um determinado grupo social pode ser explicada através de uma análise da sociedade e não do indivíduo (DURKHEIM, 2000, p.13).

As contribuições de Durkheim foram além da inovação interpretativa, contribuindo também com a definição de suicídio⁷. O autor definiu o suicídio como toda morte “que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (*Ibid.*, 2000, p. 14).

O autor apresenta ainda três categorias sociais em que o suicídio poderia estar compreendido: suicídio egoísta, anômico e altruísta, variando de acordo com o tipo de perturbação existente entre o indivíduo e a sociedade.

[...] suicídio egoísta, que seria motivado por um isolamento exagerado do indivíduo com relação à sociedade, que o transforma em um “solitário”, um marginalizado, que não possui laços suficientemente sólidos de solidariedade com o grupo social;

⁷ A definição de suicídio apresentada por Durkheim é utilizada ainda hoje pelo nosso Código Penal Brasileiro, instituído pelo Decreto-lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940 (GIANULO, 2004).

suicídio altruísta, que está noutra extremo, ou seja, quando o ser humano está não mais desligado da sociedade, mas ao contrário está demasiadamente ligado a ela;

suicídio anômico, [...] vem da noção de anomia, a ausência de normas. O suicida por anomia é aquele que não soube aceitar os limites morais que a sociedade impõe; aquele que aspira a mais do que pode, que tem demandas muito acima de suas possibilidades reais, e cai, portanto, no desespero (*Ibid.*, 2000, p. XXVI).

A tipologia apresentada por Durkheim depende do envolvimento da vítima (suicida) com seu grupo social. Nos argumentos apresentados pelo autor destacam-se as fortes influências que o grupo social exerce sobre o suicida, seja através dos aspectos culturais, sociais, políticos e sobretudo religiosos.

Como retratamos nos tópicos anteriores, vários estudos surgiram com o intuito de apoiar e sustentar a teoria de Durkheim ao considerar o suicídio um fenômeno social, e indicando que a participação da sociedade justificaria sua propagação.

Segundo os autores Kalina & Kovadloff foi através da consciência social que o campo médico, que até então via o suicídio como uma manifestação de loucura, passou a tratá-lo com uma abordagem menos moral e mais científica. Ao longo dos anos, o suicídio deixou de ser letal somente para a vítima passando a ser usado como uma arma de destruição em massa para atingir os objetivos do grupo social.

CAPÍTULO II - A situação atual do suicídio. Introduzindo a problemática no Islamismo.

No que tange à situação atual do suicídio como arma de destruição, primeiramente, falaremos deste fenômeno e dos conflitos que o circundam. Indicaremos alguns grupos militantes islâmicos que abrigam essa prática, e justificam pela religião a auto-imolação dos homens e mulheres bombas. Daremos algumas noções preliminares sobre o islamismo, sua religião e religiosidade e como ele encara a morte e o suicídio.

2.1 – Suicídio e o homem contemporâneo. Os homens e mulheres bombas: situação atual.

A prática do suicídio está impregnada na vida social do homem contemporâneo, caracterizando, na opinião dos autores Kalina & Kovadloff, uma “existência tóxica” para a sociedade atual, devido à multiplicação das “condutas autodestrutivas” e a “despersonalização urbana do homem contemporâneo” (*Ibid.*, 1983, p. 65).

O homem contemporâneo, além de participar do processo de multiplicação e modernização de armas autodestrutivas, tem utilizado a vida humana como uma nova categoria de arma de destruição conhecida como os homens e mulheres bombas.

Estas pessoas são suicidas porque atentam contra sua própria vida, mas o resultado vai além da sua morte, objetivando, ainda, a morte de outrem. Essa característica torna a definição de suicídio trabalhada por Durkheim insatisfatória. As bombas humanas se matam e matam em defesa dos propósitos de seu grupo social.

Para Stern, o homem e mulher bomba é um “assassino-suicida” e não significa simplesmente uma “desesperança individual”, pois na maioria dos casos, retrata o interesse coletivo. (STERN, 2004, p. 29).

O mistério desse prática ultrapassa a decisão da vítima, alcançando a posição do grupo social ao qual pertence, deixando de ser um ato privativo para tornar-se um espetáculo público em nome de uma causa muitas vezes incompreensível: Deus.

2.2 – Suicídio sob influências religiosas

Por ser, o homem e mulher bomba, segundo a psicóloga Pezo, um fenômeno freqüente e comum do Oriente Médio, que nos remete ao mundo muçulmano, acredita-se que a prática tem influências religiosas e a imolação desses homens e mulheres provavelmente está envolta em uma perspectiva transcendental (PEZO, 2005).

A religião, como visto anteriormente, exerceu e ainda exerce função de agregar e desenvolver o sentimento altruísta em seus seguidores. O altruísmo religioso pode ser responsável pelo crescimento do suicídio através das bombas humanas em diversos lugares do mundo. Pape constatou inúmeros lugares que já foram vitimados pelos homens e mulheres bombas: Nova York, Washington, Madri, Bali, Moscou, Riad, Karachi, Casablanca, Istambul, Londres e outros (PAPE, 2005).

O uso desses atos extremos e violentos por grupos muçulmanos demonstra não só a vulnerabilidade das sociedades do mundo, mas também a religião islâmica como elemento organizador do grupo social, idéia defendida por Durkheim em sua obra, *As formas elementares da vida religiosa* (DURKHEIM, 2003).

Alguns grupos muçulmanos abrigam a prática dos homens e mulheres bombas para defender a fé e os ideais do grupo, considerando o ato justificável e aceito por Deus, posição que não é unânime entre os muçulmanos.

O xeque Abdouni, representante da comunidade muçulmana no Brasil, declarou, em entrevista, que não reconhece essa imolação como sendo um fenômeno islâmico, e alerta que são atitudes de uma minoria responsável por divulgar uma imagem violenta. Afirma o xeque que “o Alcorão prega a paz; a guerra só é legitimada se for uma forma de o muçulmano se defender, ainda assim, dentro de seu território” (ABDOUNI, 2005, p. 11).

Já Ali⁸ acusa o Islã de instigar o terror e de utilizar (equivocadamente) algumas suras, contidas no Alcorão, para justificar a violência, além de conduzir a consciência dos suicidas através de “um sistema que espolia as liberdades do indivíduo” e intervém na privacidade do muçulmano que não são livres para questionar a crença religiosa (ALI, 2005, p. 12).

Essa última leitura tem sido aceita por grande parte dos analistas não muçulmanos e pela mentalidade ocidental que condena esses grupos islâmicos que pretendem defender sua crença e ideologia mediante um ato que provoca mortes de inocentes e causa “terror” aos sobreviventes.

Para Wilkinson, essa produção de “terror” está enquadrada no termo “terrorismo”⁹, o qual conceitua como uma “ação ou qualidade de causar pavor e alternativamente, uma pessoa, objeto ou força inspiradora de pavor” (WILKINSON, 1976, p. 13).

Embora o objeto estudado mantenha uma estrita ligação com o terrorismo, este não é o enfoque do trabalho. Entretanto, no capítulo quarto, trataremos do assunto no intuito de questionar se os homens e mulheres bombas podem ser enquadrados como terroristas.

Apesar de muitos considerarem as bombas humanas como um fato de nossa atualidade, é possível localizar no passado, técnicas rudimentares semelhantes, conforme passamos a explanar.

⁸ Ali é política neerlandesa conhecida pelas suas críticas em relação ao Islã.

⁹ Mais à frente, no capítulo terceiro e quarto, será discutido sobre essa questão.

2.2.1 – Homem e mulher bomba: como era antes

Apesar dos meios de comunicação relatar com frequência a ação dos homens e mulheres bombas nos dias de hoje, a história nos revela que a prática do suicídio para matar já existia desde o século XI, incluindo técnicas arcaicas, artifícios usuais da época, que evoluíram para as inovadoras armas produzidas pela modernização da sociedade atual.

Kamel afirma que esse fenômeno irrompeu, em 1090, por uma seita muçulmana, cuja finalidade era restabelecer o caifado por um xiita¹⁰, já que era necessário fazer de tudo para reconquistar o espaço perdido até mesmo lançar mão da própria vida. O “primeiro crime aconteceu em 1092 e teve como alvo ninguém menos do que Nizam el-Mulk, o vizir turco que durante 30 anos organizara o poder sunita” (KAMEL, 2003, p. 3).

O autor acredita que as estratégias utilizadas antigamente como a escolha do local do crime, o alvo a ser atingido e uma repercussão vultosa, perpetuaram-se ao longo dos tempos e hoje estão em voga. No passado “o crime devia acontecer à luz do dia, no lugar mais movimentado da cidade, de preferência numa mesquita bem cheia durante as orações de sexta-feira”, com o objetivo de uma “ampla repercussão” e produção de medo. (*Ibid.*, 2003, p. 3).

A destruição do inimigo sempre foi o alvo dos líderes. Os suicidas se disfarçavam entre a população e quando a vítima passava à sua frente, enfiavam-lhe a adaga até que morresse. Faziam isso sabendo que seriam mortos imediatamente. Agiam sozinhos e sem possibilidade de defesa (*Ibid.*, 2003).

Os suicidas, motivados pela religião, buscavam o acesso ao paraíso e a recompensa dos serviços de 72 virgens, além da possibilidade de indicar outros 70 parentes para desfrutar dos mesmos prazeres (KAMEL, 2003). Farah é contra

¹⁰ Xiitas: “De Shiaat Ali, “partido de Ali”; os que não concordaram com a sucessão estabelecida após a morte de Muhammad e acreditavam que Ali devia ter sido o primeiro califa muçulmano. Para eles, a linhagem sucessória devia ser formada por descendentes do profeta – Ali era primo e genro (casado com Fátima) de Muhammad. O xiismo é o ramo do islamismo majoritário no Irã e no Bahrein (golfo Pérsico)” (FARAH, 2001, p. 102).

essa alegação e afirma que não há no Alcorão “nada sobre o número de virgens nem sobre a possibilidade de salvar parente por encomenda, ou por mérito de outra pessoa¹¹”.

Não é só no mundo muçulmano que ocorre esse tipo de ação altruista. Na cultura japonesa, especificadamente no código de ética samurai, há a valorização da morte como critério essencial para a vida dos japoneses, nascendo os denominados “Kamikazes¹²” que se matavam em combate, expediente muito utilizado na Segunda Guerra Mundial.

2.2.2 – Na atualidade

O primeiro atentado contemporâneo aconteceu em 1983, no Líbano, quando o grupo militante xiita, Hezbollah, atacou a Embaixada dos EUA. Na época, o líder xiita do Líbano, xeque Muhammad Husein Fadlallah, manifestou reservas contra essa prática, o que levou o grupo a tentar, com êxito, respaldo no Irã.

Com esse evento, o uso de bombas tornou-se bastante popular como forma de intimidação política, que acabou por ganhar contornos geopolíticos no assassinato de mais de 300 colaboradores americanos e franceses. (ATRAN, 2003).

Após o atentado sobre os Estados Unidos, o Hezbollah diminuiu o número de atentados, mas, em 1993, os sunitas ultra-radicais Hamas e Jihad Islâmica começaram os atentados a Israel. A Al Qaeda foi o último grupo a entrar na arena, em 1998, contra os EUA.

Kamel relata que, em 1989, o xeque Abd al-Aziz Bin Baz, então a mais alta autoridade islâmica da Arábia Saudita, classificou como uma guerra santa a luta dos palestinos contra Israel, situação que abriu caminho para que os suicidas fossem considerados mártires combatentes. O autor relata ainda que em meados dos anos 90, o xeque Muhammad Bin 'Uthaimin, outra alta autoridade islâmica saudita, abençoou os atentados suicidas do Hamas (KAMEL, 2003).

¹¹ Crítica de Farah mencionada no Exame de Qualificação.

¹² A palavra “kamikase” significa “vento dos deuses” em japonês.

Apesar de o Islamismo condenar o suicídio, o número vem crescendo nos povos muçulmanos e os extremistas acreditam que aquele que é sucumbido pela causa de Deus receberá privilégios. Na opinião de alguns, isso ocorre devido o Alcorão ser distorcido (*Ibid.*, 2003).

Essa interpretação já avança a leitura que faremos no capítulo terceiro, pois lá indicaremos leituras que consideram que o Islamismo defende aquele que morre por sua fé e a prática do suicídio é considerada como uma graça, isto é, uma oportunidade de defender a fé e receber inúmeras recompensas celestiais por esse ato.

Atran também acredita que a idéia de que se pode morrer por um ideal apoiado por Deus sustenta o ato dos homens e mulheres bombas, que se vêem como mártires de uma causa religiosa, purificados e premiados por Deus (ATRAN, 2003).

2.3 – Grupos e movimentos militantes que abrigam os homens e mulheres bombas

Segundo autores, que estudamos mais detalhadamente no capítulo terceiro, a não condenação do suicídio altruísta pelo Islamismo foi e pode continuar sendo o respaldo legal para incentivar a prática que permanece viva ao longo dos anos.

Os autores Demant e Farah apresentam alguns grupos, movimentos e militantes que se utilizam do “fundamentalismo muçulmano¹³” (DEMANT, 2004, p. 194) ou do “extremismo¹⁴” (FARAH, 2001, p. 72) para estabelecer e conduzir as

¹³ Para Demant, fundamentalismo muçulmano é provavelmente a vertente predominante no islã atual, um fenômeno recente que se desenvolveu em reação à modernidade. Os fundamentalistas defendem que o texto sagrado deve ser entendido de forma literal. (DEMANT, 2004, p. 201-206).

¹⁴ Para Farah, extremismo é considerar justificável o ato de violência para impor determinada concepção, ocorrendo uma distorção religiosa com o intuito de legitimar as diversas práticas do grupo (FARAH, 2001, p. 72). Sobre o suposto fundamentalismo islâmico, voltaremos a tratar no capítulo terceiro e quarto.

operações que envolvem bombas humanas e que já se tornaram familiar devido às diversas notícias veiculadas pela mídia mundial.

2.3.1 – Al Qaeda¹⁵

A Al Qaeda foi fundada por Ussama Bin Laden¹⁶ no final dos anos oitenta e, desde então, pratica uma série de atentados planejados, consolidando o uso da violência e possuindo como alvo, normalmente, autoridades civis e militares.

Na Al Qaeda não existe distinção social, política, de nacionalidade nem de religião na escolha de suas vítimas, ficando demonstrado, no atentado de Nova York, onde foram vitimados cidadãos de vários países, inclusive árabes. Já os atentados contra a Arábia Saudita e o Paquistão visaram a muçulmanos.

As parcerias com outras organizações fizeram com que a Al Qaeda tivesse uma abrangência global, estimando-se que atue, atualmente, em mais de 45 países, motivo pelo qual é considerada uma rede.

A estrutura da Al Qaeda é interessante, pois, apesar de operar por conta própria, faz a integração em rede de grupos extremistas islâmicos existentes em toda a sociedade mundial.

2.3.2 – Hezbollah

Outro grupo a fazer uso dos homens e mulheres bombas é o Hezbollah. Segundo Demant, o Hezbollah, ou Partido de Deus, do Líbano foi “estabelecido por dois islamistas radicais, os xeiques Muhammad Hussein Fadlallah e Hussein Mussawi e está comprometido com a idéia do Estado islâmico” (DEMANT, 2004, p. 241).

¹⁵ A Al Qaeda é considerada uma rede devido sua abrangência de atuação.

¹⁶ “Ussama Bin Laden, acusado pelos Estados Unidos de envolvimento nos atentados de 11 de setembro, recebeu amplo apoio dos nortes americanos antes de ter-se tornado o homem mais procurado do mundo” (FARAH, 2001, p. 74).

O autor afirma que o Hezbollah “iniciou as primeiras operações de martírio que expulsaram os norte-americanos do Líbano e, mais gradativamente, os israelenses, que em 1986 recuaram para sua linha de segurança”, galgando, desta maneira, uma “representação no parlamento libanês” e gozando “de ampla legitimidade” (*Ibid.*, 2004, p. 116).

Farah complementa afirmando que o Hezbollah foi incorporado pelo governo do Líbano por ser encarado como um grupo nacional de resistência reconhecido pela Organização das Nações Unidas – ONU, através da Resolução 1559¹⁷ do Conselho de Segurança da ONU, em 08 de outubro de 2004.

2.3.3 – Organização para Libertação da Palestina (OLP)

De acordo com o portal da Comunidade Árabe do Brasil na Internet¹⁸, a Organização para Libertação da Palestina (OLP) é um "governo no exílio" dedicado ao objetivo de estabelecer um Estado palestino independente no território hoje ocupado por Israel.

Na opinião de Demant “tornou-se famosa pelas ações – entre militares e terroristas – de comandos palestinos: atentados e seqüestros vistosos, mas militarmente impotentes”. Por esta razão é que o autor afirma que politicamente “os palestinos conquistaram um lugar no mapa”, porém “militarmente, eles nunca ameaçaram Israel” (DEMANT, 2004, p. 110).

¹⁷ O Professor Farah apresentou no Exame de Qualificação o teor da Resolução 1559 emitida pelo Conselho de Segurança da ONU: “The most significant remaining armed group is Hezbollah. The Government of Lebanon objects to the characterization of Hezbollah as a Lebanese militia, and refers to it as a “national resistance group” that has as its goal the defence of Lebanon from Israel and the removal of Israeli forces from Lebanese soil, namely, the Shab’a farms”.

¹⁸Divulgado no site: <http://www.arabias.com.br/politica/organizacao.htm>.

Demant acredita que por esta razão “a OLP de Yasser Arafat¹⁹ se engajou cautelosamente no caminho político”, mas não obteve tanto sucesso “para frear a radicalização de Israel, que se alimentou dos próprios atos terroristas palestinos que nunca cessaram completamente” (*Ibid.*, 2004, p. 110).

Em 1991, com o acordo de paz entre a OLP e Israel “o que a liderança propunha já não era mais a libertação inteira da pátria árabe perdida, mas um pequeno Estado que provavelmente seria bastante dependente de Israel”. Para alguns o acordo ia além de abrir mão de área territorial, pois “para os mais radicais, o ganho possível no novo programa político era pequeno demais e parecia não justificar a perda do ideal e da honra implicada nas duras barganhas com o adversário” (*Ibid.*, 2004, p. 111).

O resultado, na opinião de Demant, “foi que uma fração mais extremista tanto entre os palestinos quanto entre os israelenses estava pronta a se utilizar da violência para descarrilar o processo de paz”. O conflito estava prestes a recomeçar, pois “estes indivíduos e grupos foram recrutados majoritariamente entre os fundamentalistas de ambas as religiões” (*Ibid.*, 2004, p. 111).

Para o autor, o resultado foi muito pior do que a tentativa de paz, pois afirma que “o conflito reincidiria em condições muito piores do que antes do começo do processo de paz, numa atmosfera amarga, sem ilusões e propícia às fáceis idéias essencialistas e às soluções finais radicais” (*Ibid.*, 2004, p. 111).

2.3.4 – Hamas

O Hamas (Harakat al Muqawama al Islamiya, ou Movimento da Resistência Islâmica), grupo extremista que, de acordo com Farah “realizou diversos atentados terroristas contra israelenses, principalmente colonos e militares”, tendo vitimado “dezenas de israelenses em ônibus, restaurantes e outros locais, reforçando a

¹⁹ Para Farah escreve em sua obra com a seguinte grafia “Yasser Arafat”. “Líder palestino” responsável pela reivindicação de “22% do território original da palestina sob mandato britânico” (FARAH, 2001, p. 76).

sensação de insegurança”, sendo que muitos de seus adeptos “provêm de campos de refugiados em que a situação é precária” (FARAH, 2001, p. 77).

Para o autor, o objetivo do Hamas é focar “o conflito do prisma religioso”, alegando “que o verdadeiro motivo da situação palestina seria a suposta negação do islamismo” e por esta razão “prega a necessidade de combater não apenas a ocupação israelense, mas também o caráter secular da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), a fim de fundar um Estado islâmico na Palestina” (*Ibid.*, 2001, p. 77).

2.3.5 – Intifada

Já o levante palestino contra a ocupação israelense²⁰, conhecido como Intifada²¹, teve como marco, segundo Farah “em 1987, seguida à morte de quatro palestinos”, chegando ao fim com “a assinatura de um acordo de paz entre Israel e a OLP em Washington” no início dos anos 90 (*Ibid.*, 2001, p. 76).

Depois, com o fracasso do acordo de paz, “em 28 de setembro de 2000, iniciou-se a nova Intifada” com a visita de Ariel Sharon²², “ao Santuário Nobre, parte do local mais sagrado de Jerusalém para palestinos e judeus. Forças israelenses reprimiram violentamente manifestações palestinas contra a presença de Sharon na Esplanada das Mesquitas, deixando vários mortos” (*Ibid.*, 2001, p. 80).

²⁰ Artigo publicado em 10/01/2003 no Fórum Social Temático, com o título *Palestina estimula paz na região*, de autoria de Farah, disponibilizado no site http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=rel_forum_palest_por, acessado em 13/03/2007.

²¹ “Muitas vezes chamado de Intifada de Al Aqsa, em referência a uma das principais mesquitas de Jerusalém” (FARAH, 2001, p. 75).

²² “Sharon (líder da oposição israelense) é considerado por muitos muçulmanos e árabes um criminoso de guerra, pois comandou a invasão do Líbano em 1982 – quando cerca de 20 mil pessoas foram mortas. Também esteve envolvido no massacre de Sabra e Chatila, com cerca de 2 mil mortos” (FARAH, 2001, p. 80).

Farah afirma que, “na atual intifada, destacou-se o envolvimento direto de cidadãos árabes de Israel – a polícia israelense matou 13, nos primeiros dias da sublevação, durante atos contra a morte de palestinos nos territórios ocupados”. (*Ibid.*, 2001, p. 80-81).

Além das mortes, o autor afirma ainda que, os palestinos são “alvos de discriminação que vão desde o acesso restrito a empregos até a falta de investimento na educação, na saúde e na infra-estrutura das áreas onde se concentram. Os árabes formam cerca de 20% da população israelense” (*Ibid.*, 2001, p. 81).

Muitos direitos, como a liberdade de religião, são suprimidos da vida dos palestinos, situação que não ocorre com os árabes, em geral, pois “muitos deles oram nas mesquitas de Jerusalém”. Já para os palestinos de Gaza, “isso é impossível”, uma vez que “a maioria nunca recebeu permissão de Israel para ir à Cisjordânia”. (*Ibid.*, 2001, p. 81).

Essa perturbação social reflete o que Farah considera “a frustração palestina com dez anos de negociações quase sem resultados práticos”. Ademais, a população palestina convive com o desemprego, “com graves deficiências na infra-estrutura, em especial no abastecimento de água e no sistema de esgoto, e quase sem liberdade de movimento” (*Ibid.*, 2001, p. 81).

Por essas e outras razões é que “organizações muçulmanas e árabes acusam Israel de terrorismo de Estado contra civis palestinos e dizem que isso é tão condenável quanto os atos terroristas realizados por palestinos contra civis israelenses” (*Ibid.*, 2001, p. 81).

2.3.6 – Jihad Islâmica

A Jihad Islâmica, segundo o artigo publicado no site da BBB Brasil.com²³, é encarada como uma presença misteriosa entre as diferentes facções palestinas. O

²³ Disponibilizado no endereço, www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021109_jihadmp.shtml. Acesso em 31/01/2007.

grupo tem uma pequena base de apoio, não tem papel social ou político. A facção tem base na capital da Síria, Damasco, e acredita-se que seus recursos financeiros venham do Irã. Tem como objetivo a criação de um Estado palestino islâmico e a destruição de Israel por meio de uma guerra santa. O grupo também se opõe aos governos árabes alinhados com o Ocidente.

A facção palestina surgiu na década de 70, na Faixa de Gaza. Tradicionalmente, ela tenta realizar ações contra alvos israelenses no aniversário da morte de seu líder, Fathi Shaqaqi, assassinado em Malta, em outubro de 1995. O grupo opera basicamente em Israel e nos territórios ocupados de Gaza e Cisjordânia, mas no passado já realizou atentados na Jordânia e no Líbano.

2.3.7 – Taleban

O grupo extremista Taleban, segundo Farah, é formado “basicamente de membros da etnia pashtu²⁴”. A tradução da palavra Taleban nesse idioma é “estudantes”.

O autor não precisa a data da formação do grupo, mas afirma que entre 1979 a 1989, os Estados Unidos, com interesse em “pôr fim à ocupação soviética e contrapor-se às reivindicações nacionalistas árabes, consideradas pró-comunismo”, enviou armamento e pessoal para “armar e treinar os mujahhidin²⁵”. Os americanos “descreviam os membros do Taleban como ‘freedom fighters’ (guerreiros da liberdade)” (FARAH, 2001, p. 74-75).

Segundo o autor, o grupo é constituído pela maioria do Afeganistão²⁶, e defende “uma política de perseguição a minorias étnicas como os hazaras, os uzbeques e os tadjiques” (*Ibid.*, 2001, p. 74), além de discriminar “cristãos e

²⁴ Grupo social (etnia) majoritário no Afeganistão (54%) (FARAH, 2001, p. 74).

²⁵ Guerrilheiros islâmicos que expulsaram os soviéticos (FARAH, 2001, P. 74).

²⁶ Segundo Farah a razão se dá pelo fato de que “quando o líder do Taleban, Mohamad Omar Akhuzada, chegou a Kandahar (antiga capital imperial), em 1994, prometeu um governo provisório para contar com o apoio dos afegãos. Dois anos depois, o grupo já controlava a maior parte do Afeganistão, aí incluída Cabul, a capital” (FARAH, 2001, p. 74).

adeptos de várias religiões, inclusive os próprios muçulmanos – sobretudo sufis²⁷ e xiitas” (*Ibid.*, 2001, p. 73).

Além da linha política defendida pelo Taleban, apresentada acima, o grupo exerce políticas de discriminação, pois “em maio de 2001, determinou que as pessoas que integrassem grupos étnicos ou religiosos minoritários deviam marcar essa condição costurando um pedaço de tecido amarelo à roupa” (*Ibid.*, 2001, p. 73).

Baseando-se nos preceitos islâmicos, o grupo “destruiu profilaticamente estátuas gigantes de Buda na cidade de Bamiyan como parte de sua campanha de erradicação de esculturas”. O Taleban justificou o ato de destruição “na condenação islâmica à adoração de ídolos” (*Ibid.*, 2001, p. 73 e 74).

O extremismo faz parte da conduta do Taleban, pois o grupo “proibiu internet, parabólica, videocassete, rádio, televisão e pipa, baseado numa interpretação anômala do Islã” (*Ibid.*, 2001, p. 74).

Para o autor, “as sanções dos Estados Unidos e da ONU contra o país colaboraram para acirrar o isolamento e o extremismo do governo liderado pelo Taleban” O reconhecimento do extremismo, a fidelidade muçulmana e o fervor religioso dos membros do Taleban já eram considerados pelos Estados Unidos uma arma eficaz na Guerra Fria. (*Ibid.*, 2001, p. 74-75).

A maioria dos grupos apresentados é de origem palestina. Procuramos fazer menção aos grupos que possuem papel e atuação fundamental nos conflitos atuais. Para que possamos melhor compreender o objeto estudado, se faz necessário entender a religião e a religiosidade no Islamismo. Segunda maior religião do mundo, o Islamismo extremista está na origem das organizações militantes religiosas estudadas.

2.4 – Noções preliminares sobre o Islamismo

²⁷ Adeptos do sufismo, corrente religiosa mística do islamismo. (FARAH, 2001, p. 101).

2.4.1 – Islamismo

A palavra “Islamismo”, ou “Islã”, vem de Islam, que significa “submissão a Deus”. O Islamismo é uma crença religiosa monoteísta fundada por Maomé no século VII depois de Cristo. Não possui mediação sacerdotal e sua doutrina “se baseia no livro sagrado Alcorão e nos atos, ditos e ensinamentos de Muhammad, considerado o último mensageiro enviado por Deus”. Os seguidores do Islamismo são chamados de muçulmanos. (FARAH, 2001, p.11).

Outra fonte islâmica essencial, além do Alcorão, é o Hadith, que são os ditos e as ações atribuídos ao profeta Muhammad, consultados sempre que os muçulmanos não vêem no Alcorão uma instrução específica sobre determinada situação. (*Ibid.*, 2001, p. 23).

O Islamismo é uma religião que não se separa do Estado e por esta razão é atuante na forma de organização de sua sociedade, pois “o indivíduo se integra na coletividade e a obediência à vontade divina define a estrutura social” (M. BOISSARD, apud HADDAD 2000, p.08).

Com a unicidade (Estado e Religião), o Islamismo oferece um credo capaz de reger todas as esferas da vida dos muçulmanos (ABDOUNI, 2005), exigindo obrigações religiosas para muçulmanos autênticos, independentemente do tempo de sua conversão ou do país em que resida. As obrigações estão enumeradas nos cinco pilares fundamentais:

1- Testemunhar ‘que não há divindade senão Deus e que Muhammad é o mensageiro de Deus’.

2- Orar cinco vezes por dia em direção a Meca – berço do islamismo e lugar sagrado.

3- Pagar para a caridade um tributo que corresponde a 2,5% da renda anual do muçulmano.

4- Jejuar no mês do Ramadã, época em que comer, beber e manter relações sexuais são atividades proibidas entre a alvorada e o anoitecer.

5- Fazer uma peregrinação (o Hajj) a Meca, pelo menos uma vez na vida, para aqueles que têm condições físicas e financeiras. (FARAH, 2001, p. 24-25).

Muitos utilizam os termos Islamismo e Islã de maneira equivocada. A palavra “Islamismo” refere-se à crença religiosa, enquanto “Islã” indica determinadas “áreas geográficas e civilizacionais [...] onde a religião islâmica é predominante”. (DEMANT, 2004, p. 14).

O Islã teve origem na Arábia (HELLERN *et al*, 2000), e há cerca de mil e quatrocentos anos se difundiu por três continentes – África, Ásia e Europa –, além de diversas sociedades (DEMANT, 2004).

Segundo Kamel, nos primeiros anos do Islamismo, foi estabelecida uma separação entre os muçulmanos: sunitas e xiitas. Após a morte de Maomé “teve início um período de 28 anos durante o qual, pouco a pouco, foi se formando uma profunda divisão no seio do islamismo” (KAMEL, 2003, p.05).

Para o autor, essa divisão ocorreu porque, segundo os sunitas, o Profeta jamais indicou quem seria o seu sucessor (“califa”, em árabe); segundo os xiitas, Maomé teria deixado claro que o sucessor seria seu primo Ali, gerando as discrepâncias entre os grupos (*Ibid.*, 2003, p.05).

O autor alerta que essa divisão entre sunitas e xiitas é uma primeira divisão, mas que ambas correntes se subdividiram originando outras seitas. Alerta, ainda, que a corrente xiita mais poderosa encontra-se no Irã e no Iraque.

Os Imãs foram se sucedendo, num processo que deu origem a muitas seitas, surgidas a cada vez que um Imã morria: ora um sucessor não era aceito, ora alguém se rebelava e se dizia ele próprio o Imã. A mais poderosa corrente xiita é maioria no Irã e no Iraque, e são conhecidos como os xiitas dos 12 Imãs, o último deles, um Imã oculto, vivo até hoje. (*Ibid.*, 2003, p. 06).

Para Kamel, a ira entre sunitas e xiitas foi despertada através da fé. Os sunitas acreditam que os xiitas são politeístas por cultuarem santos e mártires e terem transformado a figura de Ali em divino.

Naturalmente, a fé dos xiitas sempre despertou a ira dos sunitas, que os acusam de politeístas, porque cultuam santos e mártires (alguns sunitas chegam a dizer que os xiitas divinizaram a figura de Ali). (*Ibid.*, 2003, p.06).

O autor afirma que, apesar de sunitas e xiitas serem muçulmanos, monoteístas, acreditarem que o Alcorão foi revelado a Maomé, compartilharem uma profunda religiosidade, submeterem-se à vontade de Deus, ambos os lados possuem grupos radicais responsáveis pela imagem que o Islamismo transmite, nos dias de hoje, de violência.

Sunitas ou xiitas, contudo, todos são muçulmanos, acreditam no Deus único e no Alcorão como tendo sido revelado a Maomé. Ambas as correntes compartilham de uma profunda religiosidade, e todos se sentem parte do islamismo, que quer dizer "submissão voluntária à vontade de Deus". Islã é uma palavra que, em árabe, tem a mesma raiz de "paz". É mesmo uma lástima que os grupos radicais de ambos os lados contribuam para que, no mundo de hoje, o islamismo tenha, para muitos, uma imagem de violência. (*Ibid.*, 2003, p.06).

No próximo tópico, apresentamos a religião e religiosidade no Islamismo para entender as particularidades que se enquadram no objeto estudado.

2.4.2 – Religião e religiosidade no Islamismo

A religião islâmica é uma das religiões que mais cresce no mundo e vem se expandindo por diversos países. Farah afirmava em sua obra publicada em 2001 que existia no “mundo cerca de 1,3 bilhão de muçulmanos, que formam a maioria da população ou minorias significativas em quase 60 países” (FARAH, 2001, p.30 e 31).

Os muçulmanos estão presentes na Bósnia-Herzegóvina, Albânia, Marrocos, Saara Ocidental, Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa, Costa do Marfim, Togo, Benin, Burkina Fasso, Mali, Argélia, Níger, Nigéria, Chade, Líbia, Tunísia, Tanzânia, Uganda, Sudão, Somália, Etiópia, Eritreia, Egito, Iêmen, Arábia Saudita, Bahrein, Jordânia, Gaza, Cisjordânia, Líbano, Iraque, Síria, Turquia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Irã, Kuwait, Qatar, Afeganistão, Paquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Emirados Árabes Unidos, Bangladesh, Brunei, Djibuti, Omã, Malásia e Indonésia (*Ibid.*, p. 30-31).

MUÇULMANOS NO MUNDO



No mapa apresentado, é possível visualizar a expansão da religião islâmica no mundo. (*Ibid.*, 2001, p. 30-31).

Apesar das diferenças culturais, o Islamismo não encontrou obstáculos para seu crescimento em outros povos. Farah demonstra que a idéia de que o Islamismo é uma religião existente somente em países do Oriente Médio é errônea, há muçulmanos em muitas outras localidades, devido ao trabalho contínuo de pregação e conversão de pessoas de culturas diferentes da religião islâmica.

Para Demant, trata-se de “uma fé expansionista” que está centrada, atualmente, na redescoberta da fé de pessoas que já são muçulmanos. O autor classifica como um retorno “à prática religiosa de pessoas que já são muçulmanas, mas que redescobrem a sua fé por uma variedade de causas” (DEMANT, 2004, p. 194).

Embora a religiosidade islâmica se desdobre em dois aspectos: o cultural e o religioso, propriamente dito, esses aspectos não aparecem separados. Para Hellern et al, o Islamismo, embora seja uma religião, não compreende apenas a esfera religiosa-espiritual, mas sim todas as esferas da vida humana, por ser onipresente e penetrar nos vãos da vida cotidiana. Portanto, é

[...] uma religião (din), com tudo o que este termo implica (crença, ritual, normas, consolação etc.), ao mesmo tempo em que é uma comunidade (umma) e um modo de viver ou tradição (sunna) que regulariza todos os aspectos da vida: o indivíduo e as etapas de seu desenvolvimento; a educação; as relações entre homens e mulheres; a vida familiar e comunal; o comércio e o governo, a justiça e a filosofia. Ou seja, tudo se concentra num sistema jurídico-religioso total, a xaria (shari'a ou caminho certo), que se edificou, com base nas fontes sagradas, nos primeiros séculos do Islã, mas cujo desenvolvimento não cessou até hoje, reagindo a circunstâncias sempre novas. Tal complexidade levou à emergência de uma classe prestigiosa de legistas-intérpretes especializados, os ulemás (ulama). A consequência dessa onipresença da religião, que penetra todos os desvãos da vida cotidiana, é que o Islã se

tornava um (senão “o”) principal elemento formativo da identidade coletiva das populações subjugadas a ele. (*Ibid.*, 2000, p. 35).

Do texto de Hellern podemos conferir que a lei islâmica (charia)²⁸, assim como o Estado, não fazem distinção entre o aspecto religioso e a conduta pessoal-social do muçulmano. Para Gilissen, a lei islâmica institui o direito muçulmano que é “o direito da comunidade religiosa islâmica”, regendo “todos os adeptos da religião islâmica, onde quer que eles se encontrem” (GILISSEN 1995, p. 117).

A diferença entre o direito muçulmano e os demais sistemas jurídicos espalhados pelo mundo é o alcance das leis que atinge todos os âmbitos da vida de um grupo religioso.

A religião islâmica compreende a teologia (que fixa os dogmas e determina aquilo em que o muçulmano deve acreditar) e a charia (legislação islâmica que prescreve aos crentes aquilo que devem ou não fazer). A charia, segundo Farah, são leis islâmicas baseadas nas fontes. Ciotola cita:

1. o Alcorão que é o livro sagrado do Islã, compreende cerca de cinco mil versículos, agrupados em cento e catorze capítulos. Nele, encontramos o fundamento do direito muçulmano, assim como de toda a civilização muçulmana; (*Ibid.*, 2004, p.4).

2. a Suna ou tradição é constituída pelo conjunto de atos, comportamentos e palavras de Maomé, tal como foram relatados por seus discípulos. A suna constitui o segundo pilar sobre o qual se baseia o direito muçulmano (o primeiro, evidentemente, é o Alcorão) e, de fato, contém uma abundante coletânea de casos, de situações aos quais se referir, em caso de surgir alguma dúvida ética ou prática e que o juiz tenha que estabelecer a posição mais de acordo com a ortodoxia islâmica; (*Ibid.*, 2004, p.5).

²⁸ No Exame de Qualificação, o professor Farah indicou que a grafia correta é *charia* com “c” inicial em vez de “s”.

3. o acordo unânime da comunidade muçulmana ou “Idjmâ”, para suprir a insuficiência do Corão e da Suna, que não poderiam, evidentemente, dar resposta para tudo, desenvolveu o dogma da infalibilidade da comunidade muçulmana; quando esta exprime um sentimento unânime não requer o acordo da multidão dos muçulmanos, sendo suficiente o acordo unânime dos doutores da lei; (*Ibid.*, 2004, p.5).

4. o raciocínio por analogia constitui tudo aquilo que pode ser deduzido do Alcorão e da Suna, servindo para suprir as lacunas das outras fontes. (*Ibid.*, 2004, p.6).

O direito muçulmano é formado pelo conjunto das fontes descritas acima. Para Antes, ao perceberem que o Alcorão não dava conta de solucionar todos os problemas, foi necessário adicionar outras fontes para suprir as deficiências, tendo como resultado “um sistema relativamente flexível, com orientações para todos os domínios da vida”. (ANTES, 2003, p. 105-106).

Na opinião do autor, esse sistema “perdurou muito bem através dos séculos e que só se tornou um problema com o surgimento do conflito entre os muçulmanos e o mundo moderno” (*Ibid.*, 2003, p. 105-106). E para se defender, instituíram mecanismos que aguçam a barbárie humana responsáveis por atraírem atenção e levantarem “a questão do que é tipicamente islâmico, portanto ordenado por Deus, e conseqüentemente precisa se defendido em todos os casos” (*Ibid.*, 2003, p. 106).

2.4.3 – Morte e suicídio no Islã

Segundo a leitura de Bowker, a morte é retratada no Alcorão como pertencente à vontade de Deus, e não pode ocorrer sem permissão dele: “Não é possível para uma alma morrer, a não ser com a permissão de Deus, no final de um período estabelecido” (BOWKER, 1995, p.139).

Diz ainda o autor:

Como em outras religiões, o Islamismo encara a morte como algo estipulado pela divindade, pertencendo a ela o poder de tirar a vida. Porém o Islamismo parece contradizer um ponto básico apresentado pelas religiões: o de que as religiões em suas histórias primitivas indagam o sentido e a importância da morte, muito mais mediante o sacrifício, do que por meio de especulações sobre a vida após a morte. (*Ibid.*, 1995, p.149).

Segundo Bowker, o Islamismo tem como pressuposto sobre a morte algo diferente de um castigo de Deus, pois ela “simplesmente leva a termo um estágio particular num processo muito mais longo, que culmina com o dia da ressurreição e do julgamento final” (*Ibid.*, 1995, p. 125).

As maiores tradições religiosas, no Oriente e no Ocidente, criaram ampliações de crenças e imaginação nas duas principais áreas do eu e da salvação. Tais indagações produziram afirmações e conceitos que são radicalmente diferentes sob muitos aspectos. (*Ibid.*, p. 239).

Sem dúvida, o sacrifício também expressa a propensão dos seres humanos pela crueldade violenta, da qual o sacrifício é apenas um exemplo no longo “martírio do homem”. No seu trabalho, Bowker utiliza a morte como produção de vida, “[...] sem morte não podemos ter vida [...]” (*Ibid.*, 1995, pág. 250).

Como apresentado anteriormente, a morte possui vários sentidos sendo que, para alguns grupos religiosos como, por exemplo, os primeiros mártires. Para o Islamismo, aquele que morre em defesa de sua fé é considerado um santo, tem lugar na eternidade, como os primeiros cristãos mártires.

Como em qualquer outra religião, o suicídio é condenado pelo Islamismo, apesar de que alguns precedentes são abertos, situação que poderá ser legitimada de acordo com o motivo e a interpretação que será dada pelo grupo religioso muçulmano ao qual pertença o suicida (DIAS, 1999, p.56).

No Alcorão, diferentemente dos livros sagrados de outras religiões, não há condenação ao suicídio de maneira explícita. Muitos interpretam a Quarta surata, versículo 29 e 30²⁹ como uma repreensão ao suicídio.

De acordo com Farah, o Islã proíbe o suicídio não através do Alcorão e sim num “hadith que diz que o profeta recusou-se a fazer a oração dos mortos no túmulo de um suicida” (FARAH, 2001, p. 72).

Relembramos aqui a leitura de Durkheim referente aos indivíduos de uma determinada sociedade que, ao não cumprirem com a obrigação social do suicídio, são punidos com a desonra e também, na maioria das vezes, com castigos religiosos. Veremos, no capítulo terceiro, que essa concepção pode permear a prática dos homens e mulheres bombas, pela pressão que sobre eles exerce o grupo a que pertencem.

As informações trazidas nos dois primeiros capítulos introduzem-nos na questão fundamental do nosso trabalho: o que pensar do suicídio cometido no âmbito do Islamismo por homens e mulheres bombas? Como autores não muçulmanos se posicionam frente a essa questão?

²⁹ No Exame de Qualificação o professor Farah fez o seguinte comentário: “O Alcorão diz, na 4ª Surata, versículo 29; ‘Ó vós que credes! Não devoreis, ilicitamente, vossas riquezas entre vós, mas é lícito existir comércio de comum acordo entre vós. E não vos mateis [os que devoram os bens alheios, ilicitamente, não causam apenas a ruína social, mas também sua própria ruína]’. Há os que interpretam o versículo como uma ordem contra o homicídio e/ou o suicídio”.

CAPÍTULO III - O suicídio cometido por homens e mulheres bombas na leitura de autores não muçulmanos.

Neste capítulo, apresentaremos resenhas de artigos e livros de autores não muçulmanos, que resultam de um levantamento bibliográfico, no intuito de focalizar o suicídio praticado por homens e mulheres bombas no âmbito do islamismo. As resenhas trazem tudo o que nos foi possível encontrar até agora sobre o tema, focalizando a posição dos mesmos. Finalizaremos a resenha apresentando um quadro sinótico dos dados, com a seguinte organização:

Autor	Título	Abordagem	Idéia Central	Questões para o cientista da Religião
-------	--------	-----------	---------------	---------------------------------------

O intuito é esquematizar as posições dos autores para, no quarto capítulo, discutir as convergências, as divergências, a complementaridade, os pontos positivos, negativos, que afloraram neste capítulo.

3.1 – Autores trabalhados

3.1.1 – Pastore³⁰

³⁰ José Pastore é sociólogo, professor da Faculdade de Economia e Administração e pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, ambas da Universidade São Paulo, membro efetivo da Academia Paulista de Letras. A leitura dele foi extraída do artigo intitulado A lógica do terrorista suicida.

Pastore vê correspondência entre a sociedade e os suicídios por motivos religiosos ocorridos atualmente. Afirma que os suicidas estão tão enraizados na sociedade a que pertencem que a punição com a desonra ou percepção de uma provável ira de Deus faz com que não desistam do ato de se matar.

Conforme afirma Pastore³¹, em seu artigo *A lógica do terrorista suicida*:

Para os suicidas altruístas, morrer é um dever. Se deixarem de cumprir esse dever, eles são desonrados e punidos com sanções sociais e religiosas. Para eles, insistir em viver é matar o respeito público e aceitar a condenação divina (PASTORE, 2001, p. 01).

O autor acredita ser um ato onde “os valores religiosos são cruciais” e concorda com a teoria de Durkheim, descrevendo este fenômeno como suicídio altruísta, uma vez que “se matam, segundo antes de causar a matança de outros” (*Ibid.*, 2001, p. 01).

Ainda como afirma o autor, nesse mesmo artigo, os suicidas estão integrados no grupo social em que vivem, a tal ponto que “a individualidade tem pouco valor” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

O autor demonstra ainda que, por terem “seu tamanho reduzido, o grupo não perde os seus adeptos de vista”, situação esta que permite que os valores do grupo sejam totalmente absorvidos pelo suicida, pois “a supervisão é constante até o momento em que esses valores são completamente interiorizados nas pessoas, como ocorre com os membros do fundamentalismo islâmico nos dias atuais” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

O autor alerta, no mesmo artigo, que “Maomé sentenciou: quem morre numa guerra santa vai direto para o céu; os outros deverão esperar até o fim dos

³¹ PASTORE, José. A lógica do terrorista suicida. Artigo publicado e disponibilizado no site http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/j_pastore/id200901.htm, também disponibilizado no site www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/085.htm, acesso em 02/08/2004. O artigo também foi publicado no Jornal da Tarde, 19/09/2001.

tempos”. Por esta razão, o autor afirma que “os terroristas são felizes, morrem realizados e satisfeitos, com o orgulho do dever cumprido” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Os suicidas acreditam, como Pastore bem coloca em seu artigo, que eles “não são proprietários de suas vidas, mas meros instrumentos de uma causa maior”. Pastore alerta ainda que “muitos chamam esses traços de comportamentos de insanidade”, mas, para ele, “são traços da realidade”, pois acredita que “são inicialmente conduzidos por forças externas, mas a partir de certo momento, elas entram no seu DNA, criando um novo quadro de valores, onde a destruição é uma tarefa necessária para a sua salvação”. Por esta razão, afirma que “é praticamente impossível deter essas pessoas” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Pastore acredita ainda que os alvos do 11 de setembro “tem pouco a ver com a competência ou incompetência do governo americano”, pois, para ele, aqueles alvos “maximizavam a satisfação dos suicidas e de seu grupo no cumprimento de suas obrigações” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

O autor alerta ainda que “outros terroristas estão prontos para provocar novas catástrofes”, pois “eles precisam se sacrificar para chegar a redenção”. Para Pastore, esses suicidas são fanáticos e conclui seu artigo fazendo a seguinte pergunta: “Qual é o tipo de guerra que consegue convencer esses fanáticos a abandonar tamanho desatino” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

E explana seu ponto de vista de maneira categórica. Trata-se de uma questão “impossível”, pois para ele “a reversão do fanatismo demorará décadas” e para lidar com esses suicidas “há que se entender a sua psicologia e tentar inverter os sinais de sua estranha lógica” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Para autores como Pastore, a preparação dos candidatos a essa prática está relacionada ao lado espiritual, psicológico, militar e religioso: “No lado espiritual, o terrorismo suicida depende de preparo psicológico e militar. No que tange ao fator psicológico, os valores religiosos são cruciais” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

3.1.2. – Cardoso e Sabbatini³²

Segundo Cardoso & Sabbatini, no artigo *A mente do terrorista suicida*, publicado em 2001, os suicidas podem ser motivados “por razões políticas, religiosas ou étnicas” (*Ibid.*, 2001, p. 01).

Esses suicidas podem ser conduzidos por muitas causas, entendidas como forças externas ao indivíduo. São elas: a expulsão de estrangeiros, mudanças políticas, retaliação e vingança, projeção local ou global, imagem de poder, apoio público, novos voluntários, preservação do território, cultura ou religião, entre outras (*Ibid.*, 2001).

Apesar dos autores enumerarem as razões como políticas, religiosas ou étnicas, eles acreditam que “qualquer que seja a causa”, o suicida pratica seu ato “firmemente impulsionado pela crença de que a vitória da causa deve ser alcançada a qualquer custo”. Alertam ainda que “em nome da religião, costumam justificar a violência em nome da autodefesa ou para vingar as comunidades religiosas a que pertencem” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Segundo Cardoso & Sabbatini, o suicídio de homens e mulheres bombas é praticado por “um ser humano como qualquer outro, com princípios morais e religiosos”. O suicida acredita que essas ações serão “justificadas por uma causa supostamente digna e humana”, mesmo que tal ato provoque a morte do suicida e de outros milhares de pessoas “inocentes”, provocando homicídio em massa (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Para os autores, as “noções do que se constitui em certo ou errado dependem da cultura e da religião”. Por esta razão, como afirmado pelos autores, é que esses suicidas agem com o objetivo de alcançar sua meta a qualquer custo (*Ibid.*, 2001, p. 03).

Os autores citam Rona Fields, uma psicóloga americana, que afirma que os suicidas “acreditam que existe uma diferença entre o certo e errado, mas também

³² Cardoso e Sabbatini, os autores são PhD. A leitura deles foi extraída do artigo *A mente do terrorista suicida*, publicado na Revista *Cerebrum*, disponibilizado no site www.cerebromente.org.br/n13/terrorist8.html

que se fizerem alguma coisa em nome da causa, ela será justificada, mesmo que seja errada” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Citam ainda Yoram Schweitzer, do Instituto Internacional para Contenção do Terrorismo, que argumenta que a religião não é inocente, mas ela não provoca violência por qualquer razão. Ele diz: “Isso só acontece devido a um conjunto peculiar de circunstâncias – políticas, sociais e ideológicas” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Essas são as circunstâncias, na opinião dos autores, que “abrem o caminho para formas de violência ilimitada através da racionalização em nome de um bem comum”, pois “acabam sendo justificadas por uma causa supostamente digna e humana” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Outra circunstância enfatizada pelos autores é o fato dos suicidas serem encarados como mártires, pois, como comentam, “em todo o mundo muçulmano pode-se ver fotos desses auto-denominados “mártires” nas paredes e nos muros, glorificando e sancionando socialmente suas ações” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Para os autores, a motivação está ligada “à crença religiosa, ou no mínimo por sua interpretação da fé religiosa”, tudo isso porque ao suicida “é prometido, pelos líderes religiosos radicais, que morrendo por essa causa, serão recompensados pela glória e pela ascensão ao Paraíso, consagrando-se como um mártir ungido por Deus” (*Ibid.*, 2001, p. 02).

Os autores afirmam que “a psicologia não foi capaz de encontrar evidências de que terroristas, que executam atos suicidas violentos, são insanos”, mas assumem que o comportamento dos suicidas “é o resultado de uma forte e efetiva doutrinação”, o que os autores também chamam de “produção sistemática da mente do terrorista, por um grupo político ou religioso, usando técnicas consagradas pelo tempo para recrutamento, persuasão e conversão” (*Ibid.*, 2001, p. 03).

Para os autores, os suicidas “não parecem ser indivíduos insanos; eles são produtos de um sistema insano, motivado basicamente por um fanatismo intenso e cuidadosamente desenvolvido” (*Ibid.*, 2001, p. 06).

Alertam ainda que, apesar do “Islã condenar o terrorismo” e ainda ser “muito rígido com suicidas”, existe “um número cada vez maior de pequenos grupos de

extremistas religiosos que distorce as doutrinas pacíficas daquela religião” (*Ibid.*, 2001, p. 06).

Para os autores, entender a psicologia desse fenômeno, descobrir meios de se deter ou prevenir esses atos é um dos objetivos, sendo que “a melhor forma de se conseguir isto parece ser tentar entender e respeitar a cultura de cada país e suas ideologias políticas, bem como respeitar a soberania que as nações devem ter para definir suas próprias formas de viver” (*Ibid.*, 2001, p. 06).

Além disso, para os autores, “uma outra maneira é procurar estabelecer leis e implementar a proteção aos direitos humanos em nível local, regional e global”. Ainda na visão dos autores, “o islã precisa questionar e enfrentar seus fanáticos religiosos e mostrar a eles quanto sofrimento eles estão causando por suas interpretações distorcidas da fé religiosa” (*Ibid.*, 2001, p. 06).

3.1.3 – Kamel³³

Para Kamel, os suicidas são fanáticos e foi com essa nomenclatura que intitidou seu artigo, *O que pensam os fanáticos do Islã*. E ainda alerta que “poucos conhecem o termo “wahhabismo”, mas ele é fundamental para se entender o extremismo religioso, base do terrorismo islâmico” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

O autor afirma que “o movimento surgiu na Arábia do século XVII, pelas mãos de Muhammad ibn Abd al-Wahhab”. Esclarece que Muhammad veio de família de religiosos e professores; “desencantado com o que chamava de degradação do islamismo, propôs um retorno radical às origens, contra todas as inovações” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

³³ Ali Kamel é diretor-executivo de jornalismo da Rede Globo. A leitura dele foi extraída dos artigos *O que pensam os fanáticos do Islã* e *O próximo alvo*, ambos publicados no Jornal O Globo em 26/03/2003 e 04/04/2003, respectivamente, ou ainda, na Editora Rios Estudos, Rio de Janeiro: 2003.

Kamel afirma que Muhammad “propôs uma leitura literal (e para grande parte dos muçulmanos, equivocada) do Alcorão” e ainda “determinou que a lealdade deve ser total ao soberano que tiver o Alcorão como lei” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

O autor afirma ainda em seu artigo que “desde o início, o wahhabismo foi a religião de estado, com grande ênfase na necessidade de manter no poder um rei disposto a seguir a lei de Deus. É uma seita tão sectária que sequer se admite como seita: chamar seus seguidores de wahhabistas é, para eles, uma grande ofensa; eles se consideram apenas o verdadeiro Islã (todos os outros muçulmanos, sejam sunitas ou xiitas, são considerados inferiores)” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

Para o autor, os terroristas foram criados através do financiamento realizado pela “casa real saudita”, que amparou “todos os movimentos nos países vizinhos que pensassem de maneira igual, sem imaginar o monstro terrorista que estava criando”. O autor ainda diz que “foi dinheiro saudita que financiou a abertura de escolas (madrassas) wahhabistas em todo o mundo islâmico” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

Alerta ainda que não só no Oriente houve investimento, pois “80% das mesquitas nos Estados Unidos foram construídas com dinheiro saudita. O wahhabismo deu crias em todos os países árabes” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

O autor acredita que os sauditas caíram em uma armadilha, pois “radicalizar o discurso religioso era uma necessidade para justificar o poder, mas foi a radicalização desse discurso que deu origem a um movimento ainda mais radical: o neowahhabismo de Osama bin Laden e de outros movimentos terroristas” (*Ibid.*, 2003, p. 01).

Outro dado importante que o autor nos fornece em seu artigo é que “quinze dos 19 seqüestradores dos aviões que se chocaram contra o Pentágono e as Torres Gêmeas eram sauditas” (*Ibid.*, 2003, p. 02).

Afirma ainda que “esses fanáticos neowahhabistas são o totalitarismo do século XXI. Acreditam-se superiores a todos os que não pensam como eles, tem um projeto expansionista bem definido e estão dispostos a morrer para vencer essa luta” (*Ibid.*, 2003, p. 02).

Kamel, em seu artigo intitulado *O próximo alvo*, afirma que “como em todas as religiões, também no islamismo aquele que morre em defesa de sua fé é considerado santo, tem lugar na eternidade, como os primeiros mártires cristãos” (*Ibid.*, 2003, p. 04).

Para o autor, os terroristas “em vez de chamar o suicida pelo que são, chamam-no de mártir e dizem que ele morreu em defesa da religião”, tendo em vista a passagem do Alcorão localizada na surata terceira, versículos 169 e 170, “E não creiais que aqueles que sucumbiram pela causa de Deus estejam mortos; ao contrário, vivem, agraciados, ao lado do seu Senhor. Estão jubilosos por tudo quanto Deus lhes concedeu da Sua graça” (*Ibid.*, 2003, p. 04).

Segundo Kamel, os extremistas muçulmanos, que praticam atentados suicidas, acreditam que suas ações lhes garantem o direito de ingressar no Paraíso, onde terão “72 virgens³⁴” à sua disposição (*Ibid.*, 2003, p. 04).

Ademais, segundo o autor, “tornar-se um homem-bomba dá prestígio e dinheiro à família do morto (Saddam costumava anunciar prêmios de US\$ 25 mil dólares)” (*Ibid.*, 2003, p. 04).

Talvez, neste sentido, percebemos a presença, como afirma o autor, de jovens se candidatando para serem suicidas, pois “o perfil dos homens-bombas joga a luz sobre as causas do fenômeno: são jovens, têm entre 18 e 27 anos, solteiros, desempregados, de famílias pobres, com o secundário completo e freqüentam escolas religiosas financiadas pelo Hamas, que tem uma rede de centros educacionais e de caridade” (*Ibid.*, 2003, p. 04).

Para ao autor, “o mundo pode contribuir para o fim do fenômeno, apoiando, verdadeiramente, a criação de um Estado palestino – essa luta é a origem de todo o ódio. E, como os muçulmanos radicais são religiosos mas não fazem milagres (não multiplicam o dinheiro), o remédio a ser aplicado pelas nações árabes deveria ser o clássico: cortar as fontes de financiamento, reprimir as lideranças e ,

³⁴ No Exame de Qualificação o professor Farah fez a seguinte consideração: “O Alcorão não fala nada sobre o número de virgens nem sobre a possibilidade de salvar parente por encomenda ou por mérito de outra pessoa”. Crítica já mencionada anteriormente.

fundamentalmente, implementar políticas que tirem os árabes da miséria e levem a democracia a eles” (*Ibid.*, 2003, p. 04).

3.1.4 – Stern³⁵

Stern enfoca em seu livro *Terror em Nome de Deus: Porque os Militantes Religiosos Matam*, a formação e a utilização da religião, pelos líderes religiosos islâmicos, como motivação e justificação de seus atos.

Sacrificando a vida, se produzirá o fim da matéria (corpo humano). Mas, em compensação, se tem a retribuição na eternidade, conforme retrata Stern, analisando uma passagem no Alcorão que diz: “Não pense nos que foram abatidos pela causa de Deus como mortos. Nunca; eles estão vivos na presença do Senhor e receberão presentes Dele (3,169)” (*Ibid.*, 2004, p. 46).

A autora afirma que o Islamismo é contra o suicídio, quando o indivíduo se mata por causas pessoais. Este tipo de suicídio é denominado na teoria durkheimiana como egoísta.

O Islã proíbe explicitamente o suicídio (intihar). O Corão instrui os muçulmanos: “ E não se mate, pois Deus será misericordioso com você“. E em outro versículo, o Corão diz: “E não se entregue à destruição com suas próprias mãos”. (*Ibid.*, 2004, p.46).

³⁵ Stern é uma das maiores especialistas do mundo em armas químicas e terrorismo. Formada em Química pela Barnard College, mestre em Ciências pelo Massachusetts Institute of Technology e doutora em Políticas Públicas pela Universidade de Harvard, especializou-se em armas de destruição em massa e terrorismo. Durante quatro anos, entrevistou mais de cem ativistas do terrorismo religioso, com destaque para os líderes do Líbano, Israel, Palestina, Indonésia, Paquistão e Índia. Desta pesquisa acadêmica nasceu a obra que utilizamos em nosso trabalho, “*Terror em Nome de Deus – Porque os Militantes Religiosos Matam*”. A autora, nessa obra, busca, por intermédio de estudos e contatos com terroristas, explicar como se desenvolve o fanatismo religioso que desencadeia ações violentas em nome de Deus.

Mas a autora alerta que os líderes “terroristas” argumentam que o atentado suicida não é suicídio e sim martírio, recompensado por Deus. A autora utiliza o termo ataque – agressão – ao invés de atentado:

Mas líderes terroristas vêm argumentando há muito tempo que ataques suicidas não são suicídios mas sim atos de martírio, *istishad*. Embora Deus puna o suicídio, premia o martírio. O Corão diz: “Não pense nos que foram abatidos pela causa de Deus como mortos. Nunca; eles estão vivos na presença do Senhor e receberão presentes Dele (3,169)” (*Ibid.*, 2004, p. 46).

A autora retrata em seu texto duas situações, uma do indivíduo que se suicida e outra do indivíduo que é abatido, Porém, neste caso, foge do objeto que estamos estudando, ou seja, o suicídio.

Mas deixa bem claro que existe uma diferença entre o suicídio comum e o atentado suicida, pois esse último “pressupõe não só uma determinação de morrer mas também de matar” (*Ibid.*, 2004, p. 47).

Para Stern “a religião tem dois lados – um que é espiritual e universalista e o outro que é particularista e sectário”. A autora alega que a religião muçulmana tem essas duas faces, uma espiritual e universal e a outra particular ou sectária. A forma sectária é a forma pelo qual os terroristas religiosos vêm o mundo (*Ibid.*, 2004, p. XXV).

Stern indica, ainda, o comprometimento do suicida com os ideais religiosos ou com seu grupo e isso acontece porque os líderes terroristas religiosos levam os membros dos grupos a “desumanizar seus adversários a tal ponto que eles se tornam capazes de assassinato” (*Ibid.*, 2004, p. XXVI).

No entanto, a autora ressalta que os suicidas praticam o ato com “a intenção de livrar o mundo de algum mal, mas terminam cometendo atos do mal”. Ocorre que esses mesmos terroristas, vistos como inimigos pelos adversários do Islã, no entanto, se declaram santos e mártires (*Ibid.*, 2004, p. XXVI).

Segundo Stern, os terroristas religiosos se vêem como pessoas boas. A autora os compara com os sentimentos dos participantes das Cruzadas³⁶, dos inquisidores, dos kamikazes. Todos esses personagens atendiam ao apelo de purificar o mundo pela destruição e morte dos inimigos (*Ibid.*, 2004).

Stern conclui que temos que lutar contra o terror em nome de Deus, sendo que o homem ou mulher bomba e seus atentados inesperados são os mais graves perigos que se corre hoje. Para a autora, valores precisam se defendidos e reafirmados, independente do povo ao qual pertença, pois “o primeiro é que cada ser humano tem um valor inestimável qualquer que seja sua raça, sexo, ou religião. Outro é nosso compromisso com a liberdade de religião, mas não com a liberdade para matar por razões religiosas” (*Ibid.*, 2004, p. 262).

A autora atenta ainda que “os terroristas religiosos que enfrentamos lutam contra nós em todos os níveis – militarmente, psicologicamente e espiritualmente. Suas armas militares são poderosas, mas o terror espiritual é a arma mais poderosa de seu arsenal” (*Ibid.*, 2004, p. 262).

A autora sugere que “devemos encorajar a condenação de interpretações extremistas da religião por pregadores da paz”. Lembra ainda que o “que é relevante é aquilo pelo que lutamos, e não contra o que lutamos. Precisamos evitar ceder ao terror espiritual e sustentar nossos melhores princípios enfatizando a tolerância, empatia e coragem” (*Ibid.*, 2004, p. 263).

³⁶ “No final do século 11, o islamismo começou a enfrentar um novo inimigo: soldados cristãos determinados a expulsar os muçulmanos da Palestina e, se possível, de outras áreas do Oriente Médio e da Europa. Alegavam ter como missão pôr fim a qualquer obstáculo que dificultasse as peregrinações à Terra Santa. [...] Um dos legados das Cruzadas, que se prolongaram até 1291, foi moldar a percepção que europeus e muçulmanos tinham uns dos outros e abalar as relações islamo-cristãs durante várias gerações, intensificando a incompreensão de ambos os lados” (FARAH, 2001, p. 42-44).

3.1.5 – Demant³⁷

Demant rastreia, em seu livro *O mundo muçulmano*, as origens do mundo islâmico, discute seus impasses contemporâneos e aponta as ações que precisam ser desencadeadas para se evitar uma ameaçadora guerra de civilizações. Alerta quanto às razões que estão levando o mundo muçulmano a se radicalizar, politizar sua religião, agredir o Ocidente por intermédio de uma violência, que para os fundamentalistas é merecida e justificável.

Alerta, ainda, que o suicida produz o resultado que é sua morte e de outras vítimas, mas, sobretudo se sacrifica em nome de Deus. Neste sentido:

O terrorista suicida não necessariamente sacrifica sua vida e a de suas vítimas numa estratégia para obter lucros políticos: o resultado é relativamente indiferente; trata-se primariamente de um sacrifício a Deus no estrito sentido religioso. Os resultados estão nas mãos de Deus, que cuidará do resto. (*Ibid.*, 2004, p. 303)

Para Demant, este sacrifício está respaldado na religião e nos discursos contra a modernidade, mas acredita que exista incongruência entre rejeição à modernidade sociocultural e a aceitação dos produtos da modernidade, pois, como observa o autor, “para terem êxito, precisam da tecnologia, pois, embora, rejeitem como idolatria os valores e modos de pensar que estes elementos produzem, abraçam a modernidade tecnológica” (*Ibid.*, 2004, p. 313). Nesse sentido:

³⁷ Demant, Historiador e Especialista em questões de Oriente Médio, doutor pela Universidade de Amsterdã, professor-doutor de Relações Internacionais e História da Ásia da Universidade São Paulo (USP). Publicou o livro *O mundo muçulmano*, obra utilizada em nossa pesquisa, em que autor proporciona uma idéia geral da civilização do Islã, bem como procura tornar compreensível às razões que estão levando o mundo muçulmano a se radicalizar, politizar sua religião, agredir o Ocidente por intermédio de uma violência, que para os fundamentalistas é, merecida e justificável.

O islamismo atual seria impensável sem a tecnologia moderna. Fitas disseminam os sermões de pregadores; manifestações são coordenadas por telefone, fax e e-mail; vídeos perpetuam a imagem que se tornou homem-bomba, e a mais terrível organização fundamentalista de todas é assim denominada também em função do banco de dados digitais de militantes internacionais elaborado por seu líder, um engenheiro com educação ocidental: a al Qaeda, que significa database. (*Ibid.*, 2004, p. 313).

Afirma o autor que, apesar deles condenarem a modernidade, se utilizam da ciência e da tecnologia para que suas estratégias dêem certo. Conforme retrata o autor:

Podemos ainda supor que, na sua rejeição aos valores da modernidade, os fundamentalistas estejam condenando seu próprio projeto, pois suas táticas, sejam elas primitivas e heróicas (bombas, suicidas, etc.), sejam elas baseadas em tecnologia moderna (gravações, aviões, etc.), nunca introduzem novas armas. O mundo moderno, no entanto, está reagindo à ameaça islâmica desenvolvendo novas tecnologias. (*Ibid.*, 2004, p. 360).

No entanto, acredita o autor que:

O islamismo tem o entusiasmo de seus seguidores (recurso crítico que a civilização ocidental carece), mas a clausura mental exclui os avanços científicos necessários para derrotar seu inimigo. Avanços tecnológicos e científicos imprescindíveis para uma mudança decisiva do equilíbrio das forças dos islamistas não se desenvolverão num meio ideológico que sufoca o livre pensamento. (*Ibid.*, 2004, p. 360).

O autor afirma, ainda, que não parece que “O Islã seja a solução para os problemas de desenvolvimento do mundo muçulmano, já que o fundamentalismo talvez não tenha piorado o desenvolvimento da sociedade, mas com certeza não o melhorou”. Demant acredita, ainda, que milhares de jovens mortos e inválidos foram voluntariamente sacrificados numa guerra inútil (*Ibid.*, 2004, p. 315).

O autor, ainda, declara que “o islã dos islamistas não é apenas uma religião, mas um sistema ideológico abrangente e – como os islamistas são os primeiros a admitir – absolutamente incompatível com o Ocidente” (*Ibid.*, 2004, p. 315).

Observa, quanto à rejeição de princípios respeitados por várias civilizações por parte dos muçulmanos, o anseio em substituir o sistema ocidental por um sistema islâmico, dentro de seus padrões:

Os islamistas rejeitam os princípios que subjazem a este sistema: independência e inviolabilidade do Estado, soberania do povo, liberdades individuais, direitos humanos entre outros. Eles desejam substituir este sistema, reconhecidamente de cunho ocidental, não por um sistema mais pluralista e multipolar, mas por um sistema monista e unipolar: a umma islamica não-territorial, suprema sobre todas as comunidades e que lutaria contra as demais até a imposição do islã no mundo inteiro. (*Ibid.*, 2004, p.350)

Para o autor, esta reivindicação não é nova e foi recentemente utilizada por Osama bin Laden, garantindo o êxito em sua estratégia contra o Ocidente. Alega, ainda, que “é cedo demais para determinar se essa estratégia trará vantagens para a causa islamista, mas já é possível perceber que esta guerra terrorista causou graves danos ao Ocidente, ao mundo muçulmano e à comunidade internacional como um todo” (*Ibid.*, 2004, p. 350).

O autor afirma que tal guerra pode matar civis inocentes em qualquer lugar do mundo, podendo até minar a convivência internacional e que para tanto será necessário responder com uma contra-estratégia eficaz. Neste sentido:

Tal guerra pode matar, sem aviso prévio, civis inocentes em qualquer lugar do mundo, sem qualquer justificativa que faria sentido a alguém fora do círculo dos “já convertidos” (que aliás, já não estarão vivos para gozar de sua “vitória”). A guerra, portanto, se trava de forma tão violenta e de alcance tão amplo que ela necessariamente minará as próprias bases da convivência internacional a não ser que seja desenvolvida uma contra-estratégia eficaz. (*Ibid.*, 2004, p. 351).

3.1.6 – Armstrong³⁸

A autora Armstrong afirma, em sua obra *O Islã*, que nenhuma outra religião do mundo é tão temida e tão mal compreendida quanto o Islamismo e que, mesmo assim, é a fé que mais cresce no mundo. Armstrong procura, em sua obra, corrigir essa visão limitada, oferecendo um instigante retrato do mundo islâmico.

Segundo a autora, “o Islã é uma fé realista e prática que normalmente não incentiva o espírito de martírio nem riscos inúteis”. Ela afirma que, apesar do Alcorão não santificar a guerra, há trechos que justificam um conflito justo, desde que seja em defesa de si mesmo, de sua religião e ou, ainda, de seus membros.

O Corão não santifica a guerra. Nele, desenvolve-se a noção de uma guerra justa, de autodefesa, que visa proteger os valores decentes, mas condena o ato de matar e a agressão. (*Ibid.*, 2001, p. 72 e 73)

³⁸ Armstrong é inglesa, formada em literatura pela Oxford University e pela University of London. É considerada uma das mais renomadas estudiosas das religiões em todo o mundo. Atualmente, leciona judaísmo na Leo Baeck College e frequentemente ministra conferências nos Estados Unidos e participa de fóruns internacionais. Em nossa pesquisa, utilizamos a obra, *O Islã*, onde a autora busca revelar a fé que mais cresce no mundo, através de um panorama histórico. Procura, também, retirar do Islamismo a pressão do preconceito.

Armstrong acredita que o fenômeno denominado homem bomba mostra que alguns muçulmanos acreditam que a luta é pela desigualdade sofrida. Embora o ato dos homens e mulheres bombas supere a compreensão humana, a autora afirma que alguns muçulmanos estão convencidos quanto a necessidade e urgência dessa prática.

O homem-bomba – o fenômeno quase paralelo na história islâmica – mostra que alguns muçulmanos estão convencidos de que lutam contra uma disparidade irremediável. (*Ibid.*, 2001, p. 206)

Os muçulmanos, por serem pessoas fiéis a sua religião, respeitam integralmente os preceitos ditados pelo Alcorão. Essa obediência é que na opinião da autora facilita para líderes religiosos defenderem suas ideologias, pois “pessoas, muitas vezes, usam a religião como um modo de tornar idéias e paixões modernas compreensíveis”. A autora não indica quais são as idéias e as paixões modernas (*Ibid.*, 2001, p. 229).

A autora afirma, ainda, que muçulmanos fundamentalistas acreditam que a luta não é somente por ideais religiosos e sim de sobrevivência, sendo necessário que, para a defesa de sua crença ou de sua vida, recorram a qualquer tipo de arma, mesmo que seja através do terrorismo, embora nem todos os fundamentalistas sejam terroristas. É o que afirma Armstrong:

Todos os fundamentalistas acham que estão lutando por sua sobrevivência e, por estarem imprensados contra a parede, acreditam ter que lutar para sair do impasse. Nesse estado de espírito, em raras ocasiões, alguns recorrem ao terrorismo (*Ibid.*, 2001, p. 222 - 223).

Segundo Armstrong, esse comportamento não encontra respaldo em todos os adeptos a religião islâmica, pois, enquanto uns fazem uso da força, da violência e do terror, outros, não seguidores do fundamentalismo islâmico, pregam a tolerância, a conciliação e a paz.

Como todas as crenças importantes, os fundamentalistas muçulmanos, em sua luta para sobreviver, tornam a religião um instrumento de opressão e até de violência. (*Ibid.*, 2001, p. 227)

Os adeptos que nutrem sentimentos religiosos radicais fazem de tudo para que sua religião seja respeitada, deturpando a tradição religiosa, fazendo com que seja mal interpretada. A isso são levados, segundo a autora, pelo medo e desespero:

Mas o desespero e o medo que estimulam os fundamentalistas também tendem a deturpar a tradição religiosa, e acentuam seus aspectos mais agressivos às custas daqueles que pregam a tolerância e a conciliação.

[...] Entretanto, não é justo imaginar que o Islã tenha em si uma tendência que impele os muçulmanos a uma alucinada e violenta rejeição da modernidade. (*Ibid.*, 2001, p. 223).

Esse medo e desespero que se apoderam dos muçulmanos é de ter sua cultura e religião exterminada, fazendo com que a violência cresça. A religião, então, torna-se a justificativa para os atentados suicidas praticados contra seus inimigos. Os suicidas acreditam que o inimigo é o alvo a ser atingido.

A pressão e o medo do aniquilamento cultural e religioso levaram ao crescimento de uma distorção, mais radical e potencialmente violenta, da fé. (*Ibid.*, 2001, p. 224).

Esse comportamento assusta a sociedade ocidental, que se sente ameaçada, diante de outras crenças religiosas, pelo espectro do fundamentalismo.

Por isso, o espectro do fundamentalismo islâmico provoca arrepios em toda a sociedade ocidental, que não parece estar tão ameaçada pelo fundamentalismo igualmente prevalecente e violento de outras crenças. (*Ibid.*, 2001, p. 233).

A questão da intolerância, pelos fanáticos da religião islâmica, tornou-se um mistério para as sociedades ocidentais, e alguns eventos violentos atuais passaram a ser vistos pelo Ocidente como um perigo para o mundo. No entanto, a violência não foi e não é somente usada pelo Islamismo, pois, conforme retrata Armstrong, a história mostra que outras crenças também reagiram e reagem à modernidade adotando uma “religiosidade armada”:

O mito da suposta intolerância fanática do Islã tornou-se uma das idéias aceitas no Ocidente. Entretanto, à medida em que o milênio se aproximava, alguns muçulmanos pareciam corresponder a essa percepção ocidental e, pela primeira vez, fizeram da violência sagrada um dever islâmico essencial. Esses fundamentalistas, muitas vezes, chamam o colonialismo ocidental e o imperialismo ocidental pós-colonial de al-Salibiyah, a Cruzada. A cruzada colonial tem sido menos violenta, mas seu impacto é mais devastador do que as guerras santas medievais. O poderoso mundo muçulmano foi reduzido a um bloco dependente, e a sociedade muçulmana se viu seriamente desarticulada no curso de um acelerado programa de modernização.

Por todo o mundo, como vimos, os fiéis das mais importantes crenças foram sacudidos pelo impacto da modernidade ocidental, e produziram a religiosidade armada, freqüentemente intolerante que chamamos de fundamentalismo. Enquanto lutam para corrigir o que vêem como efeitos danosos da cultura secular moderna, os fundamentalistas reagem e, no processo, afastam-se dos valores fundamentais, tais como compaixão, justiça e benevolência, que caracterizam todas as crenças do mundo, inclusive o Islã. A religião, como qualquer outra atividade humana, é, muitas vezes, violenta, mas sob seu melhor ângulo, ajuda os seres humanos a cultivar um sentido de inviolabilidade sagrado para cada indivíduo, e, conseqüentemente, a mitigar a violência criminosa a que nossa espécie tragicamente se inclina. A religião cometeu atrocidades no passado, mas, em sua breve história, o laicismo se mostrou igualmente violento. Como vimos, a agressão e a perseguição seculares, muitas vezes, levaram a um aumento da intolerância e do ódio religiosos. (*Ibid.*, 2001, p. 237-238).

Deve-se levar em conta, segundo a autora, o papel da mídia que deturpa a reação dos muçulmanos fundamentalistas, generalizando-a para todo o mundo islâmico e retratando-a como algo exclusivamente do Islamismo.

A mídia ocidental, muitas vezes, dá a impressão de que a forma de religiosidade armada e ocasionalmente violenta, conhecida como “fundamentalismo”, é um fenômeno puramente islâmico. O que não é verdade. O fundamentalismo é um fato global e em toda religião importante tem surgido como resposta aos problemas da nossa modernidade. (*Ibid.*, 2001, p. 219-220).

Isso faz com que, segundo Armstrong, “os ocidentais, muitas vezes, presumam que o Islamismo seja uma fé violenta, militarista, que se impõe aos

povos submetidos à ponta da espada. Essa é uma errônea interpretação das guerras de expansão muçulmanas” (*Ibid.*, 2001, p. 220).

Para a autora, permanecer cultivando uma imagem errada do Islã é retroceder ao passado, ignorando 1,2 bilhões de muçulmanos que vivem em nosso redor, além de faltar com amor à verdade e desprezar os direitos sagrados dos outros.

Cultivar uma imagem distorcida do Islã, vê-lo inerentemente como o inimigo da democracia e dos valores decentes, e retroceder às concepções intolerantes dos cruzados medievais seria uma catástrofe. Essa abordagem não só irá se mostrar antagônica com os 1,2 bilhões de muçulmanos com quem partilhamos o mundo, mas também irá violentar o amor desinteressado à verdade e ao respeito pelos direitos sagrados dos outros que, na melhor das hipóteses, caracteriza tanto o Islã como a sociedade ocidental. (*Ibid.*, 2001, p. 250).

A fé, buscada pelo fiel, só é encontrada se este for submisso à vontade de Deus e respeitar os preceitos do alcorão em todas as suas ações.

O Corão falava da unificação (tawhid) de toda a vida humana, o que significava que todas as ações do indivíduo e todas as instituições do Estado deviam expressar uma fundamental submissão à vontade de Deus. (*Ibid.*, 2001, p. 89).

3.1.7 – Antes³⁹

Antes procura, através de sua obra, *O Islã e a política*, demonstrar os principais elementos para compreensão da atualidade político-religiosa do Islã, bem como esclarecer que a atual auto-imagem islâmica se deve pela imposição dos esquemas colonialistas que obrigou os diferentes povos do Oriente a procurar uma unidade na sua comum tradição religiosa.

O autor afirma que há uma integração forte entre os muçulmanos, porque no Islamismo a religião se integra no Estado. Por isso, os atos dos homens e mulheres bombas sendo praticados em nome de Alá poderiam ser legitimados e fundamentados como Jihad, ou seja, a guerra santa, prevista e definida no Alcorão. Entretanto, Antes contesta esta leitura:

É santa para quem defende sua honra, sua propriedade, seu país e sua crença. Só nestas circunstâncias é permitido lutar. Como defesa, nunca como ataque. Se ninguém o ameaçar, não se pode agredir ninguém. (*Ibid.*, 2003, p. 64)

Por esta razão, afirma o autor, que a imagem do “Islã é associado com a luta, com a guerra e, no caso extremo, com o terrorismo”. Por isso, esclarece que nos “meios de comunicação e no debate público, prevalece até hoje a impressão de que o Islã é agressivo, e de que os muçulmanos representam, em princípio, um perigo”. (*Ibid.*, 2003, p.21).

³⁹ Antes é Doutor em Filosofia e em Teologia, professor universitário de Ciência da Religião da Universidade de Hannover, autor de várias obras, como a utilizada neste trabalho, *O Islã e a política*, onde demonstra os principais elementos para compreensão da atualidade político-religiosa do Islã. Esclarece que a atual auto-imagem islâmica se deve pela imposição dos esquemas colonialistas que obrigou os diferentes povos do Oriente a procurar uma unidade na sua comum tradição religiosa.

Para Antes, o islã não vai resolver satisfatoriamente todos os problemas, mas “portanto, são necessários cooperação e diálogo, e não a confrontação no sentido de um Ocidente que se posiciona contra o resto do mundo”. Acredita o autor que a única saída consiste “em aprender a viver juntos, independentemente das identidades religiosas, étnicas e culturais, se não quisermos afundar juntos” (*Ibid.*, 2003, p.21).

Acredita ainda, que “a maioria dos muçulmanos está disposta a isso sem condicionamentos, desde que estes não fiquem com a impressão – como ocorreu tão freqüentemente nos últimos duzentos anos – de que tudo isso é meramente uma tentativa de torná-los, por outros meios, dependentes no âmbito cultural, no social, no econômico e no político” (*Ibid.*, 2003, p.22).

3.1.8 – Pape⁴⁰

Pape esclarece que em seu livro procurou demonstrar que o problema do terrorismo é a ocupação de território por forças estrangeiras e que 95% (noventa e cinco por cento) dos atentados suicidas cometidos desde 1980 tinham motivação nacionalista e secular, sendo que apenas 5% (cinco por cento) era religioso (PAPE, 2005).

O autor afirma que o grupo que mais cometeu os atentados suicidas foi o Tigres Tâmeis, do Sri Lanka, grupo não muçulmano. Pape também constatou um crescente número de atentados suicidas em diversos lugares do mundo: Nova York, Washington, Madri, Bali, Moscou, Riad, Karachi, Casablanca, Istambul, Londres e outros – e expôs a vulnerabilidade das cidades aos atos de extrema violência (*Ibid.*, 2005).

Na obra de Pape, *Dying to win: The strategic logic of suicide terrorism*, a qual tivemos acesso recentemente, o autor trabalha vários temas importantes tais

⁴⁰ Pape é americano, especialista em terrorismo, professor de Ciências Políticas da Universidade de Chicago e autor do livro “*Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*”.

como: A lógica estratégica do terrorismo suicida páginas 27-61; A lógica social do terrorismo suicida páginas 79-126; A lógica individual do terrorismo suicida páginas 171-217.

Enfim, na conclusão, ele propõe novas estratégias para superar esse fenômeno, criticando as estratégias tradicionais existentes que apelam para a invasão e a destruição da cultura islâmica.

3.1.9 – Atran⁴¹

Em seu artigo *Genesis of Terrorism Suicide*, Scott Atran afirma que os suicidas terroristas são descritos publicamente como covardes, desprovidos de noção quanto a destruição humana que podem causar, levados pela ignorância e pobreza. Uma linha defensiva seria retirar essas pessoas da influência das organizações terroristas que os utilizam, pois a maioria é formada por pessoas comuns.

Inicia seu artigo com a definição de terrorismo: violência premeditada com motivos políticos contra alvos civis, não-combatentes, com o intuito de alcançar resultados na mídia e conseguir opinião pública para as questões que eles defendem.

Expõe ainda a definição do Congresso Americano, para o qual um ato terrorista envolve uma atividade contra a vida humana, intimidação do estado e do indivíduo, condução de um governo a partir do assassinato.

Contudo, Atran pontua que as idéias e as práticas do que seja terrorismo podem ser encontrados nos próprios manuais do exército americano, quando os meios parecem justificar os fins, uma vez que um país está em guerra ou precisa se defender.

⁴¹ Scott Atran é antropólogo norte-americano. O escritor Scott Atran organizou um grupo de estudos sobre atentados suicidas na OTAN. Ele também é o diretor de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa Científica, sediado em Paris.

No artigo citado, Atran busca analisar os atentados suicidas como um ato de intimidação psicológica para criar pânico, muito mais do que uma arma para matar pessoas. Esses atos têm como objetivo desestabilizar e aterrorizar o espaço coletivo, transformando o público como testemunha da barbárie. Sob a égide de líderes carismáticos, as células de grupos armados e suicidas tendem a se posicionar politicamente, mas de forma emotiva em torno dos ideais de um determinado grupo.

A idéia de que se pode morrer por um ideal apoiado por Allah acaba por sustentar os atentados suicidas nos adeptos do Islamismo, uma vez que os terroristas suicidas acreditam que são mártires de uma causa religiosa e serão premiados por Allah. É curioso observar que muitos desses grupos terroristas já foram apoiados financeiramente por americanos, tendo células organizacionais na Europa e nos Estados Unidos.

Pelas razões expostas é que Atran deixa claro, em seu artigo, que chamar a atual onda de atentados do “fundamentalismo” islâmico acaba sendo errônea, dado que essa prática faz parte da própria história do Cristianismo, como por exemplo, a Santa Inquisição que perseguiu infiéis e provocou a morte de inúmeras pessoas (época em que a Igreja Católica advogava o direito de ser vista como representação máxima do Estado, interferindo na política de vários países europeus).

A manipulação dos líderes religiosos é outro ponto a ser refletido, à medida que ele revela as estruturas de poder das organizações terroristas. Por isso, George W. Bush, na opinião de Atran, está errado quando chama os terroristas suicidas de covardes perversos, pois estes são, na maioria, pessoas desprovidas de qualquer tipo de esperança, oriundos de classes pobres, cuja inspiração ideológica se constitui a partir da promessa de um mundo melhor e de que serão recompensados com um lugar paradisíaco e recompensas divinas garantidas por Allah.

Segundo Atran, estudiosos na área de psicologia social tendem a analisar a existência de terroristas suicidas como um comportamento que deriva de várias instâncias desde a social até à econômica. Atran cita o psicólogo Stanley Milgram,

por exemplo, que afirma que o americano comum pode ser tão destrutivo quanto um muçulmano ao apoiar a intervenção militar americana.

Dessa forma, o contexto histórico, político e ideológico acaba por interferir na construção de um sentimento de revolta, levando qualquer povo (não só os de origem muçulmana) à retaliação pública ou qualquer luta armada que termine em violência generalizada.

Para os estudiosos do terrorismo suicida, no entender de Atran, a dificuldade seria compreender as motivações psicológicas de tais indivíduos, uma vez que o pesquisador se depara com homens e mulheres que não têm inclinação para a violência e se tornam “armas” vivas.

Atran comenta que, durante suas pesquisas, foi descoberto que existe um sentimento de injustiça histórica, subserviência política e humilhação social dos quais os suicidas são vítimas num sistema (o Capitalista, no caso) considerado injusto. Ao mesmo tempo, existe esse sentimento de injustiça que precisa ser expurgado pela coletividade.

Há também a tendência em acreditar que os atos falam por si, isto é, o ato radical e extremo de um terrorista suicida deve ser compreendido como um ato político irremediável, tal como a maioria crê ser uma atitude libertadora do sofrimento e da humilhação.

Atran afirma que os terroristas suicidas não têm nada a perder, a idéia do auto-sacrifício é indiferente diante da possibilidade de se tornar um mártir e mensageiro da Esperança para toda uma coletividade.

Afirma ainda que há uma espécie de família fictícia criada pelas organizações terroristas quando recrutam suicidas potenciais. Há um aspecto institucional e hierárquico extremamente organizado dentre os terroristas em contraposição com o caos que estes causam à coletividade na defesa dos seus ideais.

De acordo com uma pesquisa com as famílias dos suicidas e os que foram presos antes de darem cabo aos seus atos, a maioria são homens, não-casados, jovens na faixa dos vinte anos, expressando sentimentos religiosos extremistas anterior ao seu recrutamento.

As pesquisas também apontam o quanto os adolescentes são suscetíveis à necessidade de idealização, após sofrerem algum tipo de violência; eles também são favoráveis à coesão social, assim como a valorização de uma espécie de orgulho e são os primeiros a procurar as organizações terroristas.

Anteriormente, as pessoas que recrutavam os terroristas suicidas iam a escolas e mesquistas, circulando por ambientes públicos à procura de pessoas com alta inclinação religiosa, incluindo as mulheres nesse grupo. A idéia da comunhão religiosa e ideológica acaba por reforçar as organizações, porque a necessidade de buscar esses terroristas suicidas potenciais acaba por ser mínima, já que muitos vêm trabalhar como voluntários para essas instituições.

Embora esses jovens não fossem casados ou tivessem qualquer laço familiar forte, é importante lembrar que muitos vieram de famílias destruídas e arruinadas pela guerra. Uma vez integrados pela organização, eles acreditam que estão defendendo um futuro melhor para sua “família” imaginária ao se sacrificarem por uma causa. Eles acreditam que têm irmãos dentro da organização e vêem os mais velhos como pais. Alguns, inclusive, têm grau de escolaridade e chegaram a estudar o Alcorão.

Esse posicionamento termina por revelar, segundo Atran, as estruturas de poder que regem as organizações terroristas, pois indica a manipulação e o comprometimento exigido por parte de líderes como Osama Bin Laden. O aspecto emocional dessa manipulação religiosa e ideológica afeta consideravelmente esses jovens, pois só os mais “fracos” resistiriam ao “chamado” de Allah na sua Guerra Santa contra o Ocidente.

Atran também chama a atenção para a escolha racional que os terroristas suicidas defendem no seu discurso. Ao contrário do que poderíamos pensar, não se trata de um impulso que leva pessoas a atarem bombas em seus corpos e provocar a morte de civis. Há uma forte propensão à reflexão contínua sobre as atitudes do indivíduo que devem convergir para o bem de uma coletividade.

Já em seu outro artigo, *Dificuldade para lidar com o terrorismo*, Atran afirma que a questão do terrorismo tem sido exposta por grupos de luta armada como uma questão de vida ou morte, isto é, a opressão pode ser pior do que a idéia da

morte ou sua concretização. A liberdade aqui é tida como *jahilyya*, pois o alcance dela seria a libertação para aqueles que aceitam o auto-sacrifício.

A premissa do *jahilyya* é provocar a mudança de um sistema que aprisiona e oprime o homem. Trata-se de um processo revolucionário que enfoca a luta contra a alienação de um sistema dominante. Nessa luta, há também o aspecto religioso evocado pelo *al-jihad al-akbar*, a grande batalha, entre Satã e os não fiéis (entendidos aqui como não-mulçumanos).

O ponto central dos atentados terroristas é que eles estão ficando cada vez mais planejados. Apesar da força dos contra-ataques e estratégias dos Estados Unidos, a contenção aos atentados no Iraque é limitada. Muitos países que apoiavam a invasão ao Iraque, como a Itália, retiraram suas tropas diante da onda de atentados suicidas. Outros eventos tomaram conta da Turquia, assim como na Espanha.

Diante desses atentados, houve muitos esforços por parte dos países que apoiaram a invasão iraquiana no sentido de evitar novos atentados na criação de linhas de defesa, beirando a paranóia, como nos Estados Unidos, por exemplo, quando qualquer suspeita era averiguada, dando margem à invasão de privacidade e controle da liberdade de civis.

Bilhões e bilhões de dólares foram utilizados para conter o recrutamento de novos terroristas, assim como uma tentativa de desmantelamento das células terroristas. A prevenção parece ser a alternativa mais coerente nesse momento, à medida que permite a descaracterização dos líderes como representantes de um grupo fiel às esperanças de ver um “mundo melhor” com seu auto-sacrifício.

Atran também chama a atenção para a imagem errônea que se cria a partir dos terroristas suicidas, vistos como desiludidos e demoníacos. São pessoas jovens que buscam uma espécie de compensação pela ausência de perspectiva na sociedade em que foram criados.

De acordo com o autor, não há evidência de que todos os americanos que condenam os atentados terroristas apoiem a política externa norte-americana. A guerra perpetrada pelos Estados Unidos, entendida aqui também como uma Guerra Santa, é um conflito baseado na idéia de que cabe aos americanos restituir

a “liberdade perdida”, um dos ideários norte-americanos, a povos que não usufruem em sua plenitude, sendo o Iraque o exemplo mais claro dessa política.

A conexão entre terrorismo suicida e religião pode ser explicada pelo papel que os grupos étnicos possuem entre os muçulmanos. Os grupos étnicos oferecem uma base ideológica que sustenta os ideais pelos quais os recrutas (jovens suicidas) desejam alcançar e operam voluntariamente para mantê-los.

O desejo de morrer por uma causa, nesse caso, não pode ser visto como uma atitude individual, mas coletiva e visando um ideal visionário. Os estudiosos também não negam o quanto aspectos econômicos sustentam o apoio popular ao terrorismo, uma vez que os mais pobres não têm a quem recorrer.

No entanto, segundo o autor, a questão crucial é a banalidade do mal, uma vez que a destruição causada pelo terrorismo representa a incapacidade do ser humano em dialogar com as diferenças. O terrorismo aqui não pode ser um ato visto como uma decisão de uma minoria, mas a representação de que há algo de errado com a coletividade. Dessa forma, não é possível racionalizar a violência como os terroristas acreditam ao impor suas regras.

O uso de sentimentos religiosos e políticos servem como justificativa para os atentados, e as demais ações de recrutamento de jovens para propagar a violência considerada como uma resposta a questões como a pobreza e a ausência de perspectivas. A propaganda ideológica, à qual os jovens são submetidos, tornou-se um dos mecanismos mais comuns de persuasão e cooptação. Todavia, não se trata de uma tática da guerrilha, comum tanto no exército americano quanto nos grupos terroristas.

3.1.10 – Dalacoura⁴²

No artigo *Violence, 11 september and the interpretations of Islamism*, Katerina Dalacoura trata do impacto que teve o 11 de setembro nas relações entre o Ocidente e o Oriente. Muito mais do que descrever esses impactos, ela

⁴² Katerina Dalacoura professora da escola de Londres de Economia

questiona que elementos do Islamismo favorecem a violência e os atos de barbárie cometidos por grupos como Al Qaeda e Taleban, que dizem fundamentar suas convicções políticas e de guerrilha no Islamismo.

De fato, Katerina Dalacoura pontua que há elementos anteriores ao 11 de setembro, como por exemplo, o surgimento da Al Qaeda e o Taleban que favorecem a tão propagada guerra santa. Historicamente, é possível dizer que a guerra santa advém do próprio Cristianismo, como podemos verificar nas Cruzadas.

A autora pontua que a coexistência e tolerância entre os muçumanos (muslims) e não-muçumanos não é novidade. Diferentemente de outras religiões, o Islamismo tenta interligar essas diferenças.

Dalacoura afirma que é importante distinguir Islamismo (religião) e nacionalismo (política), pois ambas nem sempre andam de mãos dadas. Representantes islâmicos, muitas das vezes, tentaram resolver conflitos de ordem política como na Guerra Irã – Iraque. Mesmo o Hamas e o Hezbollah entraram em acordo para não ferir civis. Parece que há uma discrepância entre o que se pretende dizer por leis internacionais e as leis regidas pelo Islamismo, pois na maioria das vezes, são mal-interpretadas pelo Ocidente (no caso, seu maior representante, as Nações Unidas).

De acordo com a autora, os princípios islâmicos também desencorajam a violência. Contudo, ela ressalta que as questões políticas no Oriente Médio ultrapassam a vontade religiosa em busca de paz. Dalacoura afirma que as questões islâmicas sempre estiveram presentes nas decisões internacionais, embora pareça que o Islamismo tenha surgido apenas em função dos atentados terroristas e do uso da sua imagem por grupos como Taleban, dentre outros. Para a autora, a má interpretação dos preceitos islâmicos por parte do Taleban está ligada à história do Afeganistão, quando houve várias invasões naquela região (os Soviéticos, por exemplo), instaurando um clima de caos.

Em contraponto, a autora afirma que a interpretação equivocada do Taleban tem seu contraste na eleição de Muhammad Katami no Irã, abrindo possibilidades para uma releitura da visão radical do Alcorão. Fatores internacionais são

importantes para compreendermos o quanto eles afetam a interpretação que se faz do Islamismo enquanto religião.

A interferência dos Estados Unidos nas questões políticas são decisivas para mostrar como os mulçumanos podem ser mal-interpretados em suas crenças e costumes. A autora aponta também a grande pressão exercida pelos Estados Unidos sobre o governo israelense para abandonar qualquer relação de apoio a Saddam Hussein. Mais adiante, ela comenta o quanto a política militar norte-americana é um péssimo exemplo para contornar os conflitos no Oriente Médio.

No final do texto, Dalacoura conclui que a política do Ocidente tem sido negativa em relação aos conflitos no Oriente Médio, uma vez que nem o Ocidente consegue respeitar os direitos civis nos países que eles apóiam.

3.1.11 – Bendle⁴³

Bendle, no seu texto *Trajectories of anti-globalism*, faz uma distinção entre a militância religiosa e a globalização, uma vez que a Sociologia tende a refletir sobre aspectos que escapam à questão crítica que muitas vezes se faz do Islamismo e os acontecimentos relacionados à destruição do *World Trade Center* em 11 de setembro.

O texto também descreve questões discutidas no TASA que é uma Conferência Anual que ocorre em Sydney. Bendle aponta os desdobramentos dos atentados terroristas no 11 de setembro, as transformações do terrorismo, a política islâmica e a intervenção norte-americana. O autor sugere a coincidência dos atentados aos Estados Unidos um ano após ao Fórum Econômico que ocorreu em Melbourne, 2000, quando militantes anti-globalização protestavam contra a política neoliberal dos países do primeiro mundo.

Bendle descreve duas tendências, uma religiosa e a outra a separação do Islamismo do Islã, para analisar a trajetória dos embates políticos relacionados à globalização e aos conflitos terroristas que envolvem o Islamismo.

⁴³ Mervyn F. Bendle - Ph.D é um Sociologia.

Uma tendência é a religiosa, que apresenta o 11 de setembro como a Guerra Santa entre dois mundos: o Ocidental e o Oriente Médio. De fato, o aspecto histórico desse conflito advém das cruzadas, quando o Ocidente provoca um embate com o Oriente na tentativa de estabelecer o Cristianismo como religião universal.

Bendle acredita que, historicamente, o Islamismo encara as políticas do Ocidente como excludentes, uma vez que este não aceita a existência de outras representações religiosas que fujam aos padrões cristãos.

Por outro lado, o autor também afirma que a militância religiosa islâmica prevê uma subversão dos valores ocidentais (modernidade, a valorização da tecnologia, a abertura neoliberal, por exemplo) que choca o resto do mundo ao não permitir transformações e fazer concessões de abertura política e religiosa.

É como se o Islã desprezasse esses valores ocidentais com o intuito de se auto-afirmar politicamente, ao passo que o Ocidente, claramente representado pelos Estados Unidos, procura defender a idéia de um Islã atrasado, terra da barbárie, do fanatismo religioso, dentre outros aspectos.

A outra tendência que o autor descreve é a que julga importante separar Islamismo do Islã. Islamismo é uma ideologia que procura usar uma interpretação particular do Islã para mobilizar os muçulmanos numa atividade de militância contra as políticas de exclusão do Ocidente. Entretanto há países do Islã e governos muçulmanos que apóiam os governos ocidentais.

A própria história do Islã pode ser compreendida em quatro fases: a Islâmica (século VII a XIII), a Otomana (1453-1918), a Nacionalista (1918-91) e a Pós-Nacionalista que começa em 1991 e se estende até nossos dias. Nos dois primeiros períodos, há um grande progresso do Islã, que tem seu declínio nas duas fases seguintes. A penúltima fase, por exemplo, coincide com a Guerra Fria e descreve a tentativa de modernização do Islã, com base no socialismo, a construção de um estado nacionalista, antiimperialista e, nessa busca por transformações, os conflitos entre israelitas e árabes. Essa fase também inclui o agravamento das relações entre as nações árabes, sobretudo, o Irã e o Iraque.

Quanto ao último período, percebe-se que a intervenção militar e política de outros países em território muçulmano – a derrota dos russos no Afeganistão, a retirada dos americanos do território da Somália – deu forças para Osama Bin Laden e a sua *jihad*, a guerra contra o Ocidente e o Capitalismo.

Em seu texto, Bendle aponta para duas questões relacionadas ao Islamismo sob uma perspectiva sociológica e cultural, a saber, que é reconhecer o Islamismo como expressão de uma cultura legítima, muito além do aspecto religioso que parece sustentá-la, e analisar o Islamismo como uma onda fundamentalista e anti-secularismo que seria uma ameaça à democracia, a liberdade civil, os direitos das mulheres, dentre outros.

Certamente, o Taleban representa essa face do Islamismo. Contudo, é importante frisar que trata-se uma reação conservadora contra a modernização do próprio Islã.

Segundo o autor, a ausência de uma política religiosa que integre o Cristianismo e o Islamismo parece ser a maior lacuna dentre as discussões realizadas atualmente, e isso requer uma revisão da questão desse confronto. O Cristianismo parece estar ligado a um sistema religioso multifacetado, organizado e integrado a despeito de estar dividido entre Catolicismo, Protestantismo, Espiritismo e demais derivações, ao passo que o Islamismo é visto como um sistema religioso arcaico.

O Islamismo pode ter sua base no trabalho de filósofos, pois não há teólogos que aprofundem e divulguem a sua doutrina; o que, de certa forma, não ocorre com o Cristianismo, dado que temos vários estudiosos nessa área que elaboram percepções teóricas acerca do seu surgimento e dos seus fundamentos teóricos e práticos.

Bendle ressalta que certas leituras monistas e restritas tendem a reforçar a idéia de que o mundo é separado entre o Ocidente e o Oriente. Em contrapartida, a tentativa de impulsionar o Islamismo como corrente política e ideológica parece advir do fato de que os governos muçulmanos não conseguiram estabelecer uma política que responda às questões relacionadas à modernização do Islã e os conflitos que surgem do choque entre as culturas.

O autor também aponta o fracasso de se ver uma representação da totalidade cristã como um sistema mundial que abarcaria todas as religiões e povos, aliada à idéia da valorização da globalização em detrimento das diferenças culturais de cada nação. A tentativa de “ocidentalizar” o oriente acaba por consagrar a globalização como uma política reacionária, que priva o direito de outros povos de ter sua própria religião.

Consequentemente, a globalização passa a ser vista como um modelo cuja preocupação parece difundir noções de progresso que não encontram respaldo na periferia na qual o Islã está inserido, no contexto ocidental de compreensão. O próprio conceito de Islamismo, nos padrões atuais, dá a impressão de sua marginalização, uma vez que ele está relacionado a uma dimensão espiritual que o Ocidente respeita, mas que não é capaz de compreender na sua totalidade.

3.1.12 – Euben⁴⁴

Euben escreveu seu artigo *Matando (por) política* a partir de um relatório sobre os assassinatos por motivos políticos apresentados em Março de 2000, antes dos atentados ao World Trade Center. O episódio do 11 de setembro mudou radicalmente a vida americana e como eles encaravam a questão do tempo e do espaço, assim como apontou a fragilidade das instituições responsáveis pela segurança de uma nação. A necessidade de compreensão parece ser o que mais se perdeu entre as nações após os atentados terroristas. Mesmo assim, o episódio despertou uma necessidade imperativa de precaução para evitar outras tragédias.

Em seu artigo, Roxanne L. Euben descreve a necessidade de compreender o que está acontecendo, devido a circunstâncias inesperadas, uma vez que o Oriente Médio e o Islamismo escapavam da compreensão pública do Ocidente,

⁴⁴ Roxanne L. Euben é Ph.D. pela Universidade de Princeton em política e estudos orientais.

assim como expressões como *jihad* e *mujahadin*, cujo significado a autora tenta explicitar no seu trabalho.

Citando John Seery, Euben expõe a dificuldade que a comunidade americana tem de compreender aspectos ritualísticos que envolvem a palavra morte, aqui entendida como o fim e motivo de histeria. A expressão *jihad* (Guerra Santa) acaba por reiterar o significado do uso da morte como impulso político. De fato, a apropriação da palavra pela imprensa americana foi instantânea após os atentados às torres gêmeas.

Para a autora, no entanto, muito mais importante do que analisar ou revelar o real significado da palavra *jihad*, seria interessante relacionar o fato de que pessoas morrem em função da política praticada por um Estado. O *jihad* tem sido utilizado como sinônimo para definir uma forma política arcaica, patológica e irracional, mas representativa de toda cultura muçumana.

Estudiosos como Benjamin Barber sugerem que há uma verdadeira batalha entre dois opostos, o particularismo *versus* a globalização. Dessa forma, não podemos ver o *jihad* como uma força centrífuga que atrai para si as atenções, porém, elemento mútuo de reação diante de uma política ocidental de exclusão. Nesse caso, busca relacionar a mesma política desenvolvida pelos radicais islâmicos às práticas realizadas no Ocidente.

Para a prática terrorista, há preceitos de uma suposta racionalização dessa prática aqui vista como uma expressão política e legítima por quem a pratica. Sendo assim, o *jihad* seria um depósito de todas as ansiedades da contemporaneidade, relacionadas à morte e à irracionalidade que cerca a existência humana.

Para a autora, os trabalhos de Hannah Arendt explicitam a questão da morte como uma contradição para a construção da política, uma vez que o uso da violência impede qualquer possibilidade de racionalização política, destruindo aspectos democráticos relacionados à igualdade e à transcendência. A vida ativa permite transformações, enquanto a morte paralisa qualquer possibilidade de transformação da sociedade. É curioso observar que a questão política para Arendt é mais existencial do que prática, ao passo que, se compararmos com o

jihad praticado por grupos radicais, iremos observar uma ausência de sentido contemplativo para engendrar as transformações que esse grupo pretende instaurar quando propõe o Islamismo como uma corrente única e base para toda uma coletividade.

Contudo, é preciso reiterar que a atual interpretação do *jihad* se baseia em pressupostos que não representam o Islã no seu todo. Euben ressalta que o posicionamento do mundo ocidental em relação aos radicais não é apenas contra o grau de perdas humanas que um país como os Estados Unidos poderia ter, mas sim as necessidades de transformações que o conflito Ocidente e Oriente Médio têm que passar, as prováveis revoluções que preocupam tanto os Puritanos e Conservadores.

Por outro lado, é importante repensar a questão da apropriação que os radicais do *jihad* pretendem impor ao Ocidente, quando utilizam da mesma violência, agora justificada pela barbárie praticada pelo Ocidente no passado (Segunda Guerra Mundial, a Santa Inquisição, dentre outros exemplos), já que temos um retrocesso no que tange as transformações, mesmo necessárias, para os muçumanos.

Euben chama atenção para a erosão das fronteiras e a deteriorização de uma política internacional. Isso nos faz pensar nos efeitos da globalização que une por questões comerciais e econômicas voltadas para o Primeiro Mundo, enquanto ocorre a desintegração de forças políticas que poderiam reagir contra essa política oportunista e neoliberal, de modo que não nos surpreende a existência de movimentos como o *jihad* ou o MST no Brasil.

Segundo a autora, a palavra *jihad* vem do verbo “jahada” que significa “lutar”, “perseverar” por algo durante um bom tempo. Talvez esse significado explique exatamente a dificuldade dos muçumanos na tentativa de alcançar um poder que os legitime e dê sustentação ao Islã. A palavra não pode ser interpretada apenas como uma luta relacionada ao uso da força e violência, uma vez que essa prática só deve ser observada quando há uma política de expansão de países não-muçumanos ou a subversão de uma ideologia que não a muçumana. O pressuposto maior da palavra *jihad* é trazer a questão religiosa à prática. É preciso

reiterar que a palavra jihad ganha diferentes conotações dependendo do período histórico no qual ela está inserida.

3.1.13 – Kitschelt

De acordo com Herbert Kitschelt, em seu artigo *A origem do Terrorismo Internacional no Oriente Médio*, o terrorismo internacional está relacionado com as políticas praticadas no Oriente Médio, quando a globalização não tem apoio dos poderes públicos locais. Para tal reação existir, sofrimento humano e privação parecem ser os alicerces do que entendemos por terrorismo. A idéia da mobilização apenas pode ser adquirida quando o objetivo é intimidar o inimigo e superar a opressão que ele causa.

A prática terrorista parece ligada à idéia da superação dos problemas coletivos e dos desafios que alimentam a vontade de quem integra os grupos radicais.

A dinâmica política no Oriente Médio não pode ser vista como um fato isolado, única diante do mosaico de violência que tem se alastrado no mundo contemporâneo. A existência do terrorismo subentende outras forças antagônicas que dialogam.

A globalização parece esvaziar qualquer possibilidade de instaurar uma instituição nos países subdesenvolvidos. O terrorismo nasce da necessidade de enfrentar uma ordem que desestabiliza certas estruturas políticas e religiosas. Dessa forma, a globalização é vista como um elemento predatório do ponto de vista econômico, uma vez que a política neoliberal visa a destruição de fronteiras para que os países desenvolvidos possam usufruir de laços comerciais que os favorecem em detrimento das necessidades de um país pobre e subdesenvolvido.

Para o autor, há uma literatura sofisticada voltada para a área que justifica a política econômica neoliberal. Mais adiante, o autor chama atenção para o baixo crescimento econômico do Oriente Médio durante os anos noventa. É interessante observar que esse impacto econômico possa ter criado uma política terrorista contra a globalização, mas essa mobilização poderia ter ocorrido bem antes da

retomada econômica de países como a Inglaterra que representam tão bem essa política como Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

Para alguns países do Ocidente, o Islã representa uma cultura arcaica e subdesenvolvida e são povos que se deixam levar pelo fanatismo para manter seus representantes no poder. A pobreza parece ser responsabilidade de uma elite autoritária e violenta. Esse pensamento, defendido por países como os Estados Unidos, estabelece que a doutrina islâmica é uma junção entre religião, estado e economia, de modo que o subdesenvolvimento é fruto dessa política religiosa.

O islamismo não é tão influente nas decisões econômicas de um país como tem sido o Protestantismo e o Catolicismo ao longo dos séculos. Não há crítica, por exemplo, sobre a influência do Protestantismo na política econômica americana ou inglesa no apoio que ele dá ao direito de propriedade.

Kitschelt discute como o Islamismo tem resistido às políticas de transformação, principalmente à política econômica predatória desenvolvida no Ocidente. A questão petrolífera também é outro dado que interfere na política islâmica, já que a extração de petróleo acaba por favorecer uma elite local nos países árabes que não precisam dos países ricos do Ocidente para sobreviver. Dessa forma, uma hegemonia política e econômica pode ser concentrada num lugar específico (o Oriente Médio), descartando assim uma influência política externa.

A questão da subserviência dos dominados também é outro ponto interessante a ser discutido, uma vez que os países árabes mantêm um controle absoluto sobre a população local, construindo um domínio ideológico como na Idade Média, por obra dos grandes latifundiários do petróleo. Esses ditadores desconhecem a palavra “democracia” no sentido ocidental, à medida que estabelecem o autoritarismo como uma prática comum e não velada como ocorre no Ocidente.

Nesse caso, a democracia poderia ser uma forma de permitir que a distribuição de renda ocorresse em todos os países, independente da sua formação religiosa. O que ocorre no Oriente Médio é a massificação de valores

que são combatidos pelos terroristas, forma popular de expressão contra a elite local, ironicamente, apoiados por grandes corporações do Ocidente.

Sociedades estratificadas como a indiana e países do Oriente Médio tendem a dificultar o acesso à comercialização de produtos do Ocidente, uma vez que para manter o controle da população local, a elite precisa evitar a influência de uma suposta democracia defendida pela cultura ocidental.

Para o autor não se trata apenas de uma questão religiosa que agrega os terroristas e vende essa “falsa imagem” de um Oriente Médio caótico e fanático. Obviamente, o fato da maior parte dos países muçumanos pertencer a um sistema agrário e arcaico interfere na construção da democracia tão almejada pelos países ocidentais, contudo, isso não quer dizer que não exista uma classe média ascendente no Oriente Médio que envia seus filhos para universidades americanas e inglesas.

Para regimes políticos autoritários, a juventude parece ser a ameaça principal, já que a maior parte dos movimentos de resistência no Oriente Médio são compostos por jovens que se alistam voluntariamente nos grupos terroristas. Comparados aos jovens de classe média alta, esses guerrilheiros acabam sendo vistos como perdedores dentro de uma sociedade estratificada. Eles pertencem a uma classe operária suburbana que, embora inteligente e politizada, não constitui nenhuma representação política comparada aos jovens, filhos de uma elite abastada, que os envia para estudar em Yale, Oxford e Princeton.

A questão ideológica é o que move os jovens guerrilheiros, armados da ideologia da transformação revolucionária que suas atitudes terroristas poderiam promover a favor do seu povo. A elite deve ser combatida também, uma vez que ela apóia as políticas econômicas do Ocidente.

De fato, as mudanças que o Ocidente exige do Oriente Médio favorecem mais as elites do que o povo. Há uma propensão em enxergar o radicalismo dos guerrilheiros terroristas como uma força antagônica, representação do Mal, no qual políticos como George W. Bush e Tony Blair sustentam suas bases políticas para agir contra um país como o Iraque.

Kitschelt afirma que países democráticos que investem em bons serviços (educação, saúde e seguro social) representam uma parcela minoritária no Ocidente; já nos países regidos pelo totalitarismo, não há uma preocupação no que diz respeito a políticas assistenciais.

Os regimes totalitários brutalizam as relações interpessoais e provocam o medo para manter o controle da população. Esta deve ser alienada e submissa aos ideais nacionalistas que sustentam seus ditadores. Alguns utilizam a questão religiosa, mas a intromissão da religião é quase inócua se comparada com a influência do Catolicismo no passado. A questão religiosa das Cruzadas teve seu apelo inicial movimentado pela religião, mas depois resvalou para a esfera comercial.

Para Kitschelt a questão é ver como os terroristas acabam por suplantar a questão ideológica inicial (a defesa de uma frente libertadora), estabelecendo uma outra ditadura que no início eles deveriam combater.

3.1.14 – Cook

O autor, em sua obra *Understanding Jihad*, trata dos rumos da política americana depois dos atentados do dia 11 de setembro em 2001. Nesse caso, a política americana conservadora teria utilizado de imagens para sugerir que o “estrangeiro” significaria perigo para a vida dos cidadãos e o americano médio entenderia o Jihad como uma representação do mal, de uma força maléfica que colocaria todos em perigo.

O autor também ressalta que Jihad está dentro de um contexto histórico e social muito mais amplo do que o ocidente estaria preparado para compreender. O Jihad estaria relacionado com as cruzadas medievais, o que levou os muçulmanos a rejeitar o Cristianismo como religião imposta pelo ocidente. O Jihad tem um contexto que se relacionaria à história muçulmana, desde sua língua e formação como religião.

Durante o período pré-moderno, por exemplo, estudantes e juristas muçulmanos já definiam as bases religiosas que hoje são ignoradas em função do

apelo terrorista defendida pela política norte-americana. Nesse caso, é importante aprofundar os estudos que os muçulmanos realizaram sobre o assunto e o registro histórico da sua prática enquanto religião. O próprio profeta Muhamad nunca proclamou o jihad como prática muçulmana, embora atualmente existam campanhas que defendem a idéia de que a religião muçulmana esteja diretamente ligada ao terrorismo.

Ao longo dos séculos, as guerras religiosas entre o Ocidente (representando o cristianismo) e o Oriente (entendido aqui como o Islã) eram uma prática que pode ser interpretada hoje como uma relação de poder e de quem se sobrepõe ao outro, de modo que não nos surpreende a guerra atual praticada pelos Estados Unidos (representantes do ocidente) contra o jihad.

Na verdade, segundo Cook, o termo jihad parece relacionado a essas guerras seculares, quando os muçulmanos procuravam se defender dos não-muçulmanos quanto à legitimização da sua crença. É importante ressaltar que essas guerras ocorriam e tinham sua fundamentação num código estabelecido pelos muçulmanos.

Segundo o autor, o Islã não começou com a violência. Tratava-se de uma proclamação de paz de uma comunhão com Deus numa cidade pagã chamada Meca. Seu profeta mais importante, Muhammad, procurava passar uma mensagem de união entre classes oprimidas e marginalizadas. Em 622, ele e um grupo de muçulmanos mudaram-se para um oásis chamado Medina. Seus ensinamentos pregavam a comunhão entre os povos, a despeito do avanço das guerras entre cristãos e muçulmanos; a palavra “muçulmana” seria uma derivação da palavra comunidade.

O contexto globalizado do Islã transformou-o num estigma exótico e temido pelo ocidente. O próprio terrorismo ajudou a contribuir para esse processo de desconstrução do islamismo a partir do uso da religião, dos mártires e suas guerras particulares contra o Ocidente.

No contexto global, é importante salientar que as fronteiras entre os países foram banidas, principalmente, os países em desenvolvimento que facilmente são

controlados pelos grandes impérios da globalização como os Estados Unidos e a Inglaterra, cujas fronteiras encontram-se bem protegidas.

A divisão de grupos entre os radicais do Islã não deve representar a coletividade dos muçulmanos. O autor faz questão de ressaltar que esse processo de radicalização ocorreu durante os anos noventa, principalmente, em função das interferências norte-americanas na Guerra do Golfo.

O autor também traça a trajetória de Osama Bin Ladin que consolidou-se entre sucessivas viagens e treinamentos durante os anos oitenta e noventa, a partir do momento em que passa a conhecer os Estados Unidos, e produz a mudança política do terrorista que transmite de grupo para grupo à medida que estes se radicalizam ou adquirem outras vertentes mais ou menos radicais.

A questão do avanço terrorista talvez esteja relacionado ao fato de que a sistematização dos grupos tenha passado despercebida pela União Europeia e os Estados Unidos. Na verdade, vários eventos ocorreram para que essa sistematização ocorresse como, por exemplo, as lutas dentre os países árabes que foram se intensificando, mesmo com a intervenção americana que ajudou ainda mais a fortalecê-las.

Historicamente, muitos eventos aconteceram no final do século XX como a dissolução da União Soviética, as questões e conflitos no Leste Europeu, assim como as guerras civis na Rússia entre suas repúblicas, de modo que as atenções parecem ter se desviado das organizações terroristas que iam se fundamentando naquele período.

As ramificações dos grupos terroristas estão em todos os lugares, devido a essa ausência de policiamento que ocorreu durante os anos noventa. O Afeganistão, segundo o artigo, tornou-se o referencial para esse processo. O Taleban, por exemplo, é fruto de órfãos dessa guerra que se agruparam e que pregam o radicalismo no posicionamento político-religioso. A busca pelo controle do Afeganistão é a base de vários conflitos que criaram inúmeros grupos terroristas, embora pouca atenção seja dada a esse fato. A fusão desses grupos com um objetivo em comum tornou-se a base de toda a organização terrorista,

cujas ideologias e propósitos são semelhantes para que as operações terroristas tivessem seu êxito.

Para muitos desses grupos, existe uma idéia de conspiração exterior que busca destruir o mundo islâmico. O carisma de Osama Bin Laden contribui para muitas dessas organizações, uma vez que ele representa ideais diretos, com mensagens simples que tendem a aproximar as organizações. Com o passar do tempo, no entanto, as estratégias utilizadas pelos grupos foram se aperfeiçoando a ponto de buscar objetivos em comum como a destruição de símbolos do capitalismo como o World Trade Center.

No livro, existe essa oposição entre a globalização do terrorismo e grupos extremistas que buscam representar várias facetas da luta do Islã como representação máxima de uma identidade cultural e religiosa. Os terroristas “globalizados” aprenderam com os erros do passado como aqueles que ocorreram no Egito e na Argélia, cuja propensão ao derramamento de sangue muçulmano se deu por causa de conflitos étnicos. Agora as guerras são mais amplas e buscam atingir o Ocidente pela demonização, ao passo que os Estados Unidos também criaram – juntamente com a Inglaterra e a Austrália – a imagem de uma Guerra Santa como se as cruzadas medievais tivessem retornado com toda força.

Os muçulmanos radicais e terroristas não estão mais preocupados em combater países como a Rússia, a Índia e Israel, mas toda uma gama de valores que não permitem uma unificação do Islã. A questão aqui é doutrinar as novas gerações sobre os valores islâmicos e estabelecer novas ramificações que se estendem em todos os países. O Islã aqui vai além do desejo de luta e guerra, mas uma espécie de doutrina que vão conquistando novos adeptos gradualmente.

É evidente que essa doutrina tornou-se o alicerce para os muçulmanos radicais não apenas uma luta contra o “mundo exterior”, mas uma forma de se auto-afirmar enquanto religião. Doutrinas como o “Al-wala’wa-l-bara” permite que os muçulmanos radicais criem uma espécie de consciência política e religiosa de suas ações, bem contrária à imagem que se tem de terroristas sem qualquer ponto de partida ou referencial para se unirem em torno de uma causa. Nesse caso, essa doutrina procura estabelecer o que não é muçulmano e o que é, com o

intuito de criar uma identidade. Por essa razão, é difícil dizer se existe uma minoria ou uma maioria que apóia os muçulmanos radicais, já que essa noção de identidade parece arraigada no Islã.

Por outro lado, as operações dos mártires são vistas como um fenômeno recente que pode ser categorizado como uma tentativa do jihad de propagar o terror a partir de uma causa justa e religiosa. O autor cita um documento escrito em 1993, embora a questão do auto-sacrifício não seja apontada formalmente, mas a defesa do Islã e das causas religiosas que tanto norteiam os muçulmanos radicais. Os mártires são criados a partir da ausência de tecnologia que os outros países utilizam, sendo que o sacrifício humano é visto como um instrumento divino para propagar os ideais do islamismo. É importante ressaltar que esse sacrifício jamais é mencionado como tal, ou seja, como um suicídio, mas uma espécie de dádiva para quem o pratica, já que o intuito aqui é o de defender os ideais religiosos e políticos do Islã.

3.1.15 – Sedgwich

Em seu artigo intitulado *Al-Qaeda and the nature of religious terrorism*, Mark Sedgwich discute a natureza do terrorismo religioso relacionado à AL-Qaeda. Ele argumenta que existe uma distinção entre os últimos alvos e os objetivos imediatos dos terroristas religiosos.

Para o autor, existe uma relação política na questão, quando os Estados Unidos batem de frente com a organização Al-Qaeda, antes mesmo dos atentados do 11 de setembro. No Egito, por exemplo, afirma-se que havia uma resistência à política neoliberal americana que pretendia “globalizar” o restante do mundo, principalmente, levando em consideração a Guerra do Golfo durante o governo de George Bush, pai do atual presidente dos Estados Unidos.

A Al-Qaeda é um grupo islâmico que envolve questões políticas no seu confronto com o ocidente. As questões religiosas baseadas em devoção e dever motivam as operações terroristas dos seus membros, guiados por líderes que possuem células terroristas ativas em todo o mundo.

O autor conclui que o terrorismo constituiu-se como uma questão política a ser resolvida. Vista como o “terrorismo sagrado”, a religião é utilizada como motivação política e espiritual para a atuação das células terroristas que comungam contra a política ocidental defendida pelos Estados Unidos e seus apoiadores Inglaterra e Austrália.

É importante frisar, por exemplo, o impacto que os “aliados” de George W. Bush tiveram que suportar diante dos atentados em Barcelona e a onda de terror na Inglaterra, do qual o brasileiro Jean Menezes foi uma das vítimas.

Segundo Sedgwich, a onda terrorista, a partir dos estudos de David C. Rapoport, indica que os motivos imediatos dos atentados são políticos, enquanto os religiosos vêm por último, num certo grau, para intimidar o Ocidente e legitimar o Islã. Rapoport considera que existem quatro possíveis explicações para os atentados terroristas: provocar uma reação imediata dos Estados Unidos e mostrar o quanto a “maior potencial internacional” é frágil e histérica, como, de fato, ficou comprovado. A teoria da provocação é um elemento importante na constituição do terrorismo, pois os países atacados tendem a desenvolver o próprio terrorismo como resposta ao terrorismo, ou seja, a violência legitimando a violência.

De acordo com Rapoport, existe uma “onda” de terrorismo que começa em 1880 na Rússia, estendendo por outros países como a Itália e a Áustria; o que nos faz pensar que tanto a Primeira, quanto a Segunda Guerra Mundial são frutos da Revolução Russa (o assassinato dos czar e sua família) e a ascensão de Hitler ao poder. A “onda” de terrorismo ocorre de geração para geração, ou seja, em cada período temos um movimento terrorista.

De fato, Rapoport cita quatro: o primeiro seria o anti-colonismo, a resistência indiana e demais colônias nos anos quarenta; a segunda, o militarismo que tomou conta de países subdesenvolvidos (Brasil e Chile, por exemplo); a terceira onda baseada na Guerra Fria e a quarta os atentados suicidas. Esta última onda teria iniciado com a revolução Islâmica em 1979, sustentada pela invasão da União Soviética do Afeganistão.

A quarta onda, na verdade, estaria relacionada também aos confrontos entre palestinos e israelenses. Para Sedgwick, o islamismo realmente nunca separou aspectos políticos dos religiosos. Contudo, ele pontua, há vários segmentos do islamismo que não se preocupam com aspectos políticos, concentrando-se nos espirituais.

Entretanto, aspectos políticos e religiosos devem ser reavaliadas na análise das ações da Al-Qaeda. Os últimos alvos da Al-Qaeda são inexplicáveis, e geralmente são definidos por uma ideologia ou por motivações religiosas.

Sedgwick também aponta que vários intelectuais e estudiosos sobre o terrorismo religioso possuem opiniões divergentes sobre o tema. Alguns acham que existem aspectos seculares envolvendo os conflitos entre Oriente e Ocidente, enquanto outros descrevem a questão religiosa e seus aspectos divinos (a palavra usada é “deity”) que influenciaram multidões como o Aiatolá Khomeini no Irã.

Há grupos formados que nem sequer constituíram-se como organizações terroristas determinados como a Al-Qaeda, por exemplo, os Assassinos que assolaram a Síria, assim como os “Zealots” e os “Thugs” que utilizavam-se de estratégias de guerrilha para se impor no Oriente Médio. Alguns desses grupos nem sabiam o que o Alcorão e o Islamismo significavam, exceto os Assassinos.

Uma das perguntas propostas por Sedgwick é a seguinte: o que a Al-Qaeda esperava alcançar com os atentados ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001? A primeira teoria é de que a “América” (entendida aqui como os Estados Unidos) seriam inimigos do Islã. A segunda questão abordada pelo autor é a interferência política americana nas questões israelenses e palestinas na faixa de Gaza.

Sedgwick defende a hipótese que os terroristas da Al-Qaeda esperavam realizar a batalha do final dos tempos, quando atacaram os Estados Unidos. Muitas pessoas orientadas por fanáticos religiosos realmente acreditaram que se tratava de uma guerra entre o Bem e o Mal, uma questão milenar e geopolítica na que tange à destruição da América Capitalista, causadora dos males que assolavam o Oriente Médio.

Nesse caso, observa-se uma gradativa ação terrorista que começou com atentados às Embaixadas Americanas em países do Oriente Médio como o Egito até alcançar Nova Iorque. Em outras palavras, houve uma estratégia pacientemente trabalhada para que os objetivos fossem alcançados, como um alerta.

É interessante observar que as imagens de bandeiras e outros símbolos americanos sendo queimados durante a década de oitenta apontavam para uma efervescência que explodiu com a Guerra do Golfo, quando o Iraque invade o Kuwait. Não teriam sido avisos para o que já estava premeditado?

Houve vários atentados que tentavam expulsar tropas americanas em países como a Somália e o Líbano, mas estes foram ignorados como possíveis motivações para os futuros atentados terroristas. A provocação, nesse caso, constituiu-se como o maior efeito do 11 de setembro, pois a América de George W. Bush foi surpreendida em seu próprio território, jamais invadido por outros países, sendo a política americana amplamente militar acostumada a invadir os outros em nome da democracia e motivações políticas e econômicas: petróleo, riquezas e pactos com ditadores de países pobres como os da África.

Os atentados terroristas podem ser vistos como ações, uma espécie de “propaganda da ousadia” (termo de Sedgwick, “propaganda of deed”), quando grandes potências são ameaçadas por países e povos ignorados dentro do contexto geopolítico e econômico.

A vulnerabilidade é outro aspecto defendido por Sedgwick quando ele afirma que essa “propaganda da ousadia” tende a mostrar a fragilidade das autoridades para lidar com o terrorismo. O autor faz uma relação com os movimentos anarquistas na Itália, assim como as guerras nos Bálcãs.

A questão da violência, no caso, ultrapassa o plano ético e moral. Torna-se uma realidade viva para os países atacados como a Espanha, a Indonésia e a Inglaterra. O ressurgimento do Islã parece ser o objetivo religioso para provar que existem povos que são geralmente ignorados pela política ocidental. Os países do Oriente Médio parecem divididos entre rejeitar a política terrorista e defender seus próprios interesses.

A Al-Qaeda por vezes sustentou que a invasão de tropas americanas nos conflitos entre países do Oriente Médio seria uma das sustentações para uma política terrorista. É curioso observar que, mesmo vivendo sob um regime ditatorial, os iraquianos têm dificuldade para entender a política americana como uma redenção diante das atrocidades cometidas por Saddam Hussein. Os conflitos étnicos, religiosos e até de identidade parecem marcar o Oriente Médio, de modo que qualquer interferência internacional como a ONU ou os Estados Unidos seria desastrosa.

O planejamento estratégico de Bin Laden é a soma de forças com outro terrorista Ayman Al-Zawahiri durante os anos setenta. Sedgwick pontua que há uma questão de ordem filosófica e intelectual que motivou essas duas forças na constituição das organizações terroristas. A questão dos mártires é um conceito bastante trabalhado durante as décadas de oitenta e noventa; daí o surgimento dos homens-bombas. Depois da Revolução Iraniana, o “martydom” (o martírio) é um conceito bastante explorado para angariar voluntários a favor do terrorismo suicida. A retaliação americana, nesse caso, acaba sendo desastrosa, pois é justamente o que os terroristas esperavam.

Sedgwick conclui que os últimos objetivos da Al-Qaeda eram religiosos, pois seus objetivos imediatos foram altamente políticos com o intuito de destruir a imagem de potência mundial sustentada e colocar em xeque a noção de segurança internacional que existe no Ocidente.

3.1.16 – Pedazhur

O autor, em seu artigo *Toward an Analytical Model of Suicide Terrorism: a comment*, afirma que a manifestação dos terroristas suicidas é vista como um processo individual, mas o coletivo é o que prevalece. A tipificação dos terroristas é motivo de estudos para boa parte de acadêmicos que buscam entender a motivação de pessoas que se sacrificam em nome de uma causa política e religiosa.

A separação em “tipos” de terrorista acaba simplificando outras questões como a manipulação e a sustentação da célula terrorista, por exemplo, assim

como questões de classe social que separam os terroristas suicidas e os líderes. Por que os líderes nunca se sacrificam? A questão da sobrevivência não é a única resposta, mas porque estes advêm de famílias de posses que sustentam as atividades. A família de Bin Laden, por exemplo, residiu e estudou em colégios importantes nos Estados Unidos, sendo transferidos para seus respectivos países, assim que os atentados terroristas eclodiram no 11 de setembro.

A questão social, o fato dos terroristas suicidas pertencerem a classes pobres, é raramente levado em conta quando existe a tipificação. A promessa das recompensas de Alá, assim como a proteção às famílias dos suicidas são tão importantes quanto as propagandas e a lavagem cerebral realizada nos mártires da guerra contra o Ocidente.

Os modelos criticados por Amir Pedazhur apontam para as questões de ordem social que endossam a pobreza e a miséria no qual milhares de pessoas passam no Oriente Médio, desprovidos de assistência tanto por parte dos políticos locais (ditadores ou não), assim como os terroristas que os manipulam.

De fato, Pedazhur acredita que só será possível estabelecer uma análise dos eventos do 11 de setembro, quando houver uma adaptação e modificação da visão que se tem do terrorismo, supostamente, acadêmico e intelectualizado.

A expansão do terrorismo para o autor pode ser resumida numa luta de classes e sobrevivência que não oferece saída para os destituídos de proteção do Estado, cujo refúgio encontra-se nas mãos dos terroristas. É interessante fazer um paralelo com o Brasil, quando o narcotráfico tornou-se a opção para os habitantes de favelas, totalmente ignorados pelo poder público.

Pedazhur também chama atenção para “a cultura da morte”, amparada por um ambiente totalmente hostil e inóspito que contribui para o surgimento dos terroristas. Com efeito, existe uma elite dentro das organizações terroristas que delegam poderes a subalternos, agora, responsáveis pela contratação de possíveis mártires da causa islâmica. Portanto, questões como o psicologismo, o aspecto doentio e fanático dos recrutados são argumentos frágeis para estudiosos que tentam tipificar os terroristas suicidas.

3.1.17 – Dishman

Em seu artigo *Fighting for god: motivations and aims of religious terrorists*, Dishman comenta sobre os artigos de Jessica Stern, *Terror in the name of God*, e Water Laquer, *No end to war*, e afirma que é possível apreender que existe uma tentativa de mapear as motivações do terror que envolvem os atentados ao 11 de setembro. Nota-se a ênfase que os artigos dão ao fato que os homens-bombas não foram motivados pela religião, mas novamente a questão do nível de escolaridade e classe social dos recrutados.

No início do artigo, temos o depoimento de Hill, um ex-pastor presbiteriano, que contra o aborto realizou tiroteios, sendo condenado à pena de morte. Ele disse que seus atos deveriam inspirar outras pessoas e que sua recompensa seria o céu. Há outros depoimentos de expressões de alegria no rosto de terroristas suicidas que foram registrados antes de cometerem seus atos como o atentado na embaixada americana em Beirute.

A motivação desses terroristas varia entre a questão econômica, religiosa, política ou sociológica. Há questões que envolvem também o confinamento dos terroristas em prisões, levados pelo ódio às instituições que os prenderam, no caso, o exército israelense, citado no artigo. A recompensa no “paraíso” pelos atos terroristas também são justificativas e motivações internas que contribuem para sua existência e proliferação. Questões pessoais também são atribuídas aos terroristas: parentes mortos em atentados ou retaliações do “inimigo”, dentre outros. As prisões de militantes palestinos, por exemplo, incitam ainda mais às ações desesperadas de terroristas suicidas, pois estes criam sentimentos de revolta que não abrangem apenas as forças militares, mas os próprios civis, os israelenses; daí as imagens de terror e pânico dos atentados em Israel.

Stern e Laqueur pontuam que há uma diferença no recrutamento dos terroristas suicidas: no Sri Lanka, por exemplo, são os veteranos, pessoas mais velhas, que agem, enquanto no Hezbollah, os adolescentes seriam os preferidos. Na constituição das células terroristas, existem muitos universitários, pós-

graduandos que contribuem para discussão de estratégias e atentados. Estes geralmente não são recrutados como terroristas suicidas.

No Afeganistão, os jovens são enviados às escolas, onde estudam princípios do Alcorão com motivação política contra o Ocidente. Estes adolescentes geralmente advêm de comunidades pobres que encontram refúgio e apoio material (comida, alojamento) nessas escolas chamadas de maddrassahs. O artigo de Stern levanta a questão que muito dos mártires são louvados por suas famílias e a população islâmica que apóia o terrorismo. Famílias, antes anônimas dentro de sua comunidade local, são reverenciadas por terem filhos que se sacrificaram em nome dos ideais defendidos por esses grupos terroristas. Algumas famílias, inclusive, recebem ajuda em dinheiro como recompensa pelo suicídio heróico de seus filhos.

Tanto para Stern, quanto Laqueur, muitos terroristas islâmicos modernos vêem a questão da guerra como um mapeamento de guerrilha estratégico contra o Cristianismo e o Judaísmo, isto é, a nação de Israel e seus apoiadores (os EUA, por excelência), já que sentem-se humilhados e desprezados por serem muçulmanos durante séculos.

Jéssica Stern entrevistou vários terroristas que afirmam que os Estados Unidos constituem-se como uma nação terrorista que merece ser atacada, assim como os alunos do Maddrasshas são ensinados que os indianos cometem atrocidades contra os afegãos, contribuindo para o ódio e a política tensa entre os dois países.

É interessante que, historicamente, o Cristianismo contribuiu também para o assassinato de milhares de pessoas (rever a Santa Inquisição Católica), assim como uma tentativa de impor o Cristianismo durante as cruzadas.

Por outro lado, Laqueur acredita que existe uma forte motivação emocional para a existência dos terroristas suicidas. Há uma questão subjetiva para o avanço do terrorismo que torna-se difícil mapear apenas geopoliticamente. Questões como paranóia, histeria são elementos que o autor propõe para analisar o perfil dos terroristas suicidas. Curiosamente, jovens com alto nível de escolaridade, descontentes e desempregados, sem perspectivas de trabalho em seus países,

decidem se integrar às organizações terroristas a princípio com o intuito de se socializarem para depois agirem de fato como membros desses grupos.

Ayman Al-Zawahiri é o exemplo mais claro desse perfil intelectual; aliado de Bin Laden, ele reconheceu o poder e a influência do líder da Al-Qaeda e tornou-se um braço direito dentro das organizações terroristas internacionais. É incessante o discurso contra um Ocidente que marginaliza o Oriente e contribui para suas mazelas sociais. Essa retórica traz de volta questões até então de ordem histórica, pano de fundo de guerras seculares, para a modernidade.

Laqueur examina a influência de terroristas radicais como Sayyid Qutb que estabelece movimentos ideológicos contra o Ocidente num mundo onde não há paz possível entre o Ocidente e o Oriente. No futuro, Laqueur teme que novas tecnologias ajudem os terroristas a espalhar o terror pelo mundo, abrindo inúmeros precedentes para outros atentados.

Por fim, os artigos de Jéssica Stern e Water Laqueur apontam que a questão religiosa é uma motivação forte em todos os eventos que envolvem o terrorismo no mundo contemporâneo. Eles citam, inclusive, o atentado de Oklahoma, ocorrido dentro dos Estados Unidos, realizado por um americano.

A questão de uma direita conservadora também contribui muito para o surgimento do militarismo e por conseqüência, a reação do terrorismo, isto é, violência sendo combatida com violência; o que deve fomentar ainda mais o terrorismo no cenário geopolítico mundial.

3.1.18 – Strenski

O artigo de Ivan Strenski, *Reply to Hetch and Martin*, inicia sob uma perspectiva histórica dos terroristas suicidas, levando em consideração a contribuições de pesquisadores como Richard Hetch. A questão da faixa de Gaza, precisamente o posicionamento de terroristas palestinos, é discutido nesse artigo que abarca questões como o nascimento e o fortalecimento de uma nação palestina, utilizado como justificativa para os atentados terroristas. A criação do estado Palestino é um fator que motiva politicamente os terroristas, assim como a questão religiosa que dura há milênios.

A questão social também é defendida tanto por Strenski quanto Hetch, ao passo que o primeiro discorda de outro estudioso, Richard Martin, quando afirma que Martin proclama que Strenski defende a idéia de combater os “maus muçulmanos” como se fosse possível dizer quem é bom ou mau numa concepção maniqueísta, inspirada e motivada por motivos cristãos. Os dois intelectuais, de fato, parecem divergir sobre a questão israelense, ora vista como uma Nação politicamente fácil de ser manipulada por Ariel Sharon, ora como um aliado dos Estados Unidos em termos de alianças políticas que favoreceriam os dois países.

Strenski se defende dos atentados de Richard Martin, pois ele não separa os muçulmanos entre bons e maus. O autor defende que está surgindo uma nova visão sobre o Islã. A religião era desconhecida para muitos no Ocidente; muitas pessoas começaram a ler sobre o Islamismo, buscando informações sobre o Alcorão em livrarias, tendo especialistas surgido em programas de tv numa tentativa de esclarecer os leigos a respeito da religião islâmica.

A postura de Strenski é altamente defensiva no seu artigo, uma vez que a discordância entre os dois intelectuais, ele e Richard Martin, parece sugerir a idéia de que a própria academia não consegue chegar a um consenso sobre as motivações terroristas. As opiniões pendem para questões religiosas ou políticas, dependendo do ponto de vista dos estudiosos e acadêmicos. Há também a questão histórica que é levada como pano de fundo.

3.1.19 – Hetch

O artigo de Richard Hetch, intitulado *History, Deadly Actions, and Deadly Bodies: a response to Ivan Strenski's Sacrifice, Gift and the Social Logic of Muslim "Human Bombers"*, aponta para o surgimento da violência religiosa num plano que o Ocidente talvez não estivesse acostumado a enxergar nos conflitos do Oriente Médio. Ele aponta que havia esses indícios de uma suposta guerra santa em curso desde a década de setenta; algo aparentemente ignorado por acadêmicos ocidentais dentro do contexto geopolítico e econômico no qual o Oriente Médio. Talvez com a questão da globalização e os recentes atentados terroristas, esse aspecto histórico seja levado em consideração.

Hetch estabelece que nos últimos vinte e cinco anos a questão religiosa cresceu numa proporção que nos faz pensar nas motivações dos “homens-bombas” que tanto intrigam pesquisadores e estudiosos no meio acadêmico. O senso-comum tende a analisar os terroristas suicidas como homens desesperados e paranóicos diante do contexto econômico e sociológico no Oriente Médio, ou seja, a pobreza e a ausência de perspectivas para uma população massacrada há décadas por ditadores ou políticos corruptos, totalmente alheios às questões elementares como saúde, educação e trabalho formal; direitos que deveriam ser defendidos por seus representantes.

Portanto, Hetch estabelece a questão histórica e social como fator preponderante no surgimento dos terroristas suicidas. O autor é contrário a uma visão de especialistas e teóricas que tendem a diagnosticar os terroristas como seres destituídos de qualquer sanidade, inclusive, sendo tachados como doentes ao focar em questões patológicas que estabeleceriam o perfil dos terroristas como loucos e esquizofrênicos.

O autor cita Hassan Salameh que foi preso pelos Israelenses e foi acusado por ser responsável pela morte de 46 pessoas, sendo que Salameh atuava como um membro da organização terrorista que cuidava da sua proteção. A série de prisões à qual o terrorista foi submetido nos anos subseqüentes às eleições de 1996 em Israel contribuíram para seu “amadurecimento” e aprendizado, assim como o desenvolvimento de técnicas terroristas que ele viria a praticar depois em liberdade.

Em depoimento, Hassan Salameh não se considera um “assassino”, pois um assassino seria uma pessoa que sofreria de algum tipo de doença psicológica. Os terroristas suicidas seriam, na sua opinião, instrumentos de Deus na Guerra Santa. A questão das recompensas no Paraíso de Alá é levada em conta, uma vez que isso seria a motivação dos terroristas suicidas.

Hetch sugere que a questão do terrorismo e o sacrificio são elementos antigos dentro da história da violência no mundo. Ele cita o exemplo de Abraham Lincoln que para unificar os Estados Unidos durante a Guerra Civil entre o Sul e o

Norte do país, apoiou-se na idéia do sacrifício de milhares de pessoas; algo muito bem registrado pelo filme “Gangsters de Nova Iorque” de Martin Scorsese.

A questão sociológica não é levada em conta por Strenski ao passo que Hetch sugere que ela é crucial para entendermos o que move uma pessoa a se tornar uma bomba humana. A defesa de um estado independente, como o da Palestina, pelos terroristas é um exemplo claro, assim como a defesa de que o Cristianismo Protestante praticado pelos Estados Unidos representaria uma ameaça para o Islamismo. É interessante fazer um paralelo com os eventos ocorridos na França recentemente, quando houve uma discussão nacional sobre a utilização das vestimentas femininas típicas para as muçulmanas que moram naquele país.

3.1.20 – Bloom

No artigo *Response to Who are the palestinian suicide bombers?*, Bloom comenta que a maioria dos estudos sobre terrorismo tende a prolongar duas linhas de raciocínio na tentativa de explicar a existência dos terroristas suicidas: a natureza tática suicida ou a natureza terrorista da tática. É importante explicar por que o terrorismo suicida é mais efetivo que o convencional.

Embora muitos listem várias organizações ou tentem tipificar e descrever os vários tipos de terroristas, principalmente, tendo em vista o modelo de conflito entre Palestinos e Israelenses, essas tentativas de análise se revelam limitadas, sem levar em conta as ramificações das células terroristas e seus desdobramentos no cenário geopolítico. Enquanto os atentados ao World Trade Center eram específicos e centrados para desestabilizar os Estados Unidos e sua política de nação segura e protegida, os atentados dos terroristas palestinos a israelenses e as retaliações conseqüentes têm como alvo civis inocentes.

Segundo Bloom não se deve utilizar apenas um perfil baseado num modelo para analisar o terrorista suicida como já foi citado.

3.1.21 – Kimhi e Even

Para os autores Shaul Kimhi e Shemuel Even, no artigo *Who are the Palestinian Suicide Bombers?*, é possível desenvolver uma tipologia dos terroristas suicidas, isto é, estabelecer categorias dentro do sistema organizacional que constitui uma célula terrorista no sentido macro da palavra. A questão da imagem de um líder é o primeiro fator para a tipificação dentro das organizações, ou seja, a existência e a importância de um mentor intelectual que conduz os atentados e as estratégias utilizadas pelo grupo.

A motivação individual é um fator que os autores colocam como importante. Outro fator seria o apoio da sociedade ou da comunidade local para as atividades terroristas, pois, como já foi dito anteriormente, ela é importante para consolidar uma autoridade local (no caso, a organização terrorista de determinada militância), um poder paralelo semelhante ao narcotráfico.

A liderança religiosa é importante, mas ela não se sustenta se não existir um aparato político e militar por trás de uma organização terrorista. A questão da exploração de recrutas oriundos de classes sociais mais baixas também estabelece a um perfil, sendo os líderes, geralmente, de classe média alta.

Mais uma vez, os autores levantam a questão da “vida depois da morte” como recompensa para os atos suicidas. O recrutamento das mulheres é outro fato importante, pois revela uma outra tática utilizada pelas organizações terroristas, uma vez que a infiltração de mulheres é mais fácil do que homens em ambientes públicos e alvos.

Os autores ainda apontam dados sobre a questão da retribuição do sofrimento, ou seja, os terroristas suicidas agiriam assim depois de verem familiares e amigos mortos, então, o auto-sacrifício seria uma forma de compensar as perdas e danos do passado. Traumas pessoais são levados em consideração, uma vez que a motivação individual poderia interferir na resolução dos terroristas suicidas. É importante frisar que Shaul Kimhi e Shemuel Even apenas analisam os terroristas suicidas palestinos.

3.1.22 – Dolnik

Adam Dolnik faz uma análise do artigo de Shaul Kimhi e Shemuel Even sobre os terroristas suicidas. Seu artigo é intitulado *Critical Commentary on Who are the Palestinian Suicide Bombers?*. Ele concorda com o posicionamento dos autores quanto ao perfil traçado dos terroristas, comentando as dificuldades de se estudar e compreender suas motivações. Dolnik comenta que a questão tática dos terroristas suicidas é o ponto que mais demanda dificuldade.

Os líderes das organizações terroristas contam com o desapontamento da população local com os políticos e seus representantes. Existe também a atração que os terroristas exercem na mídia que insistentemente mostram seus “feitos”, espetacularizando os atentados e colaborando com o pânico criado como ocorreu nos Estados Unidos pós-11 de setembro.

Para Dolnik, o aspecto irracional dos atentados terroristas tem um efeito imediato e expressivo no coletivo, principalmente, perante a comunidade internacional. O auto-sacrifício também é um fator preponderante perante a organização, uma vez que o terrorista suicida consegue inspirar outros membros do grupo. Dolnik ressalta que o terrorismo não deve ser separado do contexto do grupo, isto é, da questão da unidade, do trabalho em grupo. As motivações são sempre com uma finalidade na qual o grupo se une e trabalha em conjunto, dessa forma, desmistificando a idéia de que se trata de organizações formadas por fanáticos, lunáticos e loucos, sem qualquer unidade sistematizada.

Dolnik afirma que a integração de mulheres dentro dos grupos terroristas tornou-se um elemento que contribui para uma sistematização ainda maior do grupo, uma vez que as mulheres seriam menos passionais e idealistas, mais práticas e melhor orientadas quanto às funções dentro da organização terrorista.

3.1.23 – Dale

Stephen Frederic Dale, em seu artigo, *Anticolonial Terrorism in India, Indonesia, and the Phillipines*, trata do terrorismo utilizado como forma de transformar o panorama político internacional à força e a partir do uso da violência.

Os atentados esporádicos dos terroristas parecem reforçar a idéia de lembretes para avisar que os conflitos (que são seculares) ainda permanecem. O autor fala da questão histórica envolvendo os muçulmanos que permanecem à margem do panorama geopolítico mundial. O autor reforça a idéia de que os atentados são eventuais e esporádicos e possuem uma relação entre si.

O autor cita vários conflitos que estariam interligados como o atentado em Beirut em 1983, assim como outros eventos que ocorreram na Ásia e Europa ao longo das últimas décadas. Há também o panorama histórico que existe por trás dos conflitos que iniciaram há séculos, desde a composição do mapa geopolítico europeu, assim como a expansão do comércio nos primórdios no continente asiático. A questão comercial que envolve os muçulmanos desse período estabelece uma interessante leitura da formação do islamismo que abrange do social à economia.

A expansão marítima da comunidade muçulmana é detalhada no texto de Dale, quando ele relaciona a questão do comércio nas antigas Índias nos séculos XV e XVI, sobretudo, a colonização portuguesa e espanhola. De acordo com o autor, os conflitos entre muçulmanos e países cuja base religiosa era o Cristianismo já existiam desde esse período. Países como as Filipinas e a Indonésia eram pontos comerciais estratégicos e disputados entre os colonizadores (ingleses, espanhóis e portugueses). Dessa forma, a expansão marítima e o processo de colonização das áreas, onde hoje é a atual Índia foi um espaço de muitos conflitos religiosos, políticos e econômicos.

Para Dale, os asiáticos sofreram também com a expansão e as constantes invasões, além das guerras seculares entre chineses e japoneses. É interessante observar que os Europeus também foram alvos de atentados terroristas durante esse processo de expansão marítima, assim como milhares de muçulmanos foram assassinados.

3.2 – Quadro Sinótico

O quadro, que apresentamos, tem por objetivo mostrar de maneira organizada e sintética, as posições dos autores. Utilizamos como critério de organização os seguintes tópicos:

- Autor: aparece seguindo a ordem cronológica dos artigos e livros trabalhados;
- Título: mencionamos o título original ou tradução, ano;
- Abordagem: histórica, sociológica, cultural, religiosa, política;
- Idéia Central: a posição central do autor com relação ao fenômeno. O que é para o autor o fenômeno do homem e mulher bomba?
- Questões para o cientista da religião: questionamentos que as leituras dos autores sobre o objeto suscitam para o estudioso da religião.

<u>A</u> <u>u</u> <u>t</u> <u>o</u> <u>r</u>	<u>Título (Ano)</u>	<u>A</u> <u>B</u> <u>O</u> <u>R</u> <u>D</u> <u>A</u> <u>G</u> <u>E</u> <u>M</u>	<u>Questões para o</u> <u>cientista da</u> <u>Religião</u>
D S t e p	Anticolonial terrorism in India, Indonesia, and the Phillipines (1988)	H I S T Ó R I C A É uma arma utilizada pelos terroristas para transformar a política internacional à força e a partir do uso da violência, tendo em vista o descontentamento nos diversos campos, do social ao econômico como também os acontecimentos históricos que ainda hoje causam ressentimento e humilhação aos muçulmanos.	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado uma arma para transformar a política internacional?

h e n F r e d e r i c			<p>Qual a influência do descontentamento muçulmano para o fenômeno dos homens e mulheres bombas?</p> <p>Qual a influência do ressentimento e humilhação do povo muçulmano para o fenômeno dos homens e mulheres bombas?</p>
P a s t o r e , J o s é	A lógica do terrorista suicida (2001)	S O C I O L Ó G I C A Trata-se de suicídio altruísta, um ato social, integrado, dependente e controlado pelo grupo social, justificado e motivado pela religião islâmica que lhe atribui um caráter salvacionista (redenção) e os torna fanáticos pela incorporação psicológica desses valores.	<p>Há realmente uma vinculação entre o fenômeno e a religião islâmica como causa determinante do fanatismo do homem e mulher bomba?</p> <p>A religião islâmica tem caráter salvacionista?</p>
C a r d o s o , S . H . e	A mente do terrorista suicida (2001)	P S I C O L Ó G I C A Trata-se de um suicídio encarado como martírio, possuindo como motivação razões políticas, religiosas ou étnicas; os suicidas são impulsivos pela crença que o ato os levará à salvação. Através de uma forte doutrinação, os valores religiosos são interiorizados, causando um fanatismo intenso, através da distorção da doutrina, já que a religião islâmica condena o suicídio.	<p>Será que o desrespeito à cultura islâmica, a suas ideologias políticas, o colonialismo e a intromissão na definição de suas formas de viver são situações que têm contribuído para o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Será que o Islã</p>

S a b b a t i n i , R . M . E .			tem combatido os fanáticos religiosos islâmicos que fazem interpretações distorcidas da fé religiosa?
A r m s t r o n g , K a r e n	O Islã (2001)	H I S T Ó R I C A E C U L T U R A L	<p>Trata-se de uma luta contra a desigualdade por parte dos grupos radicais que recorrem ao terrorismo para evitar o aniquilamento cultural e religioso, situação que distorce os princípios islâmicos dando a impressão de ser uma fé violenta, cultivando uma imagem equivocada do Islã gerando o desrespeito aos direitos sagrados do Islamismo.</p> <p>Até que ponto o fenômeno do homem e mulher bomba pode ser encarado como uma luta para diminuir ou extinguir a desigualdade social?</p> <p>Até que ponto a obediência aos preceitos islâmicos são causas determinantes para o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Até que ponto o desespero e o medo por um aniquilamento da cultura e religião islâmica podem ser a causa desse fenômeno?</p> <p>Será o desespero e o medo por um</p>

B e n d l e , M e r v y n F .	Trajectories of anti-globalism (2002)	S O C I O L Ó G I C A , C U L T U R A L E P O L Í T I C A	Trata-se de uma reação religiosa entendida como guerra santa contra a modernização do Islã e as políticas de exclusão, tendo em vista o não reconhecimento do Islamismo como uma expressão de cultura e o fato de tratá-lo como uma ameaça aos direitos humanos.	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado uma guerra santa contra a modernização do Islã e as políticas de exclusão? Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas e o Islamismo como um todo podem ser considerados uma ameaça aos direitos humanos? Até que ponto a prática dos homens e mulheres bombas pode ser considerado um ato de protesto visando ao reconhecimento do Islamismo e expressão de sua cultura?
A n t e s , P e t e r	O Islã e a política (2003)	H I S T Ó R I C A	Trata-se de um ato de luta utilizado por terroristas a fim de evitar que os muçumanos voltem a ser dependentes no âmbito cultural, social, econômico e político. Apesar de ser encarado, através da mídia, como manifestação de um Islã agressivo e perigoso, esse fenômeno, na realidade, deve urgir o diálogo, a vivência e o respeito de identidade religiosa,	Até que ponto o fenômeno do homem e mulher bomba ocorre como defesa para se evitar a escravidão no âmbito cultural, social, econômico e político?

		S O C I O L Ó G I C A E R E L I G I O S A	étnica e cultural do povo islâmico.	
K a m e l , A l i	“O que pensam os fanáticos do Islã” (2003) e “O próximo alvo” (2003)	H I S T Ó R I C A E S O C I O L Ó G I C A	Trata-se de um ato terrorista dos fanáticos pertencentes ao extremismo religioso que fazem uma interpretação equivocada do Alcorão e acreditam serem mártires e possuem recompensa no paraíso.	Até que ponto o homem e mulher bomba pode ser encarado como terrorista? Qual a relação do terrorismo com o Islamismo? Podemos afirmar que o extremismo religioso contribui para o fanatismo e para o terrorismo? Até que ponto há ligação entre extremismo religioso, fanatismo e terrorismo? Será que os

			homens e mulheres bombas são motivados a praticar o ato, tendo em vista a recompensa que lhes aguardam no paraíso?
A t r a n , S c o t t	Genesis of terrorism suicide (2003) e Dificuldade para lidar com o terrorismo (2003)	S O C I O L Ó G I C A E P O L Í T I C A	Trata-se de um ato de martírio utilizado pelo terrorismo religioso com fins políticos, cujo objetivo é a libertação da coletividade da subserviência política e humilhação social. Através da manipulação dos líderes religiosos e o uso de sentimentos religiosos, o grupo propaga seus ideais. O fenômeno do homem e mulher bomba pode ser considerado um ato de martírio? Até que ponto o fenômeno do homem e mulher bomba pode ser considerado um ato político? Até que ponto o auto-sacrifício do homem e mulher bomba pode ser encarado como uma atitude libertadora do sofrimento e humilhação enfrentados pelos muçulmanos? O homem e a mulher bomba são impulsionados por sentimentos religiosos e políticos?
E u b e n ,	Matando (por) política (2003)	S O C I O L Ó	Trata-se do uso da morte como impulso político, entendido como Jihad pelos grupos radicais com o objetivo de incutir a ideologia muçulmana sem subordinação a nenhum poder não muçulmano e efetivando suas políticas de Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser encarado como o uso da morte por impulso

Roxanne L.		G I C A E P O L Í T I C A	expansão.	político? Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas são usados como arma pelos grupos radicais em uma luta encarada como Jihad? Esse fenômeno pode ser lido como jihad? Até que ponto os homens e mulheres bombas são utilizados como uma maneira de inculcar a ideologia muçulmana?
K i t s c h e l i t , H e r b e r t	A origem do terrorismo internacional no Oriente Médio (2003)	S O C I O L Ó G I C A E P O L Í T I C A	É uma prática terrorista utilizada por grupos radicais a fim de resistir à política de transformações e combater a massificação de valores, provocados pelo impacto econômico gerado pela globalização, situação que faz com que o Islã seja encarado como uma cultura arcaica, subdesenvolvida, fanática esquecendo-se que o Islã é a junção de religião, estado e economia, situação que favorece o aparecimento de novas células terroristas. Entretanto, a religião é inócua, em relação a outros fatores que alimentam as divergências desses grupos.	Se houvesse a separação da religião, do estado e da economia, o Islã não abrigaria esse fenômeno? Esse fenômeno pode ser encarado como uma resistência à globalização?

D i s h m a n , C h r i s	Fighting for God: motivations and aims of religious terrorist (2003)	S O C I O L Ó G I C A E R E L I G I O S A	É um ato terrorista de martírio cuja motivação varia entre a questão econômica, religiosa, política, pessoal ou sociológica, e que possui justificativa e motivação interna. Junto o acesso à redenção, existe com a premiação material, pois além de serem louvados, suas famílias são amparadas. Na guerrilha, estratégia contra os opositores do Islã a religião é uma motivação forte que contribui para o terrorismo.	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas tem como motivação questões que variam entre a área econômica, religiosa, política, pessoal ou sociológica?
S t r e n s k i , I v a n	Reply to Hetch and Martin (2003)	S O C I O L Ó G I C A , H I S T Ó R I C A ,	É um ato terrorista que envolve várias opiniões no mundo acadêmico, sendo que uns acreditam que a motivação é religiosa enquanto para outros é política, lembrando que fatores históricos contribuem para a formação de opinião.	Por que existe entre os acadêmicos divergência de opiniões em relação a motivação? Como se posicionam os teólogos e a teologia islâmica frente a esse fenômeno?

		P O L Í T I C A	
H e t c h , R i c h a r d	History, deadly actions, and deadly bodies: a response to Ivan Strenski's "Sacrifice, gift and the social logic of muslim human bombers" (2003)	H I S T Ó R I C A	<p>É um ato de violência religiosa praticada por terroristas que seriam instrumentos de Deus. É uma Guerra Santa. Eles encontram motivação na religião, na economia, na sociedade. A história revela o desrespeito aos direitos humanos do povo islâmico.</p> <p>Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado um ato de violência religiosa?</p> <p>Até que ponto os homens e mulheres bombas podem ser considerados instrumentos de Deus?</p> <p>O desrespeito aos direitos humanos do povo islâmico pode servir de motivação para o fenômeno dos homens e mulheres bombas?</p>
S t e r n , J é s s i c a	Terror em nome de Deus – Porque os Militantes religiosos matam (2004)	S O C I O L Ó G I C A	<p>Será que o fenômeno do homem e mulher bomba é um ato de terror espiritual?</p> <p>Será que a falta de meios para defender os valores sociais e religiosos dos muçulmanos pode</p>

			<p>ser considerada causa que determina o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Todos os líderes religiosos têm essa leitura?</p> <p>Os preceitos religiosos do Islamismo estariam sendo distorcidos pelos extremistas religiosos islâmicos com o intuito de possuírem candidatos para serem homem ou mulher bomba?</p> <p>Será que a falta de condenação aos extremistas religiosos por distorcer os preceitos do Alcorão é causa que intensifica o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Haveria uma tolerância com essa prática pelos líderes religiosos? E o povo islâmico como se posiciona? Há pesquisas ou estudos da opinião pública?</p>
--	--	--	--

			A morte de pessoas causada pelo fenômeno do homem e mulher bomba acontece apenas por razões religiosas?
D e m a n t , P e t e r	O mundo muçulmano (2004)	H I S T Ó R I C A E S O C I O L Ó G I C A	<p>Trata-se um ato terrorista fundamentalista encarado como um sacrifício a Deus no sentido estrito religioso, já que a religião islâmica não é apenas uma religião, mas um sistema ideológico, uma luta contra a modernidade.</p> <p>Qual a associação entre terrorismo, fundamentalismo e islamismo e o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Até que ponto o fundamentalismo islâmico pode ser vinculado ao fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>Como se caracteriza o fundamentalismo islâmico?</p> <p>O fenômeno do homem e mulher bomba pode ser encarado como um sacrifício a Deus de acordo com os preceitos do Alcorão?</p> <p>O fato alegado pelo autor de que a religião islâmica não é apenas uma religião e sim um sistema ideológico contribui para o fenômeno dos homens e mulheres bombas?</p>

			<p>O que caracteriza o “ideológico” no Islamismo?</p> <p>Por que haveria uma luta contra a modernidade e até que ponto essa luta pode ser a causa do fenômeno homem e mulher bomba?</p>
<p>S AlQaeda and the nature of religious terrorism (2004)</p> <p>g</p> <p>w</p> <p>i</p> <p>g</p> <p>h</p> <p>,</p> <p>M</p> <p>a</p> <p>r</p> <p>k</p>	<p>S Trata-se de operações de terrorismo sagrado praticado pelo grupo islâmico Al Qaeda que motiva seus membros a praticarem o ato através de princípios (devoção e dever) que servem de motivação política e espiritual por incutirem-lhes que estarão sendo mártires. Em alguns casos, essa pratica é instigada por razões seculares, tais como, culturais, sociais, econômicas e políticas; em outros, por motivos religiosos e divinos. Mas o objetivo último é sempre o ressurgimento do Islã.</p> <p>P</p> <p>O</p> <p>L</p> <p>Í</p> <p>T</p> <p>I</p> <p>C</p> <p>A</p>	<p>Até que ponto as questões religiosas como a devoção e o dever motivam ou influenciam o fenômeno do homem e mulher bomba?</p> <p>O terror produzido pelo resultado do fenômeno do homem e mulher bomba pode ser legitimado pelos grupos radicais como “um terror sagrado”?</p> <p>As questões políticas e espirituais podem servir de motivação para o fenômeno dos homens e mulheres bombas?</p> <p>Está correto afirmar que o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser instigado</p>	

			por aspectos religiosos e seculares?
P e d a z h u r , A m i	Toward on analytical model of suicide terrorism (2004)	S O C L O L Ó G I C A E P O L Í T I C A	<p>É uma manifestação dos terroristas encarados como mártires, por uma cultura da morte, onde indivíduos se sacrificam por questões sociais e religiosas (redenção).</p> <p>O fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado uma manifestação de terror?</p> <p>Pode ser considerada uma manifestação religiosa?</p> <p>Até que ponto pode ser considerado um ato de martírio e redenção?</p> <p>Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado um ato de sacrifício?</p>
B I o o m , M i a	Response to “Who are the palestian suicide bombers?” (2004)	S O C L O L Ó G I C A	<p>A maioria dos estudos sobre terrorismo tende a apontar duas linhas de raciocínio na tentativa de explicar a existência dos terroristas suicidas: a natureza tática suicida ou a natureza terrorista da tática. É importante explicar porque o terrorismo suicida e mais efetivo que o convencional. Embora muitos listem várias organizações ou tentem tipificar e descrever os vários tipos de terroristas, essa tentativa de análise se revela limitada, sem levar em conta as ramificações das células terroristas e seus</p> <p>Por que os estudos em torno do fenômeno dos homens e mulheres bombas procuram desvendar a natureza tática suicida ou a natureza terrorista da tática?</p> <p>Não há outros fatores, como o religioso e cultural, além da “tática”?</p>

			desdobramentos no cenário geopolítico. Não se deve utilizar apenas um perfil baseado num modelo para analisar o terrorista suicida.	
K i m h i , S h a u i e E v e n S h e m u e I	Who are the palestinian suicide bombers?" (2004)	P O L Í T I C A E R E L I G I O S A	É um ato terrorista praticado por homens e mulheres que têm por trás a figura de uma liderança, de mentores intelectuais, que conduzem os atentados e as estratégias. A motivação individual e coletiva são fatores essenciais que contribuem para o auto-sacrifício que é encarado como uma forma de compensar as perdas e danos do passado. Há um aparato político e militar a sustentar as organizações terroristas.	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas sofre influência de um líder? Qual a importância do mentor intelectual no fenômeno dos homens e mulheres bombas? Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas é encarado como uma forma de compensar as perdas e danos do passado? Quais seriam essas perdas e danos? Qual a importância do aparato político e militar no fenômeno dos homens e mulheres bombas?
D o I n i k ,	Critical commentary on "Who are the palestinian suicide bombers?" (2004)	P O L Í T I C A	É uma tática dos terroristas que contam com o desapontamento político e social da população local para angariar recrutas (homens e mulheres). O auto-sacrifício inspira outros membros do grupo que é organizado e coeso. Isso desmistifica a idéia de que as	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado uma tática dos terroristas?

A d a m		E R E L I G I O S A	organizações são formadas por fanáticos, lunáticos e loucos.	Qual a influência da frustração política e social da população local para o fenômeno dos homens e mulheres bombas? Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas influencia outros membros do grupo a cometer o mesmo ato? Até que ponto a organização dos terroristas desmistifica a idéia de que os homens e mulheres bombas são fanáticos, lunáticos e loucos?
P a p e , R o b e r t	Dying to win: The strategic logic of suicide terrorism (2005)	S O C I O L Ó G I C A E P O L Í T I	Trata-se de um ato de terrorismo que tem como problema de fundo a questão da ocupação de território por forças estrangeiras, sendo que seus motivos estão ligados a questões nacionalistas e seculares e bem pouco em questões religiosas.	Será que o fator religioso tem pouco a ver com o fenômeno do homem e mulher bomba? Ou seria também um ingrediente? É possível descaracterizar, no todo ou em parte, o fator religioso nesse fenômeno?

		C A		
C o o k D a v i d	Understanding Jihad (2005)	S O C I O L Ó G I C A H I S T Ó R I C A E P O L Í T I C A	Trata-se de operações terroristas de martírio operadas por grupos radicais. O sacrifício humano é visto como instrumento para propagar a ideologia islâmica e a defesa dos ideais religiosos e políticos do Islã. O objetivo é reafirmar o Islã enquanto religião, combater os fatores que não permitem uma unificação do Islã, buscar uma identidade cultural e religiosa, evitar que o mundo islâmico seja destruído por conspirações exteriores. Trata-se de um posicionamento político e religioso que obtém o respeito das bases religiosas.	Até que ponto o fenômeno dos homens e mulheres bombas pode ser considerado como um instrumento para propagar a ideologia islâmica? Se o objeto dos grupos radicais é reafirmar o Islã, até que ponto isso é conseguido com o fenômeno dos homens e mulheres bombas? A prática dos homens e mulheres bombas pode ser considerada como uma maneira de buscar a identidade cultural e religiosa do islamismo?

A partir da sinopse apresentada, discutiremos, no próximo capítulo, as posições dos autores, no intuito de ir além da resenha e estabelecer, na medida do possível, um olhar crítico sobre elas.

CAPÍTULO IV - Para onde apontam as leituras. Um esboço de hermenêutica e análise crítica.

A partir da sinopse do capítulo terceiro, pretende-se neste capítulo, apresentar uma caracterização do suicídio praticado por homens e mulheres bombas no âmbito do islamismo. Sempre a partir das leituras apresentadas, apontar-se-ão as motivações, os objetivos e as conseqüências dessa prática. Nessa elaboração, ficarão patentes as convergências e divergências entre os autores. O capítulo se encerra com alguns questionamentos e críticas relativas a alguns tópicos principais que decorrem das leituras.

4.1 – A caracterização da prática

O suicídio praticado por homens e mulheres bombas no âmbito do islamismo tem recebido várias caracterizações variando de acordo com as leituras dos autores apresentados. Apresentaremos as principais.

4.1.1 – A prática do homem e mulher bomba como ato de terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista

Considerar o ato como terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista é a maior incidência das leituras. A maioria dos autores aponta o auto-sacrifício dos homens e mulheres bombas como uma das armas mais trágicas utilizadas pelos terroristas na atualidade, no bojo do desenvolvimento alarmante do terrorismo internacional.

Mais adiante daremos uma definição de terrorismo. Os homens e mulheres bombas realizam atentados inesperados que produzem os mais graves danos, espalham o terror e vitimam inocentes. Este terror tem tomado proporções alarmantes e está sendo utilizado como uma arma contra um inimigo muitas vezes indefinido.

O terror é uma estratégia perigosa, simples, barata e consegue grande repercussão. Muitas vezes é usada como intimidação política, chamando a atenção da mídia mundial.

Muitos grupos terroristas recorrem a essa prática e organizam as ações mediante uma preparação psicológica, militar e acima de tudo religiosa, e a religião é invocada para justificar a ação. Essa preparação envolve até um aparato educacional e muitos grupos atraem crianças e jovens para o suicídio terrorista aliciando-os dentro do espaço das escolas.

Os terroristas radicalizam o discurso religioso para justificar o ato e encobrir seus projetos expansionistas; a religião facilita encontrar recrutas, pois o terror é justificado pela morte em defesa da fé, tendo em vista o comprometimento do suicida com os ideais religiosos ou com seu grupo.

Esta prática tem sido utilizada por terroristas que a legitimam de maneira equivocada, recorrendo ao fundamento religioso. Essa leitura aparece nos textos de Dale, Armstrong, Dalacoura, Antes, Kamel, Atran, Kitschelt, Dishman, Strenski, Hetch, Stern, Demant, Sedgwick, Pedazhur, Bloom, Dolnik, Pape, Cook, Kimhi e Even, Pastore, Cardoso e Sabatini.

Entretanto, alguns autores, em minoria, discutem o fenômeno, sem atribuir-lhe a conotação ou enquadrá-lo como prática terrorista. Nessa direção vão os autores Dalacoura, Bendle e Euben.

4.1.2 – A prática do homem e da mulher bomba como ato religioso

A maioria dos autores tem a visão de que a religião é fundamental para a ocorrência do fenômeno, tendo em vista que a sociedade islâmica engloba o cultural, o religioso e o político sem que haja separação entre esses campos.

A sociedade como um todo orienta os muçulmanos de maneira unitária nas questões que envolvem a religião, a política, o direito, a cultura, a economia, etc. A esfera religiosa está presente no conjunto da vida humana individual e social, não havendo separação entre o religioso, o pessoal, o social e o político. Sendo assim, o fator religioso tem envolvimento em todos os aspectos da vida cotidiana

de seus adeptos. Por isso, a ação do suicida é ao mesmo tempo um ato político e religioso, segundo a maioria dos autores.

O povo muçulmano vive uma profunda religiosidade e submete-se à vontade de Deus. Por isso, a maioria dos autores acredita que o fator religioso é instrumentalizado pelos grupos radicais e fundamentalistas para angariar mais voluntários para o terror suicida.

Para os autores Bendle, Atran, Euben, Dishman, Strenski, Hetch, Stern, Demant, Sedgwich, Pedazhur, Dolnik, Dolnik, Kimhi e Even, a religião é fator fundamental para a ocorrência do fenômeno, pois o suicida pratica o ato impulsionado e motivado por sua crença e a fé justifica a violência em nome da defesa ou expansão do poder e da cultura da religião islâmica.

Dishman, ao comentar os artigos de Stern e Laqueur, afirma que a motivação mais forte do suicídio é religiosa, aliada ao conservadorismo que também contribui para o surgimento do militarismo e da reação armada exercida pelo terrorismo.

Entretanto, alguns autores, em minoria, descaracterizam o fator religioso como fator principal, atribuindo-lhe pouca importância. É o caso de Pape que afirma que a motivação é nacionalista e secular. Já para Kitschelt, a motivação é a questão ideológica e a defesa de uma frente libertadora. Para Dishman, os homens bombas não são motivados só pela religião, mas por outros fatores que variam entre o econômico e o político. Para Hetch, a questão histórica e social são fatores preponderantes no surgimento dos terroristas suicidas e as recompensas no paraíso de Alá seriam apenas uma motivação.

Os autores Kimhi e Even acreditam que a motivação individual e social são as mais importantes. A questão religiosa, no que tange a liderança dos grupos, também é importante, mas não subsiste se não houver um aparato político e militar por trás. Dolnik concorda com os autores Kimhi e Even e acrescenta que o ato não pode ser analisado isolado do grupo, pois não é solitário, mas fruto de um trabalho em equipe.

O aspecto de auto-sacrifício (religioso) é relevante para aliciar outros membros. Para Dale, as motivações são seculares, tais como a transformação do

panorama político internacional, as questões geopolíticas, históricas e comerciais e a expansão da comunidade muçulmana.

4.1.3 – O homem e mulher bomba vistos como neuróticos e fanáticos

Alguns caracterizam os suicidas como neuróticos e fanáticos. Assim, Pastore e Kamel. Para Dishman, o autor Laqueur segue essa linha de classificação denominando-os de paranóicos e histéricos.

Outros reagem e os consideram pessoas normais. Nessa linha, Atran, Bloom, Dolnik, Kitschelt.

Já para Cardoso e Sabatini, os suicidas não são insanos, porém fazem parte de um sistema insano motivado por fanatismo intenso e cuidadosamente desenvolvido,

Kitschelt alerta que existe a falsa imagem de um Oriente caótico e fanático. Pedazhur afirma que considerar os suicidas sob o aspecto doentio e fanático constitui um motivo frágil para tentar tipificar os terroristas suicidas.

Para Hetch, é errado diagnosticar os terroristas como insanos, doentes, loucos e esquizofrênicos, pois eles se vêem como instrumentos de Deus. Para Dolnik, é necessário desmistificar a idéia de que os suicidas são fanáticos, lunáticos e loucos; pelo contrário, fazem parte de organizações sistematizadas.

4.1.4 – A prática do homem e mulher bomba como expressão do fundamentalismo

Alguns autores como Armstrong, Dalacoura, Kamel, Euben, Kitschelt, Sedgwich, Bloom, Cook, Demant, atribuem a prática ao fundamentalismo, ao radicalismo islâmico e afirmam que é uma arma usada exclusivamente por grupos fundamentalistas.

Os autores, com exceção de Armstrong, tendem a acusar o Islamismo e a própria religião como fonte do fanatismo e suporte da prática. Segundo todos

esses autores, os muçulmanos fundamentalistas acreditam que não é uma luta somente por ideais religiosos, mas por sobrevivência, defesa da crença, e para tanto recorrem ao terrorismo. Armstrong alerta que nem todo terrorista é necessariamente fundamentalista. Mais adiante daremos a definição de fundamentalismo que permeia as várias leituras.

Esses autores pontuam que o fundamentalismo não caracteriza somente o Islamismo, pois outras crenças reagem ou reagiram à modernidade adotando a “religiosidade armada”. Por isso, o fundamentalismo é um fato global e uma resposta a problemas específicos. O uso da “religiosidade armada” é histórico e tem raiz na intolerância.

A autora Armstrong afirma que não podemos dizer que o fundamentalismo faz parte de todo o mundo muçulmano e muito menos dizer que é algo exclusivo da religião islâmica. Atran ainda complementa, afirmando que caracterizar o fenômeno como algo específico do fundamentalismo islâmico é errôneo, uma vez que outras crenças também podem ser fundamentalistas.

Armstrong alerta que enquanto alguns seguidores do fundamentalismo islâmico fazem uso da força, da violência e do terror, outros (muçulmanos não fundamentalistas) pregam a tolerância, a conciliação e a paz. O medo e desespero de ter sua cultura e religião exterminadas fazem com que a violência aumente.

4.2 – As motivações da prática

Muitos autores atribuem a origem, o suporte e as motivações da prática não ao Islamismo nem à religião islâmica. Segundo eles, a prática decorre: 1. de grupos radicais (Armstrong, Kamel, Euben, Kitschelt, Demant, Sedgwich, Dolnik , Pape, Cook); 2. de uma leitura equivocada do Alcorão, caracterizando o ato como jihad, como martírio, como redenção (Dalacoura, Armstrong, Kamel, Dishman, Stern, Demant, Sedgwich, Pedazhur, Cook, Kimhi e Even); decorre de motivos políticos e geopolíticos (Bendle, Antes, Atran, Euben, Dishman, Strenski, Hetch, Sedgwich, Bloom, Pape, Cook, Kimhi e Even).

Para vários autores, a prática engloba motivos psicológicos, internos e individuais, incorporação da doutrinação pelos praticantes e comprometimento com a causa islâmica. Nessa linha estão Pastore, Cardoso e Sabatini, Atran, Dishman, Strenski, Stern, Demant, Sedgwich, Pedazhur, Dolnik, Pape, Cook, Kimhi e Even.

Muitos vêem na prática motivos sócio-econômicos e culturais: a pobreza, o assassinato de familiares e amigos, e o enfrentamento das violências sofridas, a resistência à invasão do Ocidente, a salvação da cultura e da religião islâmica, a luta social contra a desigualdade, a afirmação do poder islâmico, a invasão do território, o colonialismo; a ideologia reacionária contra a modernização, a globalização e a tecnologia (Dale, Armstrong, Bendle, Antes, Atran, Euben, Kitschelt, Dishman, Strenski, Strenski, Stern, Demant, Sedgwich, Pedazhur, Dolnik, Pape, Cook, Kimhi e Even).

4.3 – Para além da resenha. Análises e críticas.

Apresentaremos agora um olhar analítico e crítico sobre as principais caracterizações do fenômeno que aparecem na leitura dos autores.

4.3.1 – Seria o ato um suicídio?

Considerarmos a prática do homem e mulher bomba como um suicídio é desconsiderar as circunstâncias em que a prática acontece, circunstâncias que fornecem particularidades que não encontramos em um suicídio.

O conceito de suicídio, por si só, já traz os vícios da mentalidade ocidental. Ademais não se trata apenas da morte da vítima e sim de todo contexto e preparo em que o ato do homem e mulher bomba ocorre.

O aparato militar, os fatores culturais, sócio-políticos e religiosos são os ingredientes que permeiam a prática do homem e mulher bomba, bem como a destruição e o número de inocentes que vitimam.

Outra particularidade que não encontramos no suicídio comum é o objetivo da morte da vítima, pois, em um simples suicídio, o objetivo é somente a morte do próprio suicida, ou seja, a motivação é individual. Já no ato dos homens e mulheres bombas o objetivo vai além da motivação individual e se torna um ato com conseqüências coletivas.

Como motivação individual, o suicida busca a transcendência, a realização de um compromisso de fé; como motivação coletiva, o suicida busca a defesa de sua crença, da sua cultura, dos ideais de seu povo.

4.3.2 – Seria um ato terrorista?

Para discutirmos essa questão precisamos definir terrorismo. No segundo capítulo, apresentamos um conceito de terrorismo de Wilkinson que, apesar de antigo, supria as necessidades daquele momento.

Agora utilizaremos a definição de Stern, por entendermos ser a que mais se encaixa no objeto estudado, já que a autora em sua obra *Terror em nome de Deus*: por que os militantes religiosos matam, trata “somente de terroristas em busca de metas religiosas, isto é, terrorismo religioso”.

Para Stern “o terrorismo é dirigido contra não-combatentes”; essa é uma das razões que diferencia o terrorismo de outras formas de combate na guerra. Neste sentido, a autora define terrorismo como

um ato ou ameaça de violência contra não-combatentes, com o objetivo de produzir vingança, intimidação ou qualquer outra forma de influenciar um grupo. Essa definição permite ir além do praticante e de seus motivos e examinar uma ampla gama de possíveis agentes ([...] estados ou seus substitutos, grupos internacionais ou um único indivíduo) e todas as metas alegadas (políticas, religiosas ou econômicas) (*Ibid.*, 2004, p. XIV).

Para Stern “a maioria dos terroristas religiosos mistura objetivos religiosos e materiais. Pode pretender, por exemplo, adquirir poder político para impor uma determinada interpretação de leis religiosas ou apelar para textos religiosos para justificar a conquista de territórios em disputa”.

A autora acredita que os homens e mulheres bombas têm precedentes no passado histórico do Islamismo. Trata-se dos “assassinos, ou Ismailis-Nizari, que agiram durante dois séculos, de 1090 a 1275”, cuja meta é idêntica à dos extremistas de hoje, a “divulgação do islamismo puro” (*Ibid.*, 2004, p. XXI).

Assim como outros autores citados, a autora acredita que essa prática é o “ressurgimento do terror religioso” (*Ibid.*, 2004, p. XXI), diferenciando apenas pelo fato que os assassinos “matavam indivíduos escolhidos”, já os homens e mulheres bombas “atacam aleatoriamente”, vitimando inocentes.

Nossa posição é contrária a identificar a prática dos homens e mulheres bombas como puro terrorismo. Há outros fatores que também contribuem para o ato e não se trata apenas de produzir terror. O termo “terrorismo”, por si só, já está sobrecarregado de ideologia ocidental. Damos razão àquela minoria de autores que caracterizam a prática como um produto sócio-cultural e uma guerra de libertação.

Geertz conceitua cultura como “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida”. (GEERTZ, 1978, p. 191)

Analisar o fenômeno colocando nele o rótulo de terrorismo soa como um simplismo redutor, esquecendo a importância que a cultura exerce em todas as nossas ações. É o que ensina Geertz com muita clareza:

Nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais - na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e

disposições com as quais nascemos, e, não obstante, manufacturados (*Ibid.*, 1978, p.62).

O ser suicida, que analisamos, apresenta um conjunto de idéias, valores, atos e emoções decorrentes da cultura que o forja, como produtos dela. Vale a pena citar a seqüência de texto de Geertz, que exemplifica o seu pensamento recorrendo à construção daquele fantástico monumento arquitetônico, que é a Catedral de Chartres. Diz ele:

Chartres é feita de pedra e vidro, mas não apenas pedra e vidro, é uma catedral, e não somente uma catedral, mas uma catedral particular, construída num tempo particular por certos membros de uma sociedade particular. Para compreender o que isso significa, para perceber o que é isso exatamente, você precisa conhecer mais do que as propriedades genéricas da pedra e do vidro e bem mais do que é comum a todas as catedrais. Você precisa compreender também – e, na minha opinião, da forma mais crítica – os conceitos específicos das relações entre Deus, o homem e a arquitetura que ela incorpora, uma vez que foram eles que governaram a sua criação. Não é diferente com os homens: eles também, até o último deles, são artefatos culturais. (*Ibid.*, 1978, p.62-63).

Grande lição nos dá o autor com este exemplo. Caracterizar esses homens e mulheres de que falamos, com o rótulo de terroristas, é o mesmo que pretender conhecer a Catedral de Chartres como um conjunto de pedras e vidros. É o que faz Stern, quando, com incrível leviandade e sem nenhum respeito ao contexto cultural, os assemelha aos assassinos dos séculos XII e XIII.

É preciso compreendê-los nas relações específicas que os envolvem – com Deus, com a sociedade em que vivem, e com os seus conflitos, enfim com o contexto cultural –, pois é esse conjunto que “governa” o surgir desse fenômeno.

4.3.3 – Seria mero fundamentalismo?

Para analisarmos esta questão, ocorre entender o sentido de fundamentalismo.

Para Farah, o termo “fundamentalismo”, que originariamente “foi cunhado para designar manifestações do protestantismo norte-americano”, teve seu sentido ampliado e “passou a ser usado também para outras religiões” (FARAH, 2001, p. 72).

O autor distingue fundamentalismo e extremismo. Alguém pode ser fundamentalista e ao mesmo tempo ser pacífico. Já o extremismo se dá “quando se consideram justificáveis atos de violência para impor determinada concepção”. (*Ibid.*, p.72).

Esse extremismo, segundo o autor, “é fenômeno recente na história islâmica, aparecendo de forma expressiva apenas a partir do século 20”. Seu vínculo com o Islamismo “se restringe a uma distorção religiosa com o intuito de legitimar suas práticas”. Mas a legitimação é fictícia, pois “o terrorismo é condenado pela absoluta maioria dos muçulmanos”, e o “Islã proíbe terminantemente o suicídio”. O autor cita o pesquisador Espósito para contestar “a tendência de identificar o Islã como uma ‘ameaça global’”, como era antes o comunismo. E afirma “há extremistas em todas as religiões” (*Ibid.*, 2001, p. 72).

Para Demant, o termo “fundamentalismo”, embora tenha surgido “há um século dentro do protestantismo norte-americano”, hoje é “usado para movimentos vagamente paralelos em outras religiões”. (DEMANT, 2004, p.194).

Afirma Demant que o termo “islã político é aceitável, assim como revivalismo islâmico”; entretanto, alguns “usam simplesmente ‘o islã radical’ ou ‘radicalismo islâmico’”. Demant, porém, admite e usa, no seu trabalho, a concepção de um “fundamentalismo muçulmano” (*Ibid.*, 2004, p.194).

Segundo Demant, “no olhar fundamentalista, o homem tem apenas o direito (que é também seu dever) de se prostrar e aceitar o poder incomensurável e arbitrário de Deus” (*Ibid.*, p. 361).

Há uma tendência, entre os autores estudados, a apontar a religião islâmica como fundamentalismo e a ler o fenômeno dos homens e mulheres bombas como decorrência dessa característica. Antes alertava para esse fato:

O fundamentalismo religioso e a luta de culturas são dois exemplos particularmente úteis para mostrar como fenômenos isolados juntam-se como peças de um mosaico para formar um quadro que é completamente aberto, se corresponde à realidade, de modo que não pode excluir a possibilidade de que peças concretas do mosaico levem à construção de um quadro errado” (ANTES, 2003, p.20).

A questão é muito complexa. Ivo Pedro Oro escreve um extenso tratado, *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*, no qual afirma que “a necessidade de um conceito claro de fundamentalismo é urgente” (ORO, 1996, p. 23). E justifica essa urgência afirmando:

[...] nos últimos anos o termo *fundamentalismo* vem sendo prodigamente empregado em situações variadíssimas, tanto no campo religioso como no político. [...] aparece, às vezes, como sinônimo de conservadorismo [...] (*Ibid.*, 1996, p.23).

Ao buscar a definição de fundamentalismo em sentido estrito, ele vai ao encontro do movimento fundamentalista, “que os autores chamam de clássico, fundante, ou histórico” (*Ibid.*, p.49). Citando Pierucci, Oro afirma que o fundamentalismo irrompeu como “uma vertente do movimento conservador, antiliberal, que se formou nos EUA, a partir de 1870, nas primeiras denominações protestantes norte-americanas, com o objetivo principal de defender o princípio da inspiração divina plena da Bíblia, portanto, sua inerrância, a autoridade absoluta da letra da Bíblia na vida do cristão” (PIERUCCI, apud ORO, 1996, p. 58).

Segundo Oro, só tem sentido falar em fundamentalismo em sentido estrito no contexto do protestantismo antiliberal. (*Ibid.*, 1996, p. 169). E ele, nas páginas 109-137, apresenta os componentes estruturais básicos ao fundamentalismo, que aqui referimos sinteticamente. São constituídos por um líder e uma rede de fiéis, por uma comunidade calorosa, cujas relações travam-se principalmente através da mídia (“tele-afeição”); a legitimação do líder se dá pelas verdades do passado; a gestão do sagrado é autoritária e totalitária; o inimigo é demonizado.

Como conseqüência da forma autoritária e totalitária da gestão do religioso, “líder e fiéis fundamentalistas possuem sua fé como a única verdadeira e sua verdade como o caminho exclusivo da salvação” (*Ibid.*, 1996, p. 131). Enfim “a capacidade pessoal do líder, conectada com a legitimidade pela verdade sagrada, pode transformar, com freqüência, nos fiéis, o entusiasmo em fanatismo” (*Ibid.*, p. 130).

Oro, ao discutir a atribuição do termo a vários movimentos religiosos, refere-se explicitamente ao Islamismo. Trazemos aqui suas análises porque nos permitem, ao concordar com ele, firmar nossa posição sobre a questão que levantamos neste item.

Oro inicia a discussão afirmando que

A mídia tem alardeado a atuação política de alguns grupos islâmicos, relacionando-os com regimes políticos-religiosos e com atos de terrorismo. Mas seria isso movimento fundamentalista? Não é forçar uma adaptação de conceito chamar de fundamentalista um movimento surgido em outro contexto sociocultural? (*Ibid.*, 1996, p.23).

O autor adentra a questão citando vários autores, como Kepel e Abdullah, que, embora não falem explicitamente do fundamentalismo islâmico, vêem, no islamismo radical, várias aproximações com as características do fundamentalismo ocidental de matriz protestante. Refere-se também a Pierucci que admite “a existência de fundamentalismo islâmico, mas dentro de uma

definição de fundamentalismo ligado ao texto sagrado” (PIERUCCI, *apud* ORO, 1996, p. 30).

Mas Oro assume uma posição, com a qual concordamos, baseada no trabalho de Nasr, *O mundo Islâmico. Tendências atuais e futuras* (*apud* ORO, 1996, p. 32). Assim Oro resume o pensamento de Nasr:

O uso do termo fundamentalismo por estudiosos ocidentais ‘referindo-se a uma grande variedade de fenômenos no mundo islâmico e a correntes de pensamento islâmico, é extremamente infeliz e enganador’. Essas correntes não são formas conservadoras, antimodernistas, com interpretação literalista nem com ênfase numa ética tradicional. Compõem um conjunto diversificado de tendências que desejam reislamizar a sociedade; mas enquanto uns o fazem de modo pacíficos, outros apelam para técnicas revolucionárias e usam todas as ideologias de movimentos revolucionários da moderna Europa. Em comum têm apenas ‘uma frustração cultural e religiosa diante do assalto da cultura ocidental e o desejo de reafirmar-se em nome do Islã’ (NASR, *apud* ORO, 1996, p.32).

Oro finaliza sua posição contrária ao aplicativo do fundamentalismo ao islamismo, indicando três razões: 1- porque há “uma variedade tão multiforme de movimentos, contraditórios entre si”, que impossibilita juntá-los sob a mesma denominação; 2- sendo o contexto socioeconômico-político-cultural do islamismo “muito diferente daquele do fundamentalismo protestante, a função social e as respostas à demanda dos muçulmanos também são muito diversas”; 3- “nem mesmo os muçulmanos, os que se autodenominam e os que são denominados fundamentalistas pelos ocidentais, se reconhecem no conceito de fundamentalismo que está em voga no Ocidente” (*Ibid.*, 1996, p. 38).

Baseando-nos nessas razões, nós também descartamos a caracterização dos homens e mulheres bombas como integrantes de um suposto “fundamentalismo islâmico” à imagem e semelhança do fundamentalismo ocidental.

4.3.4 – A relevância e os limites do fator religião

O fator religioso tem grande relevância na prática do homem e mulher bomba. Essa é a posição da maioria dos autores, e com ela concordamos. Os homens e mulheres bombas sempre se mostram imbuídos de um comprometimento “com uma idéia religiosa ou com o grupo religioso” (STERN, 2004, p. XXVI).

Há uma interiorização dos valores religiosos islâmicos como motivo propulsor que leva pessoas a matar e matar-se em nome de Alá pela causa islâmica. Entretanto, não é correto polarizar esses atos no fator religioso.

Trata-se de uma “perspectiva religiosa” e, como diz Geertz “falar de uma perspectiva religiosa é, por implicação, falar de uma perspectiva entre outras” (GEERTZ, 1978, p. 126).

Enquanto tal, o fator religioso, ou a perspectiva religiosa dos homens e mulheres bombas, pode ser lida, parafraseando Geertz, como “um modo de ver, no sentido mais amplo de ‘ver’ como significando ‘discernir’, ‘apreender’, ‘compreender’, ‘entender’ [...]. Uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo...” (*Ibid.*, p. 126).

Podemos também dizer, servindo-nos da diferença que Geertz estabelece entre a perspectiva religiosa e o senso comum, que essas pessoas, que realizam o supremo sacrifício de suas vidas, se movem “além das realidades da vida cotidiana em direção a outras mais amplas, que as corrigem e completam, e sua preocupação definidora não é a ação sobre essas realidades mais amplas, mas a sua aceitação, a fé nelas” (*Ibid.*, p. 128).

Ao agirem movidas pelo prisma religioso, essas pessoas têm consciência do que fazem (não são fanáticos ou paranóicos), entretanto, o ato que realizam vai além de uma perspectiva racional ou científica, pois elas questionam as realidades, o contexto e a própria opção “não a partir de um ceticismo institucionalizado que dissolve o ‘dado’ do mundo numa espiral de hipóteses probabilísticas” (bem a gosto da cientificidade ocidental, diremos nós), mas em

termos de olhar a “verdade” da própria opção sob o ângulo de uma “verdade” mais ampla, não hipotética; em termo de uma certeza.

Ainda parafraseando Geertz, “em vez de desligamento, sua palavra de ordem é compromisso, em vez de análise, o encontro” (*Ibid.*, p.128). Mais adiante veremos o sentido místico de dádiva que essa opção realiza.

Apesar destes aspectos relevantes da perspectiva religiosa, não há como elevá-la ao patamar de uma motivação exclusiva. Como já vimos, outros fatores entram em cena, e nisso concordamos com os autores estudados, que vêm nessa opção outras motivações tais como a ideológica, a sócio-econômicos e os motivos culturais (Dale, Armstrong, Bendle, Antes, Atran, Euben, Kitschelt, Dishman, Strenski, Strenski, Stern, Demant, Sedgwich, Pedazhur, Dolnik, Pape, Cook, Kimhi e Even).

4.3.5 – A prática como experiência religiosa radical e extrema. A dádiva.

Até que ponto o ato do homem e mulher bomba pode ser considerado uma experiência religiosa radical e extrema? Percebemos neste ato, como dito anteriormente, a presença do fator religioso configurando de forma marcante o evento; no entanto, é um ato que não tem a religião como fator único, pois outros fatores permeiam o fenômeno.

Não podemos negar que se trata de uma experiência religiosa diferente das que vivenciamos em nossa sociedade e neste sentido Mauss afirma que “qualquer sociedade diferente da nossa é objecto, qualquer grupo da nossa própria sociedade, à excepção daquele de que dependemos, é objecto, qualquer uso desse mesmo grupo, ao qual não aderimos, é objecto” (MAUSS, 2001, p. 27).

Talvez; por considerarmos, nós ocidentais, o ato praticado por homens e mulheres bombas como puro “objeto” seja a razão pela qual não consigamos compreender a ação dos homens e mulheres bombas como uma experiência religiosa radical e extrema (*Ibid.*, 2001).

As pesquisas e observações realizadas por Mauss sobre a dádiva em povos ancestrais, embora feitas em contextos diferentes, poderão ajudar a compreender o suicídio, de que tratamos, como dádiva.

Nossa sociedade, impregnada pelos costumes ocidentais, tem dificuldade de entender essa imolação como uma dádiva, mas se levarmos em conta a entrega/renúncia da vida do suicida como ato altruísta não só em prol da sua felicidade, mas em defesa da religião, da cultura e do povo islâmico, o ato pode ser tido como dádiva e martírio.

Nessa perspectiva, verificamos de início que o ato, “fenômeno social total”, tem “caráter voluntário” e aparentemente “livre e gratuito”; no entanto, “forçado e interessado” (*Ibid.*, 2001, p. 157). Forçado porque o arrependimento pode degradar a pessoa; interessado porque há interesses pessoais, econômicos e políticos envolvidos.

Se, por um lado, os suicidas se sentem honrados com a ação promovida ao grupo social, por outro lado as dádivas das suas vidas, “podem ser obrigatórias, permanentes, sem outra contraprestação que não seja o estado de direito que as abrange” (*Ibid.*, 2001, p. 60).

Parece criar-se um “estado de direito” do grupo sobre a vida do suicida. É por isso que ele não pode voltar atrás de decisão, pois, dessa maneira seria encarado como uma recusa em se dar pelo ideal defendido pelo grupo. Como diz Mauss: “negligenciar o convite, como recusar receber, equivale a declarar a guerra; é recusar a aliança e a comunhão...” (*Ibid.*, 2001, p. 68). Depois, o doador se vê “forçado a isso, porque o donatário tem uma espécie de direito sobre tudo que pertence ao doador. Essa propriedade exprime-se e concebe-se como uma ligação espiritual” (*Ibid.*, 2001, p. 68).

No caso, o donatário imediato seria o grupo ou movimento ao qual o suicida se filia; o donatário último seria Alá e o seu reino, isto é, a religião muçulmana. A doação da vida pelo ideal religioso supõe a “obrigação de dar, por um lado, obrigação de receber, por outro”, pois essa entrega pode ser encarada como a busca do paraíso. Por esta razão, a prática dos homens e mulheres bombas pode

ser considerada como “destruição sacrificial”, e pode ser encarada como “uma doação necessariamente retribuída” (*Ibid.*, p. 61 e p. 73).

Para Mauss, a dádiva é um “fenômeno complexo”, sobretudo na sua forma mais antiga, a da “prestação total” e que os doadores “devem saber opor-se sem se massacrarem e dar-se sem se sacrificarem uns e aos outros”, criando desta maneira “um dos segredos permanentes da sua sabedoria e solidariedade” (*Ibid.*, 2001, p. 196).

4.3.6 – O dilema ético

A ação dos homens e mulheres bombas envolve um profundo dilema ético.

Perante o princípio ético universalmente admitido que os fins, por mais nobres que sejam, jamais justificam a moralidade dos meios, que se usa para atingi-los, o auto-sacrifício dos homens e mulheres bombas, em que pesem as intenções nobres, que o circundam, já expostas anteriormente, jamais justificariam nem legitimariam o sacrifício de vidas humanas, a vida dos próprios suicidas e as vítimas do atentado. Agrava ainda mais a condenação ética, quando se considera que os alvos quase sempre não são militares, mas a população civil, indefesa, desarmada, homens, mulheres, idosos, crianças, o patrimônio privado e público, muitas vezes de inestimável valor histórico e artístico.

Entretanto, essa condenação não deve jamais atingir o povo, a cultura e a religião islâmica. A ação não brota do povo, mas de grupos extremistas, como bem observa Farah.

O extremismo e o terror não são apanágios do Islamismo. O ocidente e as invasões que realizaram e ainda hoje perpetraram nos países árabes (Iraque, Afeganistão) e, no mundo, as guerras que assolaram e vêm assolando a humanidade, os genocídios, são ações cuja barbárie é muito mais ampla e cruel do que os suicidas do Islã.

E os alvos, em todas as invasões e guerras, nunca se limitaram aos objetivos militares. Relembre-se a destruição de Iroshima e Nagasaki. Relembrem-se as atrocidades na Bósnia, os genocídios na África e a matança no território palestino.

Com isso, não se quer justificar a violência suicida que se espalha pelo mundo. Pretende-se mostrar que essas atrocidades estão a revelar o terrível mistério do mal.

Como diz Morin, “o mal ético está na barbárie das relações humanas, no próprio coração da civilização. Enquanto permaneceremos como somos, continuaremos bárbaros e mergulhados na barbárie” (MORIN, 2005, p. 86).

E esse enorme conjunto de barbáries do qual os suicidas islâmicos representam apenas uma ínfima parcela, suscita grandes questões éticas que Morin assim sintetiza: “como sair da pré-história do espírito humano? Como sair da nossa barbárie civilizada?” (*Ibid.*, 2005, p. 87). E a saída, para o autor, há de ser uma política que integre “a incógnita do futuro do mundo, a aposta, a estratégia, um conhecimento pertinente, e vise a reformar as relações entre os seres humanos” (*Ibid.*, 2005, p. 87).

Com muito realismo, Morin afirma que “não se trata de forma alguma de alcançar uma sociedade de harmonia na qual tudo seria paz”. Trata-se de mirar a uma “boa sociedade, que será sempre ‘complexa’”, pois “abraça a diversidade, não elimina antagonismos e dificuldades de viver, mas que comportaria mais religião, compreensão, consciência, solidariedade, responsabilidade” (*Ibid.*, 2005, p. 82).

E a pergunta é sempre a mesma, expressada pelo autor: “será possível?”. E a resposta é parcialmente otimista: “Ainda aqui isso é, no momento, impossível, mas esse impossível é daqueles que são possíveis” (*Ibid.*, 2005, p. 87).

Depois de percorrer, na sua obra, as vias possíveis para chegar lá; vêm as últimas palavras da sua Ética: “A fé ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor [...] Esse amor nos ensina a resistir à crueldade do mundo, a aceitar/recusar esse mundo. Amor é também coragem” (*Ibid.*, 2005, p. 202).

E eis a última “receita” do “doutor amor”: “ame para viver, viva para amar. Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, a alma são frágeis e perecíveis” (*Ibid.*, 2005, p. 202). Se a humanidade seguir essa “receita”, quem sabe em um futuro não teremos mais sacrifícios

violentos de homens e mulheres bombas, pois a civilização terá menos barbárie e mais amor⁴⁵.

⁴⁵ Sobre essas reflexões de Morin, leia-se o trabalho de QUEIROZ, Educar para a solidariedade: princípios e rumos. In. ALMEIDA, Cleide e PETRAGLIA, Izabel, *Estudos e Complexidade*, São Paulo: Xamã, 2006, p. 49-64.

CONCLUSÃO

Ao findar a nossa tarefa, cumpre-nos lançar um olhar retrospectivo para o trabalho realizado a fim de apontarmos sinteticamente as conquistas, os limites, e a um tempo projetarmos sugestões para ulteriores pesquisas.

De início, constatamos que a morte é uma realidade universal e presente na cultura dos povos. A universalidade da morte faz com que vários significados e explicações surjam em torno desse fenômeno. A presença da religião é fundamental para a compreensão da morte ora como derrota e castigo, ora como libertação e oportunidade para uma vida melhor.

A morte, seja ela por homicídio, suicídio ou causa natural, tem sido explorada sob o prisma religioso, desde as sociedades primordiais, servindo tanto para agregar como para exercer poder, controle e manipulação sobre os membros do grupo que encaram esse fenômeno como parte integrante do viver, sem excluí-la da vida social.

Até o suicídio, que é a morte provocada pela própria vítima, também sofre variações de interpretação conforme o grupo social, diferenciando ainda conforme a perspectiva em que é enfocado. Trabalhamos algumas, que achamos ser as mais importantes: filosófica, religiosa e sociológica. Especial atenção mereceu o enfoque religioso, pois foi possível constatar que a religião sempre teve relação com o suicídio, ora para admiti-lo, ora, na maioria dos casos, para condená-lo.

Em seguida, apresentamos a situação atual do suicídio, introduzindo a problemática no Islamismo e focando a evolução das armas de destruição produzidas pelo homem, principalmente a nova categoria de arma de destruição conhecida como os homens e mulheres bombas. Modalidade que foge dos parâmetros já estudados, tendo em vista que o resultado alcançado vai além da morte do suicida.

Ao longo do trabalho foi possível detectar que a definição de suicídio altruísta trabalhada por Durkheim em vários aspectos se aproxima do nosso objeto, em outros é insatisfatória, porque homens e mulheres se matam (suicídio), mas ao mesmo tempo cometem o homicídio de até milhares de pessoas em defesa dos

propósitos de seu grupo social ou em nome de uma causa muitas vezes incompreensível: Deus.

No que tange ao aspecto social, demos ênfase à leitura de Durkheim, que define vários tipos de suicídio, entre eles o altruísta, que se caracteriza pela ligação “excessiva” do indivíduo com a sociedade, que o induz a sacrificar sua vida por ela.

Detectamos que o suicídio praticado pelos homens e mulheres bombas no Islamismo sofre influências da religião e o altruísmo religioso pode ser responsável pelo crescimento desse fenômeno. O Islamismo, por ser uma cultura em que há unidade entre Estado e Religião, favorece o desenvolvimento do sentimento altruísta, embora existam muçulmanos favoráveis (extremistas) e outros, totalmente contrários a esta prática.

O “terror” produzido e os danos causados pelas bombas humanas na integridade física das pessoas e patrimônios podem ter sido a razão de enquadrar essa prática como terrorismo e receber a denominação de atentado terrorista. E também por ser uma arma adotada por grupos e movimentos considerados extremistas, tais como Al Qaeda, Hezbollah, OLP, Hamas, Intifada, Jihad Islâmica, Taleban.

Para compreendermos o ato dos homens e mulheres bombas e as leituras que dele fazem autores não muçulmanos foi preciso penetrar, ainda que superficialmente, no contexto islâmico, apresentando algumas noções preliminares sobre islamismo, a sua religião e religiosidade e algumas caracterizações da morte e do suicídio no âmbito dessa cultura.

Depois de constatar que a religião islâmica é uma das religiões que mais cresce no mundo, percebemos que a religiosidade islâmica se desdobra em dois aspectos: o cultural e o religioso, propriamente dito, mas esses aspectos não aparecem separados, e além disso, não compreendem apenas a esfera religiosa-espiritual e sim todas as esferas da vida humana, pois são dimensões onipresentes, que penetraram nos vãos da vida cotidiana. Por isso, estão presentes também na lei islâmica (a charia) que é a união das fontes: Alcorão,

Suna, no acordo unânime da comunidade muçulmana ou “Idjmâ” e no raciocínio por analogia.

Dessa união, surgiu um sistema relativamente flexível que se manteve satisfatório até o surgimento do conflito atual entre os muçulmanos, o mundo moderno e o poder que os subjuga ou ameaça. Foi então que surgiu a prática do suicídio violento no seio de grupos muçulmanos extremistas. Fenômeno extremamente complexo, de múltiplas motivações e sujeito às mais variadas interpretações.

Diversas leituras surgiram e vão surgindo em torno dos homens e mulheres bombas. Neste trabalho, limitamo-nos à leitura de autores não muçulmanos que abordaram o tema, em várias perspectivas: histórica, sociológica, psicológica, política, cultural, religiosa. Pudemos apurar as características principais que as leituras atribuem à prática: ato de terrorismo, suicídio terrorista ou tática terrorista; ato religioso; ato de neuróticos e fanáticos; expressão do fundamentalismo.

E as motivações que induzem à prática são múltiplas: ora é causada por grupos radicais; ou por uma leitura equivocada do Alcorão, caracterizando o ato como jihad, como martírio, como redenção; ora surge de motivos políticos e geopolíticos; não faltam motivos psicológicos, internos e individuais com a incorporação da doutrinação pelos praticantes e o conseqüente compromisso com a causa islâmica.

Muitos vêem na prática motivos sócio-econômicos e culturais: a pobreza, o assassinato de familiares e amigos, e o enfrentamento das violências sofridas, a resistência à invasão do Ocidente, a salvação da cultura e da religião islâmica, a luta social contra a desigualdade, a afirmação do poder islâmico, a invasão do território, o colonialismo; a ideologia reacionária contra a modernização, a globalização e a tecnologia.

Indo além da resenha, procuramos lançar um olhar analítico e crítico sobre as principais caracterizações do fenômeno que aparecem na leitura dos autores, abordando as seguintes questões: seria o ato um suicídio? seria um ato terrorista? seria mero fundamentalismo? qual a relevância e os limites do fator religioso? a

prática pode ser encarada como uma experiência religiosa radical e extrema, como dádiva? Como focá-lo sob o prisma ético?

Concluimos que o ato dos homens e mulheres bombas não pode ser considerado apenas um suicídio ou um suicídio altruísta porque não se trata somente da morte da vítima; ele está envolvido em amplo contexto sócio-econômico, político, religioso de luta violenta e vitimadora. Não pode ser reduzido ao terrorismo porque faz-se necessário compreendê-lo nas relações específicas que o envolvem – com Deus, com a sociedade em que vivem, e com os seus conflitos, enfim com o contexto cultural –, pois é esse conjunto que “governa” o surgir desse fenômeno. Não se trata de caracterizar os homens e mulheres bombas como integrantes de um suposto “fundamentalismo islâmico” porque desta forma estaremos ignorando o contexto em que o termo “fundamentalismo” foi originado e o contexto em que o ato suicida é praticado. Não podemos elevar a religião ao patamar de uma motivação exclusiva, embora seja de grande relevância. Outros fatores podem ser observados tais como o ideológico, os sócio-econômicos e os motivos culturais. A imolação dos homens e mulheres bombas pode ser considerada como “destruição sacrificial”, e “uma doação necessariamente retribuída”, porém essa dádiva é um “fenômeno complexo”, pois essa prestação total vai de encontro a consciência dos doadores que não só repudia o massacre de si como também o sacrifício de outrem. Por fim, ressaltamos que a prática suscita um profundo dilema ético porquanto busca justificar ou legitimar a violência e a destruição em razão da nobreza dos fins almejados. E como todo ato violento, ele revela, em pequena escala, no seu extremo heroísmo, a profunda barbárie que permeia o ser humano e as civilizações.

Neste balanço retrospectivo, parece-nos que as nossas indagações iniciais receberam respostas satisfatórias, com os limites que apontaremos em seguida.

A situação atual deste angustiante fenômeno ficou suficientemente descrita e, quanto à pergunta por que homens e mulheres bombas se matam, ficou patente que não há uma única resposta. Eles o fazem não só em nome de Deus, mas movidos por múltiplas razões. E as leituras que nos indicaram caminhos e pistas

mostraram a complexidade de visões e posições. Sem termos uma hipótese definida com relação às leituras que iríamos fazer, baseando-nos em Farah, levantamos suposições de que essas leituras poderiam conter generalizações indevidas com relação ao Islamismo. E isso realmente ficou patente. Não só percebemos uma tendência geral, salvo exceções, de ver o fenômeno ainda sob o prisma ultrapassado de um choque de cultura ou de civilizações, pelo qual essa prática suicida revelaria o antagonismo de uma civilização ainda bárbara e anti-moderna frente à “civilização ocidental” “democrática”, “respeitosa” dos direitos humanos e avançada em tecnologia e conquistas sociais. Nota-se, salvo exceções, a tendência em apontar a religião como fator preponderante e certas leituras enviesadas desse fator, amiúde conduzem alguns autores a condenar, explícita ou implicitamente, no bojo da religião, a própria cultura islâmica. Leituras incorretas, enviesadas das fontes islâmicas e do próprio Islamismo não faltaram. Felizmente, há também leituras, que procuram ver o fenômeno na sua complexidade, indo além dos reducionismos.

Os limites deste trabalho são vários. Primeiro, uma leitura mais adequada do fenômeno que analisamos, especialmente considerando as freqüentes interpretações enviesadas, deveria ocorrer com a ida às fontes do islamismo, à busca de uma compreensão mais exata, a partir das suas matrizes religiosas e culturais. Isso não foi possível, pois essa tarefa requer estudo aprofundado e rigoroso de textos e fontes, algo que o tempo e o espaço não nos permitiram e poderá ser objeto de ulteriores pesquisas.

Muitas questões para o cientista da religião que, surgiram das leituras, são também merecedoras de novas investigações. Duas em especial. Como se posicionam a opinião pública, a cultura e a religiosidade popular islâmica diante desse fenômeno, em especial nós países onde ele aparece com mais freqüência? E outra que toca ainda mais de perto as preocupações das ciências da religião: como a espiritualidade, a mística e a teologia islâmica se posicionam diante da imolação dessas pessoas?

Saramago, em memorável artigo⁴⁶, escrito logo após o 11 de setembro, questiona se Deus realmente estaria presente nessas ações violentas, que se fazem em seu nome, ou, se em vez dele, estaria presente apenas “o fator Deus”.

Depois de descrever as atrocidades que foram feitas ao longo da história em nome “de um Deus tornado assassino pela vontade e pela ação dos homens”, afirma que “foi ‘o fator Deus’ em que o deus islâmico se transformou, que atirou contra as torres do World Trade Center os aviões da revolta contra os desrezos e da vingança contra as humilhações”. E continua:

Dir-se-á que um deus andou a semear ventos e que outro deus responde agora com tempestades. É possível, é mesmo certo. Mas não foram eles, pobres deuses sem culpa, foi ‘o fator Deus’, esse que é terrivelmente igual em todos os seres humanos onde quer que estejam e seja qual fora a religião que professem, esse que tem intoxicado o pensamento e aberto as portas às intolerâncias mais sórdidas, esse que não respeita senão aquilo em que manda crer, esse que depois de presumir ter feito da besta um homem acabou por fazer do homem uma besta. (SARAMAGO, 2001, p.2)

Teria razão Saramago? É uma grande provocação para que a pesquisa continue, pesquisa que iniciamos, no título, com essa interrogação: Matar-se em nome de Deus?

⁴⁶ Artigo, *O Fator Deus*, Disponibilizado no endereço www.directnet.com.br/users/frejlich/fatordeu.htm, acesso em 29/03/2007.

BIBLIOGRAFIA

- ABDOUNI, Mohamed. O Islã prega a paz. Entrevista publicada pela *Revista Veja* em 03/08/2005, Edição 1924, ano 38, n. 39, p. 11 a 15. São Paulo: Editora Abril.
- ALI, Ayaan Hirsi. O Islã é fascista. Entrevista publicada pela *Revista Veja* em 22/06/2005, Edição 1910, ano 38, n. 25, p. 11 a 15. São Paulo: Editora Abril.
- ALVAREZ, A. *O Deus Selvagem: Um estudo do suicídio*, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1999.
- ANTES, Peter. *O Islã e a política*. São Paulo: Editora Paulinas, 2003.
- ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Rio Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- ATRAN, Scott. Dificuldade para lidar com o terrorismo. *Review of Social Science*, Volume 299. Site www.sciencemag.org, acesso em 07/03/2006.
- ATRAN, Scott. Gênese of Terrorism Suicide. *Review of Social Science*, 2003, Volume 299. Site www.sciencemag.org, acesso em 07/03/2006.
- AUGRAS, Monique. *O que é Tabu*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BAYARD, Jean-Pierre. *Ritos Mortuários*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.
- BENDLE, Mervyn F. Trajectories of anti-globalism. *Jornaul of Sociology*, 2002. The Australian Sociological Association, Volume 38 (3): 213-222.
- BOWKER, John. *Os sentidos da morte*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- BLOOM, Mia. Response to Who are the palestinian Suicide bombers? *Terrorism and Political Violence*, Vol. 16, nº 4 (Winter 2004), pp. 849-850, Taylor and Francis, Inc., 2004.
- CARDOSO, Silvia Helena e SABBATINI, Renato M. E. A Mente do Terrorista Suicida. *Revista Cerebrum*. Nova York: Dana Forum on Brain Science. Summer Issue, 2001. Site: www.cerebromente.org.br/n13/terrorist8.html, acesso em 15/04/2004.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- CIOTOLA, Marcelo R. A recepção dos direitos fundamentais na constituição da República islâmica do Irã. Rio de Janeiro: *Rev. Direito Eletrônica PUC/RJ*, 2004.

Site: http://sphere.rdc.puc-rio.br/sobrepuc/depto/direito/revista/online/rev14_marcelloc.html. Acesso em 12/09/2004.

COOK, David. *Understanding jihad*. University of Califórnia Press, 2005.

DAVID, René. *Os Grandes Sistemas do Direito Contemporâneo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

DAMIÃO, Valdemir. *História das Religiões*. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2003.

DALACOURA, Katerina. Violence, 11 september and the interpretations of Islam. *International Relations Copyright*, 2002, *SAGE Publications*, (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), Vol 16 (2): 269-273.

DALE, Stephen Frederic. Anticolonial Terrorism in India, Indonesia, and the Phillipines. *The Journal of Conflict Resolution*, Vol. 32, 1988.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: Testemunhos de adeus*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DISHMAN, Chris D. Fighting for god: motivations and aims of religious terrorists. *Terrorism and Political Violence*, Vol. 15, nº 4 (Winter 2003), pp. 190-201, Taylor and Francis, Inc., 2003.

DOLNIK, Adam. Critical Commentary on Who are the Palestinian Suicide Bombers? *Terrorism and Political Violence*, Vol. 16, nº 4 (Winter 2004), pp. 845-848, Taylor and Francis, Inc., 2004.

DURKHEIM, Emile. *O suicídio: Estudo de Sociologia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

EUBEN, Roxanne L. Matando (por) política. *Review of Social Science*, Volume 299, site www.sciencemag.org, acesso em 07/03/2006.

FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Editora Publifolha, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Mini Aurélio: Século XXI*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIANULO, Wilson. *Código Penal Alfabético*. São Paulo: Editora Jurídica Brasileira, 2004.

GILISSEN, John. *Introdução Histórica ao Direito*. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

HADDAD, Jamil Almansur. *O que é Islamismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HETCH, Richard. Deadly History, Deadly Actions, and Deadly Bodies: a response to Ivan Strenski's 'Sacrifice, Gift and the Social Logic of Muslim "Human Bombers"'. *Terrorism and Political Violence*, Vol. 15, nº 3 (Autumn 2003), pp. 35-47, Frank Cass, London, 2003.

HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry e GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

KALINA, Eduardo e KOVADLOFF, Santiago. *As cerimônias da destruição*, Tradução de Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1983.

KAMEL, Ali. *O que pensam os fanáticos do islã*. Rio de Janeiro: Editora Rios Estudos, 2003.

KAMEL, Ali. *O próximo alvo*. Rio de Janeiro: Editora Rios Estudos, 2003.

KIMHI, Shaul e EVEN, Shemuel. Who are the Palestinian Suicide Bombers? *Terrorism and Political Violence*, Vol. 16, nº 4 (Winter 2004), pp. 847-854, Taylor and Francis, Inc., 2004.

KITSCHOLT, Herbert. A origem do terrorismo internacional no Oriente Médio. *Review of Social Science*, Volume 299. Site: www.sciencemag.org, acesso em 07/03/2006.

LAQUEUR, WATER, No end to war. New York: NY, Continuum International Publishing Group, 2003, pp. 287, ISBN 0-8264-1435. *Terrorism and Political Violence*, Vol. 15, nº 4 (Winter 2003), pp. 190-201, Taylor and Francis, Inc., 2003.

LIMA, Raymundo. O suicídio: espetáculo na sociedade do espetáculo. *Revista Espaço Acadêmico*, 2005, n. 44. Site: www.espacoacademico.com.br, acesso em 17/06/2005.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva: formas e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

MORIN, Edgar. *O método*, volume 6: Ética. São Paulo: Editora Sulina, 2005.

NASR, Helmi. *A expansão do Islão na época presente*. Problema de Aculturação. Rio de Janeiro: Editora Delegação da Liga dos Estados Árabes, 1970.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Editora Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, Macropédia, Volume 4, P. 230 e 231, São Paulo, 1998.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Editora Paulus, 1996.

PALHARES, Patrícia Almeida e BAHLS, Saint-Clair. O Suicídio nas civilizações: uma retomada histórica. *Revista Trimestral*, Ano 97, Número 84-85, Ano 97, 2003. Site: <http://www.aperj.com.br/publicacoes/revista/2003/suicidio.asp>, acesso em 03/04/2003.

PAPE, Robert A. *Dying to win: The strategic logic of suicide terrorism*. EUA: Random House, 2005.

PASTORE, José. A lógica do terrorista suicida. 2001. Site: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/j_pastore/id200901.htm, acesso em 02/08/2004.

PEDAZHUR, Ami. Toward an Analytical Model of Suicide Terrorism: a comment, *Terrorism and Political Violence*, Vol. 16, nº 4 (Winter 2004), pp. 841-844, Taylor and Francis, Inc., 2004.

PEZO, Maria Antonieta. Do homem bomba ao filho bomba. Site: <http://www.pailegal.net/fatpar.asp?rvTextold=1120679407>, acesso 03/10/2005.

QUEIROZ, José J. Educar para a solidariedade: princípios e rumos. In. ALMEIDA, Cleide e PETRAGLIA, Izabel, *Estudos e Complexidade*, São Paulo: Editora Xamã, 2006, p. 49-64.

RANGEL, Vicente Marotta. *Direitos e Relações Internacionais*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

SARAMAGO, José. O fator Deus. Site: www.directnet.com.br/users/frejlich/fatordeu.htm. Acesso em 29/03/2007.

SILVA, Marcimedes Martins. *Suicídio: Trama da Comunicação*. 1992. Dissertação (Mestrado de Psicologia Clínica) PUC. São Paulo.

STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus: por que os militantes religiosos matam*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

STERN, Jessica. *Terror in the name of God. Terrorism and Political Violence*, Vol. 15, nº 4 (Winter 2003), pp. 190-201, Taylor and Francis, Inc., 2003.

STRENSKI, Ivan. Reply to Hetch and Martin. *Terrorism and Political Violence*, Vol. 15, nº 3 (Autumn 2003), pp. 57-61, Frank Cass, London, 2003.

SEDGWIGH, Mark. Al-Qaeda and the nature of religious terrorism. *Terrorism and Political Violence*, Vol. 16, nº 4 (Winter 2004), pp. 795-814, Taylor and Francis, Inc., 2004.

WILKINSON, Paul. *Terrorismo político*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

SITES

BBB Brasil.com: www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021109_jihadmp.shtml. Acesso em 31/01/2007.

Comunidade Árabe do Brasil: <http://www.arabias.com.br/politica/organizacao.htm>. Acesso em: 03/10/2005.

Espaço Acadêmico: www.espacoacademico.com.br. Acesso em 17/06/2005.

Fórum Social Mundial: <http://www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 13/03/2007.

Revista Celebrum: www.cerebromente.org.br. Acesso em: 15/04/2004.

Revista de Direito Eletrônica PUC/RJ: <http://sphere.rdc.puc-rio.br/sobrepucc/depto/direito/revista/online>. Acesso em 12/09/2004.

Review of Social Science: www.sciencemag.org. Acesso em 07/03/2006.

Wikipédia, a enciclopédia livre: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bronislaw_Malinowski. Acesso em: 03/10/2005.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.